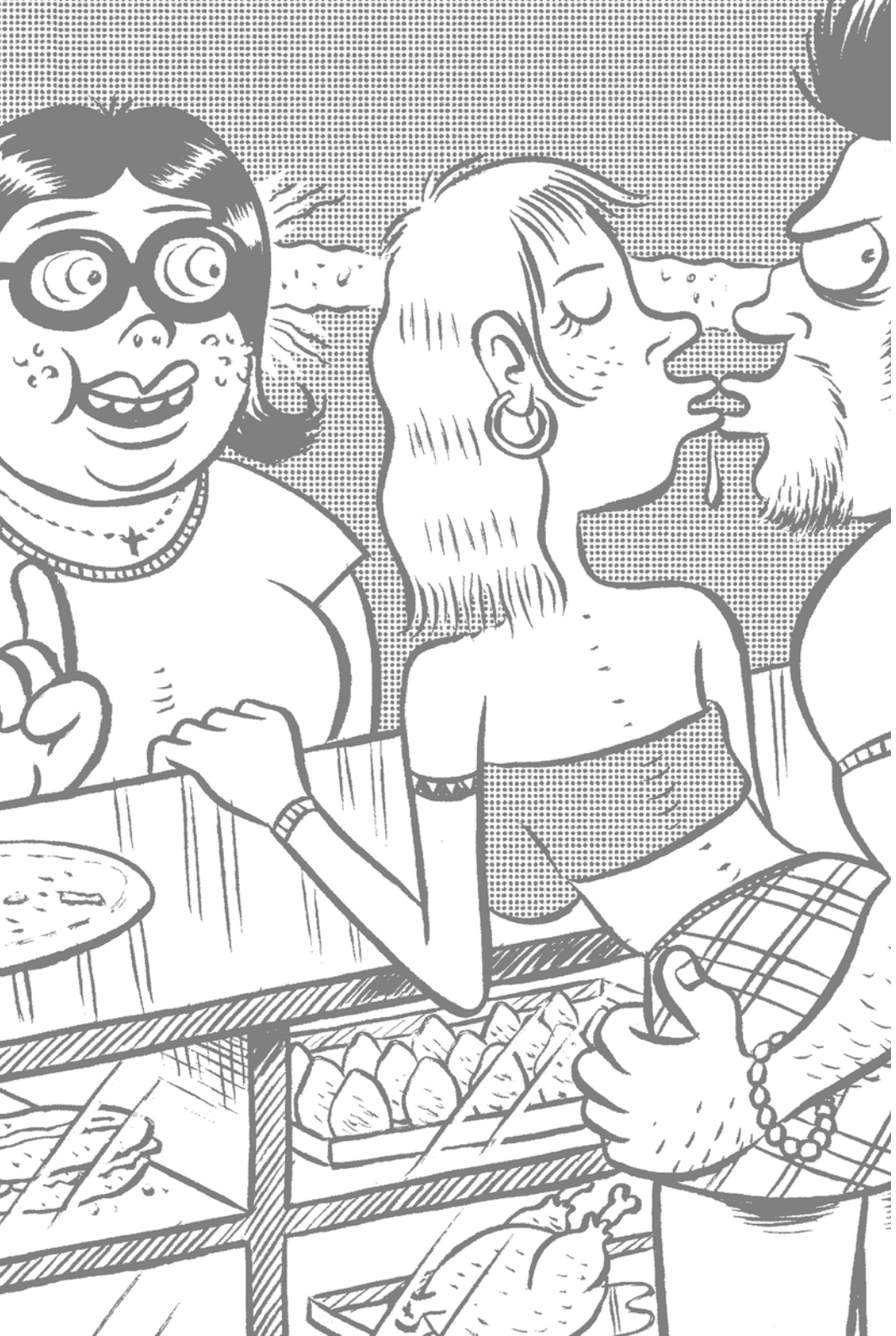


riscio:ruído



CARRDOSO

riscio:ruido

DBA

CONSELHO EDITORIAL
JOCA REINERS TERRON
MARCELINO FREIRE
NELSON DE OLIVEIRA
RONALDO BRESSANE

COORDENAÇÃO EDITORIAL
ADRIANA AMBACK

PROJETO GRÁFICO DA CAPA
NELSON DE OLIVEIRA
TEREZA YAMASHITA

PROJETO GRÁFICO DO MIOLO
JOCA REINERS TERRON
TEREZA YAMASHITA

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA
EMANUEL S. DELLA NINA

DESENVOLVIMENTO E FINALIZAÇÃO DA CAPA
RUBENS AMATTO

ILUSTRAÇÃO
ALLAN SIEBER

PREPARAÇÃO DE TEXTO
RONALDO BRESSANE

REVISÃO DE TEXTO
ALEXANDRE BARBOSA DE SOUZA
JURI PEREIRA

FOTO DO AUTOR
JOÃO "NES" CZARNOBAI

DADOS INTERNACIONAIS DA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
[CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL]

CARDOSO
CAVERNAS & CONCUBINAS: CAUSOS & MENTIRAS /
CARDOSO; [ILUSTRAÇÃO ALLAN SIEBER]. – SÃO PAULO:
DBA ARTES GRÁFICAS, 2005. - (COLEÇÃO RISCO:RUÍDO)

ISBN 85-7234-229-X

I. CONTOS – LITERATURA BRASILEIRA I. SIEBER, ALLAN.
II. TÍTULO. III. SÉRIE

05-3103

CDD-869.93

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. CONTOS: LITERATURA BRASILEIRA 869.93

COPYRIGHT © 2005 BY CARDOSO

OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO PERTENCEM A
DBA DÓREA BOOKS AND ART
AL. FRANCA, 1185 CJ. 31
01422-001 SÃO PAULO SP
TEL. [55 11] 3062 1643 FAX [55 11] 3088 3361
DBA@DBAEDITORA.COM.BR
WWW.DBAEDITORA.COM.BR

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DESTA OBRA.
PROIBIDA TODA E QUALQUER REPRODUÇÃO
DESTA EDIÇÃO POR QUALQUER MEIO OU
FORMA, SEJA ELA ELETRÔNICA OU MECÂNICA,
FOTOCÓPIA, GRAVAÇÃO OU QUALQUER MEIO DE
REPRODUÇÃO, SEM PERMISSÃO EXPRESSA DA
EDITORA.

Cavernas & concubinas

causos & mentiras

[SUMÁRIO]

15	PÓS-MODERNISMO
20	BRAIN DAMAGE
26	CINCOENTA
29	O OITAVO DIA: PAFÚNCIO
34	BILTRES FLATOS
35	SEGUNDA PESSOA NO FUTURO
37	INFINITO
41	FUTEBOL ARTE
44	NÃO ALIMENTE OS ANIMAIS
45	SUPERBE GLISSADE EXTRAVAGANZA
48	CONHO
49	A TRILOGIA DO LEÃO
52	CUAQUÁ
53	EPIFANIAS
55	DALI
57	PROLETARIADO É FODA
58	SEMPRE EXISTIRÁ A ESPERANÇA DA PERUCA
60	INTEIRAMENTE COISA NENHUMA
63	ANALISTAS
64	LÔCHA

73	GROTESQUE
76	LIAMBA LOMBACIMA
78	...E QUAL É QUE ERA MESMO AQUELA HISTÓRIA?
80	OUTORGANDO POR AÊ
82	KOANS – 1 DE 8 (A 90°)
83	INTERFERÊNCIAS NO FLUXO DA CONSCIÊNCIA
91	LOUISE
94	1988 – O ANO DA CONSTITUIÇÃO DE 1988
98	AS DEZ MIL COISAS
102	CONFORME PROMETIDO
109	O SEGREDO DA VIDA
110	DOIS DEDINHOS DE PROSA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
112	UM UPDATE PERTURBADOR
115	ESPAÇO RESERVADO
117	MUSCULÊUTICA & ESQUELÉTICA
120	SEMPRE AO NORTE
123	CHEIA DA GRAÇA DE DEUS
125	OS MAIS ESTRANHOS FINS DE SEMANA DA TERRA...
133	OHO
135	ELETROCHILLI CON CARNE
142	KOANS – 2 DE 8 (A 90°)
144	EXPERIÊNCIA
171	<i>INSTANTÂNEO DE UM INDIVÍDUO INDEFINÍVEL, POR RONALDO BRESSANE</i>

Para Paulo Seben
e João “Nes” Czarnobai
cuja AUSÊNCIA de EXISTÊNCIA
impediria de HAVER o que HÁ
pesando em suas mãos agora

*“Seis de março de um Márcio muito moço;
não, mentira: é seis de agosto. Mais desgosto”*
As melhores tarefas de Eleonora Tadsuela

Carlos Cafifa

Pós-Modernismo

CONTRARIANDO UM DOS MAIS SAGRADOS preceitos da rigorosa, porém tácita TÁBUA DE LEIS do universo pingüço, eis que me resolvo performando memorável EMBORRACHAMENTO perto das duas e meia da tarde de quarta-feira. Dei um FATALITY no trampo que, por sinal, já nem lembro o que ERAS. Aliás, não tenho muita certeza de quem SOIS. O que SEIS é que mais um dá SETE, e mesmo assim nem SEMPRE. Com SORTE volto a afirmar que tudo de que lembro é do momento preciso da RUPTURA.

Pois lá ia mais da metade do ano e ainda nada de mais havia acontecido, até que o meu primo que saiu lá de ANACONDINA voltou cheio de idéias TRANSGRESSORAS da SUÉQUIA e resolveu me mostrar um vídeo independente que era o MUST da TEMPORADA. Parece que chama SVENSKARCINOGENIC ou PLUTO, não sei: ou era um nome enorme e complicado com ESSE ou MIRRADINHO e simplório com PÊ. Não sei.

Negócio que o lance é um documentário em preto-e-branco composto de um CORREDOR POLONÊS de depoimentos AMARGURA-

DÍSSIMOS de jovens rondando a casa dos 20 anos unidos pela PACIÊNCIA terminal de CÂNCER. “Lá em ANACONDINA se neguinho vê isso se MATA na mesma hora. Tem que ser COSMOPOLITA pra segurar a TROLHA.”

Pronto, sabia: voltou CHAMANDO NA FRONHA. Cosmopolita? Agora só me falta aparecer um monte de magrão PELADO dançando abraçado e balouçando a PAULICÉIA DESVAIRADA. Não foi o que aconteceu.

Sobre o filme posso apenas dizer que ARRUINOU meu ESPÍRITO. A verdade é que não entendi muito bem o que tava rolando até que a película se ENCERROU, me arrancando a ALMA pelo UMBIGO – que eu já ouvi dizer que é o único lugar por onde se EXTRAI a CONDENADA.

Enfim, só podia ser coisa de SUÉQUIO mesmo.

O diretor de arte é BÚLGARO, me corrige o NECO-BALA. NECO-BALA, o meu primo, não o corretor de seguros. Na real, meu primo ROUBOU o nome dele nas RUAS quando lhe meteu uns FURABOLO nas GÜENTA. A polícia até sabe, mas nunca fez nada. Não tem a PRESUNTAGEM em cima, então não LAVRA. Sabe como é que FÚNCIA.

De toda forma, foi o NECO-BALA quem me levou pra LIBERTINAGEM da qual decidi gozar na noite mais SUJA que se ergueu à minha frente na VIDA. Derrubei-a com GANA e PRESSA: mal pude conter meus instintos e contar o número de BACALHUDAS com quem incorri em INTERCURSO. Igualmente me descuidei em controlar o volume de álcool que era acrescentado à minha concentração sangüínea. O mesmo se passou à do NECO-BALA. E, de uma forma MUITO MAIS GRAVE, à de cada uma das PIRANHAS que desfrutaram de nossa COMPANHIA.

Tive que deixar as chaves e os documentos da CHEVETEIRA na saída, mas aponteí o carro que tava lá na esquina. Enquanto eles iam ADQUIRIR seu mais novo BEM, fiz uma ligação direta no MEU, que tava BEM ali na frente. Larguei tão na MACIOTA que eles nem viram.

Foi aí que ELA me apareceu.

Quatro e vinte da manhã, FARRAPOS: claro que era ou PUTA ou MORTA de conto fantástico pedindo pra salvar o FILHO das chamas do carro. Por via das dúvidas, meu primeiro instinto me IMPEDIU de parar depois que a COLHI com o PARACHOQUE, na frente de uma parada de ônibus.

Como nem ligando o ESGUICHO e o LIMPADOR DE PÁRA-BRISA ao mesmo tempo ela saiu do meu VIDRO, pensei que seria de PRAXE convidá-la pra tomar um CAFÉ, querendo dizer uma TACINHA de vinho tinto de GARRAFÃO ali no VAN GOGH. Ela disse sim, querendo ouvir TALAGAÇOS de purinha no JOÃO e TECAÇOS no talco podre do ARAÚJO.

Todos os desejos foram atendidos. Mais de muitas vezes.

Uma hora depois, ela chupava meu SACO na SANTO ANTÔNIO e tentava enfiar aquela unha rósea e PONTUDA no meu CU. Por graça divina, creio, prendia sempre uma das PEDRAS dos muitos ANÉIS na PENTELHEIRA. Meno male: até dá pra repreender uma MOLHER com a boca na tua ROLA, mas é uma atitude muito ARREPENDÍVEL contrariar a fêmea que te ABOCANHA pelo ESCROTO.

De repente, deu-lhe uma LOUCA. Encerrou um gemido em GRITO, soltando a PELANCA LAMBUZADA de saliva contra minhas COXAS e levantando-se ágil como uma GINASTA. Pulou totalmente o chupe PENIANO, economizou palavras e virou-me a RABA,

levantando a minissaia e encaixando-se habilidosamente no meu ansioso MESTIÇO.

Aí baixou o CONAN: segurei a MUCHACHA pela cintura, virei pra cima do capô da CHEVETEIRA e chamei no MÉTIER. Ela chamou no OBTUSO, levantou a NADEGAGEM e comprimiu a PEITAMOLA restante no ESFREGA até a outra ponta do capô, quase.

Apesar de estar praticando uma SENHORA ENRABADA, notei que havia algo estranho naquilo tudo: onde estava o CALOR HUMANO? Pelo menos uns TRINTA GRAUS mais frio que o habitual esse CU certamente estava. É um ANDRÓIDE isso? Um CIBORGUE? Ih, caralho, será que não dá choque quando MOLHA?

Choque não deu, mas ESFOLOU minha BISNAGA de tal maneira que no outro dia quando a bebedeira começou a baixar eu pensei que o meu pau tinha tentado se BARBEAR, tamanha a pulsação CARNEVIVÍSTICA do órgão. Confrontei-o com um espelho apenas para encará-lo ARDENDO molhoso, todo BRIOSO de ÓLEOS corpóreos e SALPICADO de pequenos pontos de sangue seco e negro.

Pensei em DÁLMATAS muito queimados do sol e tive PENA dos bichinhos. Senti também muita dor e não tinha mais nenhum PARACETAMOL na área, então abri a primeira CERVEJA que encontrei pela frente. MILAGROS, exclamei: a dor IA-SE por completo pelo tempo de uma lata. Entretanto, ao fim do CONTEINER, eis que novamente se apresentava.

Então abri uma segunda. Uma terceira, uma quarta, uma décima oitava. Pensei que estaria melhor na sexta.

Não estava.

E nem na outra, e nem na depois desta, e nem na seguinte. Toda vez que ENTORNAVA uma BEREJA, me ANALGESIAVA. No momento em que INTERROMPIA o fluxo, me HORRORIZAVA em sofrimento.

Então eu segui bebendo, em doses cada vez MAIORES. Fui da long-neck ao ENGRADADO em seis meses. Uma época tentei trocar o trago pelo ANALGÉSICO, mas um BOTEÇO no caminho da FARMÁCIA nunca me deixou atingir o DESTINO. De toda forma, mesmo que PORVENTURA o atingisse, quando por lá me QUEDASSE era certo que já não mais teria QUALQUER centavo.

Pois é. Grande merda tudo isso: desde que eu vi aquela PORRA daquele filme SUÉQUIO eu não tenho mais SOSSEGO.

Ainda bem que pelo menos a minha mulher AINDA acha que eu sou ALCOÓLATRA.

Brain damage

DIZEM QUE O PÔR-DO-SOL às margens do Guaíba é uma das cenas mais belas do mundo. Também dizem que fumar maconha deixa mais viva a percepção das cores e que pode causar alucinações leves. Dizem ainda que Porto Alegre é a cidade do Brasil onde mais se fuma maconha. Não é de se estranhar, portanto, que Jaime tenha sentado junto com Pedro naquele MORRINHO não muito longe da Usina do Gasômetro pra tostar unzinho assistindo o sol sumindo no horizonte.

– Onde tu pegou esse? – perguntou Pedro, recebendo a OFERENDA.

– Na Conceição. Te liga que é uma paulada no MELÃO – alertou Jaime.

– Pegou quanto?

– Cinquenta.

– Pila?

– Gramas. Cinquenta gramas por cem pila.

– Pô, meio NOS DEDO.

– Pois é. Mas dá uns pega pra tu ver. Tu vai ficar muuuuuuuito louco.

Nada de estranho até aqui.

O sol começa a mergulhar dentro do seu reflexo no rio e a fumaça começa a fazer efeito nos nossos heróis. Como de costume, diversas pessoas repetem o mesmo ritual. Noventa por cento desse risco é calculado: é fácil avistar qualquer aproximação da polícia, que ainda por cima não tem o costume de encrençar muito por causa da ERVA. O espetáculo prossegue sem maiores percalços. Uma história bastante banal, diriam alguns.

Eis que mais uma das exclusividades de Porto Alegre resolve se manifestar para mudar o rumo dessa prosa: a POLÍCIA MONTADA. Pedro avistou ao longe a dupla de BRIGADIANOS cavalgando morosamente, olhar fixo nos dois maconheiros sentados no MORRINHO. Cutucou Jaime:

– Ó, dispensa que deu merda.

– Dispensar o quê?

Não deu tempo de explicar.

Os cavalos já estavam à galope e os HOMENS DA LEI já haviam dado voz de prisão. No meio da confusão, todo o resto da MACONHEIRADA saiu correndo de perto, deixando os dois FUMETAS sozinhos com os policiais. Um deles desceu do cavalo e já foi botando Pedro no chão, revistando todos os seus bolsos. Nada. O outro puxou assunto com Jaime.

– Que que tavam fumando aí?

– Nada, nada...

– Que nada, rapaz? Tá pensando que eu sou palhaço?

– Não, não...

– Então tá mentindo por quê? Vamo lá, vamo lá, cadê a maconha?

– Não tem, a gente não tava fumando.

– Não te faz de bobo, rapaz. Vamo, mostra essa merda aí.

– A gente não tem nada...

– Olha no SACO! Esses filha da puta sempre metem no SACO pra ninguém pegar – falou o outro policial.

– Olha, rapaz, eu não vou mexer no teu SACO. Abaixa as cueca aí e tira fora essa merda antes que eu fique nervoso.

– Tá bom, tá bom...

Jaime enfiou a mão dentro das calças e puxou a PARANGA de fumo. Cinquenta gramas, uma bela de uma pedra. Fumo prensado, uma lasca cheirosa enrolada em papel filme. O policial sorriu debochado:

– E a pontinha, cadê?

– Que pontinha?

– Porra, não começa de novo, guri. Passa a pontinha, passa.

Completamente chapado, Jaime levantou o pé que escondia o flagrante. O policial pegou a ponta, girou nos dedos, olhou de um lado, olhou de outro, e então mostrou ao colega, que se surpreendeu:

– Pô, bem fechado pra caralho, hein?

– Tu tem prática, hein? Senta ali com o teu amigo – disse o primeiro, apontando o mesmo MORRINHO onde estavam sentados no começo dessa AVENTURA. Jaime o atendeu. Os dois policiais se aproximaram e sentaram-se à sua frente. Pedro olhou para Jaime, que, após o elogio do policial, havia ficado totalmente DURINHO, como se tivesse CONGELADO no tempo. O policial olhou para a ponta, depois para o fumo, então sorriu e perguntou:

– Como é que tu enrola assim tão bem?

Jaime permaneceu imóvel. O policial continuou:

– Quer dizer, como é que tu enrola assim? Eu tento que tento e só sai uns PASTEL muito fudido. Não tenho a MANHA, é uma merda. Toda vez que eu vou botar um pra gurizada fumar, os caras ficam tirando uma com a minha cara porque eu só enrolo umas BALAS DE COCO. Diz pra mim, como é que tu faz? Qual é o segredo?

Jaime não acreditava no que o policial lhe pedia. Pedro, menos catatônico, resolveu se manifestar:

– Do que tu tá falando? Quer nos torturar? Já não chega ter nos pego com cinquenta gramas de fumo?! Olha que eu vou chamar os DIREITOS HUMANOS!

– Não, não, gurizada: na boa. Eu não vou prender vocês. O lance é o seguinte: eu e o soldado GAMA passamos aqui todos os dias, mais ou menos nessa hora, logo depois que o sol se põe. A gente sabe que aqui sempre tem nego fumando e a gente vem aqui justamente pra isso, pra ver se alguém nos ensina como se enrola um baseado. Mas é só a gente chegar ali na curvinha pra alguém gritar que a gente tá chegando e sair todo mundo FUGANDO.

– Ah, pára!

– Tou te dizendo. E não é só a gente que faz isso: isso é comum entre TODOS os policiais. A verdade é que nós somos muito ruins fechando baseado.

– Tu tá louco, cara. Tá mais louco que nós.

– Não, não, numa boa. Aqui. Olha. Tá vendo aquele pessoal de CAMPANA ali naquela viatura? Porque tu acha que eles não vieram aqui dar um ATRAQUE em vocês?

– Pois é, boa pergunta.

– É que ontem eles pegaram uns surfistinhas do Moinhos que já ensinaram como é que se enrola um beque, então eles não precisam de vocês.

Eis uma afirmação que fazia certo SENTIDO, pensou Pedro.

– Pô, perai. Tá falando sério?

– Seríssimo. Agora tu vai nos ensinar ou quer passar a noite na DEPÊ?

Sem ter nada a perder, Pedro resolveu obedecer.

– Tá, me passa o fumo aí que eu te mostro, então.

– Vai lá.

– Assim, ó. Primeiro tu pega o tijolinho e tira uma lasquinha. Depois tu pega essa lasquinha e esfarela tudo bem esfarelado entre os dedos. Tem que ficar bem esfarelado mesmo, não pode ficar esses caroços aqui senão não fecha nem queima direito. Isso chama ESMURRUGAR.

– AHHHHHHHHH!

– Aí tu pega a tua seda e põe esse farelinho dentro, ó. Daí tu rola pra cima, pra baixo e vai rolando até ficar bem apertadinho, saca? Pega aí, dá uma praticada.

– Hum... Pô, esfarelado assim fica fácil de enrolar mesmo.

– É o segredo.

– Tá, e agora?

– Agora tu dá uma lambida aqui ó, que é onde tem a GOMA. Lambe e termina de rolar. Uma das pontas tu segura firme com os dedos e GIRA, pra fechar. A outra, tu deixa aberta. Aí tu vira ele com a ponta fechada pra baixo, pega um palitinho ou qualquer outra coisa e enfia assim, ó, pra PILAR o fumo. Vai, tenta tu.

– Perai... deixa eu ver... Pô, olha só, Gama, enrolei um tri bom agora.

– Deixa ver. Ih, enrolou mesmo, hein? Que massa.

– Bom, guri, acho que era isso. Tô o teu fumo e te arranca daqui.

– Valeu, seu guarda.

– Eu que agradeço. E vê se não esquece da pontinha. Até.

– Até.

Os brigadianos montam nos cavalos e começam a ir embora. Durante todo o tempo, Jaime permaneceu sentado, de boca aberta, ainda sem acreditar muito no que tinha visto. Pedro resolveu dar-lhe um SACODE.

– Ô Jaime. Acorda, rapá!

– Cara... aconteceu mesmo isso? Tipo... os porco nos pararam pra perguntar como é que se ENROSCA um beck e tu ensinou?

– É... ou isso ou esse teu fumo é mesmo uma paulada no melão.

– Pódi crê.

A essa altura o sol já havia sumido há um tanto, mas mesmo assim os dois ficaram lá sentados, queimando a pontinha que sobrou.

Cincoenta

E AÍ UM DIA MEU PAI amanheceu completamente pira-do e acabou DIMITIDO. Mas como o véio tem TINO para NEGÓCIOS, logo deu um jeito de DESCOLAR uns trocados inventando uma fórmula infalível: a partir de agora, TUDO lá em casa custa CINCOENTA centavos. No começo achei que o véio tinha mesmo enlouquecido. Como ele ia ganhar dinheiro cobrando CINCOENTA centavos por VÍVERES que cus-taram quase cinqüenta DINHEIROS? Pensei direto no PERNIL de três quilos e na garrafa de STOLICHNAYA importada. Por UM PILA eu arremato a dupla. Pobre véio: vai tomar um PREJU fudido.

Depois de uns dias, entretanto, a genialidade do plano começou a transparecer.

Fui abrir a geladeira e ele tava lá na cozinha, sentado de ladinho e CHINELAS:

- Que tu vai fazer aí?
- Pegar uma Coca.
- Cinqüenta centavos.
- Barbada - disse, e atirei uma MOEDA.

- Opa! Péra lá um pouquinho que não é BEM ASSIM. Senão vejamos: são CINCOENTA centavos só pra tu ABRIR a geladeira. Aí, outros CINCOENTA pela Coca. E tu vai ter que usar um copo, né? Nada de tomar no bico, senão é CINCOENTA por tomar no bico e mais CINCOENTA de multa, porque isso de tomar no bico é uma PORQUICE fudida. Como eu imagino que tu vá preferir pegar um copo, são CINCOENTA pra abrir o ARMÁRIO. E mais CINCOENTA pelo copo. Se não lavar depois, é CINCOENTA de taxa de limpeza. Se lavar, é CINCOENTA também. Ah, e se tu lavar são CINCOENTA pra abrir e CINCOENTA pra fechar a torneira. E outros CINCOENTA pro sabão.

Tomei a Coca e pedi um FIADO. Custos astronômicos, eu estava desprevenido. Mas meu véio não: ele já tem até um caderninho pra anotar essas coisas. Com uma ressalva:

- Pra anotar é CINCOENTA.

Deixei a cozinha em direção à sala e, quando tentei subir as escadas para chegar ao meu quarto, eis que NOVAMENTE ele estava lá, prostrado no primeiro degrau:

- Vai subir, é? É CINCOENTA.

- Pô, véio, me dá um desconto aí.

- Claro, sem problema. Mas pra dar desconto também é CINCOENTA.

Por um tempo, as coisas funcionaram desse jeito. Cada mínima ação que meu pai me FLAGRAVA executando dentro de casa passava automaticamente a custar CINCOENTA centavos. Passei a MINIMIZAR minhas ações. Não mais ligava ou desligava luzes e eletrodomésticos, comia modestamente e girava o míni-mo de MAÇANETAS possível. Percebendo a queda na arrecadação, meu véio passou a se concentrar na cobrança de MULTAS absur-

das, como CINCOENTA centavos por limpar o ouvido DIREITO com a mão ESQUERDA. A situação ficou realmente insustentável quando ele se deu conta de que podia cobrar o PERNOITE.

Aí fugi de casa.

(...)

Nos anos seguintes, meu pai dedicou seu tempo a me encontrar. Procurou no fundo dos ABISMOS mais profundos e nos CUMES das montanhas mais altas. Nos mares, nas florestas, nas cidades. Procurou por toda parte. Ele já não comia, não dormia, não fazia mais nada. Só me PROCURAVA.

Num setembro desses, depois de uma semana extenuante de buscas pelo SUBMUNDO do CRIME, ele acabou me encontrando batendo PONTO numa esquina da Auxiliadora. Estava HORRENDO. Magro, barbado e esfarrapado. Fraco e trêmulo, mal conseguia manter a cabeça erguida. Locomovia-se com dificuldade. Parecia ter envelhecido uns CINCOENTA anos.

Quando por fim me reconheceu, puxou do bolso seu CADERNINHO, abriu numa página rabiscada de VERMELHO e usou o resquinho de voz que ainda lhe escapava da garganta para proferir aquela que seria sua última frase:

– Pra fugir de casa também é CINCOENTA.

O oitavo dia: Pafúncio

OUTRO DIA EU FUI COMPRAR UM SANDUÍCHE, tinha um cara gordo na minha frente e ele pediu TRÊS. Daí eu lembrei melhor da história e não era um cara gordo, mas um casal apaixonado com o tradicional CANSAÇO SENSUAL transparecendo nas profundezas contentes de suas vozes e olheiras, evidentemente sofrendo do YOGA FLAME DO LOVE. A mina ainda procurava MANTER alguma dignidade, mas o cara tava muito EMBRIAGADO de paixão, como o cara normalmente fica quando se providencia um FINE ASS BANGIN' ALL NITE LONG. É aí que entra a BOBAGEM e tu começa a te PERDER. Tu te sente muito fudidaço pra caralho quando deu aquele BAGO BEM PEGADO, isso é fato. E é justamente quando tu te sente muito fudidaço pra caralho que tu tá completamente SUSCETÍVEL a fazer A merda. Não fazer a MERDA. Fazer A merda.

E a essas alturas tava lá o cidadão todo DEBRUÇADO na bancada, trocando de BASE no COTOVAS, mexendo a cabeça e se TOCANDO como se vivesse naquele momento num daqueles filmes da EMANUELLE. Insistia em mandar ver num RITUAL DE ACASALAMENTO

bizarro, jorrando SENSUALIDADE por todos os poros e falando uma quantidade inacreditável de merda praquela mina.

E ainda pediu TRÊS FARROUPILHA e DOIS CAFÉ.

Na velocidade do pensamento concluí que, porra, eu tava fudido. Eu queria MUITO comer um sanduíche ANTES daquele casal. Até porque eu não tinha assim tanto tempo – se pá uns QUATRO MINUTOS. Eu poderia afirmar que TODA MINHA VIDA dependia desse momento. Eu poderia até escrever UM LIVRO sobre isso. Mas nada disso me interessava. O que eu queria era um sanduíche. E um sanduíche é um troço que DEMORA pra preparar, porque sanduíche tem que ser MUITO BEM TRABALHADO. Sanduíche feito À LA MIGUELÃO fica sempre uma merda.

Sete da matina é sempre um problema, cara. Sempre tem só UMA mina pra fazer o sanduíche e ela vem do TURNO ANTERIOR, ou seja, certamente VIROU A MADRUGA presenciando as PERIPÉCIAS da JUVENTUDE que habita os POSTINHOS e curte um BIRINAITE AFU regado à ceva amiga, tragadas de GUDANG, EURODANCE POPERÔ COLETIVO na mistura do sistema de som do CARRO da moçada e RASGAÇÃO das GATAS QUENTES que tão SEMPRE na banda.

Aí eu me dei bem porque eu lembrei que nem era um sanduíche que eu queria, na real. Era um SALGADO.

Mas o problema do tempo persistia. Em tese, a dupla que compraria INGLESIOS para shows do JULIO IGLESIAS estava na minha frente. Eles tinham chegado antes de mim. E agora lembrei melhor ainda: a gente chegou mais ou menos ao mesmo tempo – eu e o casal. O THREESOME todo. Na nossa frente já tava rolando um GORDINHO mesmo, e esse cara tava pedindo um sanduba pra mina do BALCONÍDEO. Não, peraí, não era um GORDINHO, era tipo um TIOZÃO NOBRE, bem das vestimenta e tudo, tomando, sei lá, um PINGADO com umas BOLACHA, uns BISCUÍ, umas nata, sei lá.

Aí meti aquela projeção estratégica baseado só no CROQUI MENTAL que tinha feito do lugar e SENTI O ABRAÇO. Esse casal vai me FUDER O ESQUEMA. Vou me atrasar pra caralho. Eles são DOIS. E de olhar pra eles qualquer um diria que estão ESFAIMADOS. E eu só queria um SALGADO. Ia pedir o salgado, pegar o salgado e ir pro caixa pagar o salgado. Isso demora de OITO a VINTE segundos, QUARENTA se a mina do balcão for meio lenta.

Eu quase desenvolvi toda uma teoria para ANTIPATIZAR com aquele casal, o que tornaria mais fácil a tarefa de ANTAGONIZÁ-LOS, que era tudo que eu poderia fazer num momento delicado desses, TU HÁS DE CONVIR. Mas não deu tempo de pensar direito e a mina do balcão já lhes foi EXTRAIR o pedido. Foi ELE quem tomou a dianteira e CANTOU A PEDRINHA:

TRÊS FARROUPILHA e DOIS CAFÉ.

Manjei a figura: tá exercendo o papel de MACHO, demarcando TERRITÓRIO. Mais essa. Putamerda. Tenho que pensar rápido. Eu tinha apenas uma chance contra este ESTOGOSSAURO: o meu INCRÍVEL PODER DE HIPNOSE, recentemente descoberto. Modéstia à parte, eu COMANDO na HIPNOSE. Quer dizer, eu já sou bem melhor que aquele FÁBIO PUENTES, por exemplo, porque eu não fico te ESPETANDO a GARGANTA nem dou CEBOLA pra tu comer dizendo que é MAÇÃ quando tu tá em TRANSE. Eu só sei fazer UM gesto hipnótico do MANDRAKE e nem é aquele com as MÃOS. Mas já é o suficiente pra FURAR UMA FILA, por exemplo.

Apelei pra técnica que aprendi com o INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO. Segurei nas SOBRANCELHA toda a minha DESCONTÊNCIA com o fato de que teria de esperar MILHÕES DE MINUTOS VEZES DOIS pelo meu tão cobiçado sanduíche. Quer dizer, SALGADO. De tanta energia que se concentrou na área, chegou a sair FAÍSCA quando a mina do balcão me SOSLAIU NA CANTOLA. Ela tava de

correria pra cozinha no intuito de APRONTAR a REFEIÇÃO DO AMOR, mas se DETEVE imediatamente quando usei O PODER. O que se verificou foi o que há de mais genuíno em matéria de GÜENTA.

Segurei o estado por MILÉSIMO DE SEGUNDO, então PERDI. Foi o que bastou para ENTREGAR O PACOTE.

Tive certeza quando ela tascou, NAS INQUIRA.

E pra ti, moço?

SALGADO.

Qual deles?

Esse QUADRADÃO aqui.

Ainda que tenha sido um intento bem sucedido, não me antecipei em comemorar, pois notei que a atitude da moça do balcão provocou um súbito acesso de CONTRARIEDADE do NOVE-MEIASEMANASDEAMOR, que ainda quedava-se sorrisos quando o havia visto pela última vez. E aí o óbvio OCORRE. Quando o magrão tá ESGUALEPANDO A MANDRÁGORA, ele fica todo chapado de TESTOSTERONA. Não há o que fazer: isto pertence à nossa natureza mais primitiva e faz parte do processo de RONQUEPUCHA. E quando tu tá nas ALTURAS da MASCULINIDADE é que tu fica todo VALENTOSO e TERRITORIAL. Qualquer outro MACHO que tu CHEIRE e entenda como a mais ÍNFIMA ameaça para a tua GATA será ATACADO. A INTENSIDADE deste ataque depende apenas da CONCEN-TRAÇÃO da substância na tua corrente sangüínea – além da tua predisposição pra coisa, influência do ambiente, PIAGÊ, BIRREI-VORISMO, blablabla.

Mas fato é que, fora as explicações científicas, algum tipo de PEITAÇO sempre acaba acontecendo.

Sorte que ele se ENCARNOU bem na MANHOTA na minha, botando na mesa mais uma ADVERTÊNCIA que uma MULTA. Mais uma prova de que, de fato, o cidadão havia CHULEPADO A LAM-

BRETA por várias horas, gastando quantidades NABABESCAS da substância pra manter a bengal EM DIA. Menos mal. Não gosto de brigar de manhã. Ia tomar uma COÇA. Não gosto de brigar nunca, na real. Em qualquer hora que eu brigasse, provavelmente ia tomar uma COÇA, o que certamente seria uma merda. Agora, se eu não tiver escolha senão brigar um dia, vai ser na DESLEALDADE. Quer dizer: eu sei que não me dou com a ARTE, então não vou deixar pro cara me mostrar o quanto ele a DOMINA. Não quero brigar e espero NUNCA me ATRACAR NO TAPA com ninguém, mas também se alguno me INTUIR O MAL FÍSICO, não quero nem saber: é chutão nos BAGO, é mordida na CARA, é DEDO NO OLHO, é JOELHAÇO NA BOCA. É o que vier. Não dá pro cara BRINCAR DE BRIGAR, e isso é que é uma BAITA MERDA.

Mas aí o figura resolve me dar uma MIJADA de leve e MURMURA, me olhando de cantinho:

...mas olha só a cara de pau...

Já ia dar um RADOUKEN nos PEITO do magrão, mas me contive. Sete da manhã é cedo pra caralho. Eu ainda nem tinha ido GARIMPAR UNS COBRE na EMPRESA. O que diria o MUNDO de um cidadão que vai trabalhar TODO FIASDAPUTA depois de sua farra alucinada no universo depravado da BRIGA DE RUA? Eu diria um monte de coisas, assim como faria um monte de outras se estivesse SENTADO NA GRANA. Acontece que ainda não estou e é basicamente por isso que eu ainda preciso trabalhar. E acontece que nem deu tempo de fazer mais nada.

Frango ou queijo e presunto?

A mina do balcão.

Frango.

Biltres flatos

UM GRANDE PONTO DE INTERROGAÇÃO paira sobre a cidade nesta quinta-feira. Algumas pessoas foram lá pra ver mais de perto. Crianças arremessaram pedras sem grande efeito. Se fosse o tempo do ESTILINGUE ainda apostava na derrubada da QUESTÃ, mas sem catapultas portáteis o cara fica realmente numa ENRASCADA contra esse tipo de inimigo. Todo mundo que passa ali por baixo toma uma pergunta na FONTE. Eu que já me duvido aos tantos não quero chegar nem perto. Deixa ele pra lá que um vento ainda vai levar, um raio ainda vai queimar, uma chuva ainda vai molhar. O que eu sei é que esse ponto vai se fuder. Se ENGANCHAR num fio de luz, numa asa de teco-teco, numa NUVEM DE MANGANÊS. Tudo pode acontecer.

Segunda pessoa no futuro

quasi-farsa

TU ABRIRÁS A GELADEIRA e pegarás ingredientes nela: um pote de presunto, um pote de queijo e maionese. Depois te voltarás para o armário de comida e pegarás algumas fatias de pão, mostarda francesa agriçoce e uma faca. Tu então farás um sanduíche de presunto com muito esmero: porás camadas de maionese intercaladas com fatias do suíno acepipe pinceladas com mostarda francesa agriçoce. Em seguida morderás o sanduíche de presunto, com fome e vontade salivantes. Ele retrucará gritando – um grito dolorido e agudo – para tua surpresa total e completa.

Tu ficarás tão chocado que irás largá-lo no prato e te afastar alguns metros, sem deixar de olhar atordoado. Lentamente irás te aproximar novamente da iguaria e tocará sua casca sem muita coragem. O sanduíche gritará de dor novamente. Por alguns segundos, tu refletirás. Pensarás se foi a maconha que fumaste em excesso, se foi o ácido que tomaste nos anos 70 que resolveu agora manifestar um flashback ou se apenas é uma alucinação causada por doenças vermífugas presentes em uma carne ven-

cida que te fez mal. Depois argumentarás, de olho no sanduíche, em tom de veras queixoso:

“Poxa, seu presunto, não reclames, por favor. Eu só te como porque é minha mulher que te compra, é ela quem realmente gosta de comer presunto. Se eu não te comer agora, quem vai te comer é a minha mulher. Se não for ela, serão meus filhos. Se não forem meus filhos, serão meus cachorros. Se por outro lado eu resolver te ignorar e te deixar apodrecer isso terá me custado dinheiro, e eu terei jogado dinheiro fora, o que não é uma opção em tempos de neo-liberalismo. E, se apodrecer, tu virás a perecer da mesma forma. E se tu quiser ser um mártir ou quiser fazer de mim um defensor da causa do vegetarianismo, ou, no mínimo, de um movimento contra o consumo da carne de porco em larga escala, lembre-se de que minha mulher ainda vai continuar a comprar presunto. E mesmo que ela não compre, alguém vai comprar. E se ninguém comprar vai ser uma merda também porque milhares de suinocultores vão ficar com dificuldades nos negócios e possivelmente venham a morrer de fome ou juntar-se à crescente massa de crime urbano, o que invariavelmente vai estourar aqui na porta de casa mais cedo ou mais tarde.”

Nesse momento, tu escutarás do até então silencioso presunto a seguinte belicosa frase:

“Ok, companheiro, me convenceste. Manda ficha.”

E tu morderás, morderás e morderás e comerás todo o sanduíche com indiferença e glotonice.

Infinito

NESTA ALVA SALA em que os olhos DOEM de tão LÍVIDA, nada mais há que uma POLTRONA de CAMURÇA marrom postada na frente de um PUFE igualmente ACOBERTADO e um TELEVISOR antigo, provavelmente TELEFUNKENÍACO ou SIMILAR. Permitindo o TRÂNSITO entre o cubículo e o resto do MUNDO, ainda há uma PORTA, ao lado da qual JAZ o interruptor responsável pela LÂMPADA que, acesa, QUEIMA. Por um segundo não acontece nada.

Eis então que ABRACADABRA: pelos UMBRAIS atravessa um cidadão formidavelmente ESCARLATE, da ponta dos dedos do pé ao topo do couro cabeludo. Ele fecha a porta enquanto esconde o BOCEJO com a mão em concha. Depois se vira em direção ao ambiente, abraça os dedos uns aos outros e ESTICA os braços na tendência de ESPALMAR as MUNHECAS. Uma vez CONCLUSO o ralo rito, MOROSAMENTE galopa até a POLTRONA, onde, por fim, repousa a RABA.

Um suspiro misturado a GUTURAS de alívio.

As pernas cruzam-se na altura dos tornozelos e se depositam sobre o PUFE. Logo o controle remoto é localizado incomo-

dando alguma área das PALETAS. Ele TATEIA as teclas, imerso em tédio e desinteresse. Neste momento, de SUPETÃO, eis que um OUTRO cidadão compartilhando da mesma FORMIDABILIDADE vermelha abre a porta e, sem entrar com mais que a MÃO na sala, muda o estado do interruptor. Anoitece no MUNDO.

Por um segundo é apenas a escuridão.

Aí um clique e, ao final deste, a LUZ.

Já não há mais ninguém sentado na POLTRONA, então a nova criatura RUBRA decide adentrar o recinto.

Ele fecha a porta enquanto esconde o BOCEJO com a mão em concha. Depois se vira em direção ao ambiente, abraça os dedos uns aos outros e ESTICA os braços na tendência de ESPALMAR as MUNHECAS. Uma vez CONCLUSO o ralo rito, MOROSAMENTE galopa até a POLTRONA, onde, por fim, repousa a RABA.

Um suspiro misturado a GUTURAS de alívio.

As pernas cruzam-se na altura dos tornozelos e se depositam sobre o PUFE. Logo o controle remoto é localizado incomodando alguma área das PALETAS. Ele TATEIA as teclas, imerso em tédio e desinteresse.

Neste momento, de SUPETÃO, eis que um OUTRO cidadão compartilhando da mesma FORMIDABILIDADE vermelha abre a porta e, sem entrar com mais que a MÃO na sala, muda o estado do interruptor. Anoitece no MUNDO.

Por um segundo é apenas a escuridão.

Aí um clique e, ao final deste, a LUZ.

Já não há mais ninguém sentado na POLTRONA, então a nova criatura RUBRA decide adentrar o recinto.

Ele fecha a porta enquanto esconde o BOCEJO com a mão em concha. Depois se vira em direção ao ambiente, abraça os dedos

uns aos outros e ESTICA os braços na tendência de ESPALMAR as MUNHECAS. Uma vez CONCLUSO o ralo rito, MOROSAMENTE galopa até a POLTRONA, onde, por fim, repousa a RABA.

Um suspiro misturado a GUTURAS de alívio.

As pernas cruzam-se na altura dos tornozelos e se depositam sobre o PUFE. Logo o controle remoto é localizado incomodando alguma área das PALETAS. Ele TATEIA as teclas, imerso em tédio e desinteresse.

Neste momento, plácido e liso como um grande lago na LUA, mostra-se à porta um cidadão preenchido de AZUL por todos os espaços do corpo. Como que num momento de RUPTURA ou MILAGRE, a televisão que outrora escondia os segredos agora EXPLODE em cores e ruídos: há tempo para a compressão da tecla. O clique da MAÇANETA que fecha conclui o ALERTA. Só então o ESCARLATE percebe que há um homem vindo em sua direção.

Num gesto quase ORGÂNICO, ele escorre da POLTRONA para o chão e tropeça nervosamente nas próprias CANELAS na ânsia das possibilidades defendidas com indiferença pelo INTERRUP-TOR. Durante todo o trajeto, o homem AZUL permanece FITANDO atentamente os seus movimentos, ESTAQUEADO firmemente a uma distância média entre a saída e o ASSENTO.

No ponto CONCLUSIVO de um salto JAGUARESCO, finalmente o ESCARLATE é capaz de conferir alguma pressão sobre a chave que comanda a iluminação da sala e, portanto, ouve-se o estalo que subtrai dos objetos todas as suas irradiações.

Por um segundo é apenas a escuridão.

Aí um clique e, ao final deste, a LUZ. A sala apresenta-se desocupada de qualquer resquício vermelho. O AZULÃO enxerga

o controle remoto em cima do PUFÉ e decide acomodar-se na MACIEZ antes de trocar de canal.

As pernas cruzam-se na altura dos tornozelos e se depositam sobre o PUFÉ.

Futebol arte

O MANUELITO BATIA UM BOLÃO. Baita jogador futebolístico, altas intimidades com a REDONDA. Tinha uma mira impossível. Com os pés, enfiava a bola onde quisesse. Passes precisos, gols ESPÍRITAS, ângulos incríveis. Manuelito era bom pra caralho, mas também era um PÂNDEGO. Não foi pra seleção porque era viciado em JOGO, o filho da puta. Não desses de SORTE. Desses de AZAR.

Final de campeonato.

Um a zero pro adversário. O empate daria a vitória ao time de Manuelito, que conduz a bola nas proximidades da intermediária. BANTO e imponente, o lateral esquerdo DONGA cola ao seu lado, fazendo a proteção. Num segundito se pá, Manuelito calcula a distância até o arco adversário e cochicha pro companheiro de ESQUADRA:

– Aposto DUZENTINHO que essa eu meto lá na trave CANHOTA.

A face de DONGA abre-se em HORROR:

– Tá louco, Manuelito?! Chuta no gol, animal!

Manuelito toma impulso, corre meia dúzia de passos determinados e PÉIM. Um TIROMBAÇO dos mais lindos, uns 30 metros de distância. O estádio fica em silêncio acompanhando a trajetória da bola, que acaba por RICOCHETEAR sonoramente na trave esquerda. Manuelito passa sorridente pelo DONGA:

– Tá me devendo DUZENTÃO, hein?

O DONGA puto.

Nova situação de gol. Manuelito cara a cara com o zagueiro paraguaio adversário, o COCHAMBRES. Adrenalina a mil, os olhos cravados na bola nos instantes titubeantes que precedem o drible.

– Ô, Cochambres! DUZENTINHO que eu meto essa PELOTA ali no travessão.

Quando o COCHAMBRES foi perguntar um quê? a bola já estava na metade da PARÁBOLA que a conduziu exatamente para a colisão com a trave superior.

Voltando pelo flanco esquerdo, troteando e rindo sozinho, Manuelito INTIMA a rapeizo:

– Aí, COCHAMBRES, duzentão na mão do véio... e tu, DONGA, nem te SALAMEIA que é duzentão aqui também.

Pois uma terceira vez ainda, durante aquele jogo, Manuelito recebe a bola na CARA do gol. O cronômetro concede os últimos descontos. Na ZONA DO AGRIÃO sobram apenas Manuelito, o ARQUEIRO e o JUIZ, que acompanha o lance de CIMA. Pensando em dobrar a fêria, Manuelito decide ir pro TUDO ou NADA:

– Ô, seu JUIZ – começa, enquanto ENGATILHA o bico –, aposto QUINHENTINHO que meto essa na trave direita.

– Tô pagando pra ver – diz o MAGISTRADO.

O chute sai MASCADO na grama, enganando a pontaria de Manuelito e encaixando a bola na GAVETA, pouquinha coisa abaixo de onde dorme a CORUJA. Que golaço, o mundo pensa.

O cara tem que ter muita CATEGA pra GUARDAR um TIJOLO desses. O JUIZ apita o final da partida. O estádio vem ABAIXO. A torcida invade o campo e envolve Manuelito num abraço imenso. BALBÚRDIA, algazarra, gritaria. Manuelito decide ficar ali mais um tempo.

Do OLHO do furacão, pode ver que o JUIZ tá só no bico.

Não alimente os animais

UM DIA ELA, ALÉM DE NÃO SE OFERECER para rachar a conta, ainda filou todos os meus cigarros, comeu tudo que tinha nos cinzeiros e passou a noite inteira dando em cima de uma garçonete BARANGOSA que morava no SARANDI. Depois tivemos que impedir que brigasse com um frentista e ainda por cima ficar ouvindo todo um discurso filosófico sobre a importância sócio-econômico-cultural da irmandade dos CETÁCEOS.

Baleia bêbada é o fim.

Superbe glissade extravaganza

APESAR DE CHOVER EM PORTO ALEGRE, e apesar desse fato ter peso DETERMINANTE no relato que segue, vou poupar-me e aos meus leitores de iniciar mais um entre tantos textos com o mesmo conjunto de palavras (a saber, Chove em Porto Alegre). Mas fato é que CHOVE, e é em PORTO ALEGRE que chove. Sendo assim,

Chove em Porto Alegre.

É bem possível que CHOVA também em outros logradouros e lugarejos espalhados pelo estado, mas isso não interessa para os eventos que se desenvolveram às proximidades das TRÊS da tarde na Gomes Carneiro (a saber, a LOMBA oblíqua à LOMBA onde vivo). Mas fato é que, na Gomes Carneiro, chovia às 15h. Sendo assim,

Ensaboa-se milagrosamente o asfalto da Gomes Carneiro.

Acredito que não apenas motoristas de Gol branco ignoram a PERICULOSIDADE que representa dirigir um automóvel em alta velocidade, e seguem seus caminhos de maneira ATABALHOADA por aí (a saber, sem respeitar os sinais nem as potenciais ameaças). Mas fato é que foi um Gol branco que cortou VOANDO a minha frente. Sendo assim,

Rasga meu horizonte imediato um Gol VINTAGE, desses de linhas quadradas.

Em geral me interesse muito pelos carros que BARBEREIAM na minha frente – que são MUITOS e diários –, de modo que desenvolvo toda uma antipatia pelo causador da IGNOMÍNIA (a saber, muitas vezes anoto as placas dos FACÕES por segurança). Mas fato é que IGNOREI solenemente o VIADO que quase me ABALROOU e entrei na rua. Sendo assim,

Supero a ira e deixo o mundo seguir seu curso enquanto acesso o escorregador.

Quando tinha pouco mais de um mês de prática e pilotava um FUSCA, certa feita exagerei na velocidade ao fazer uma curva num dia de chuva e performei uma PIRUETA na frente de meia dúzia que esperava um sinal ESVERDEAR (a saber, na esquina da Niterói com a Clemente Pinto). Mas fato é que jamais havia VISTO um carro derrapar. Sendo assim,

Noto que a luz do freio ESCRALATEIA a traseira do Gol, que parte então pro MAMBO desvairado.

Um misto de pavor e CONTENTAMENTO passa a correr solto nas minhas veias quando noto que aumenta o desgoverno do BARBEIRO. Comprimos o pedal do freio no medo de envolver-me em algo que me parece INEVITÁVEL: uma violenta colisão. Pra mim, mais uma (a saber, a última me custou os óculos e garantiu amor eterno). Mas fato é que NADA acontece. Sendo assim,

Após alguma ERRÂNCIA na trajetória, eis que tudo se corrige.

Por via das dúvidas, decido observar DE BEM LONGE o desempenho daquele condutor. Na verdade não só dele, mas de TODOS os outros que me parecem trafegar em condições evidentemente não-ideais (a saber, sem demonstrar o ZELO que uma PISTA MOLHADA deveria estimular). Mas fato é que logo o Gol branco me some da frente. Sendo assim,

Mantenho a distância regulamentar até que o automóvel suma à esquerda, duas quadras depois.

Não permito que a experiência perturbe a condução dos meus planos ou esperanças para o dia que se monta adiante, até porque não foi COMIGO que aconteceu qualquer coisa (a saber, esqueci completamente desse fato até agora, vinte y duas de la noche). Mas fato é que bloqueei a lembrança até muito pouco. Sendo assim,

A partir daí, sigo em frente, esquecendo do metro anterior a cada metro seguinte.

Conho

OUTRO DIA LEVEI PAU DUM CÃO AÍ. Tava atravessando a rua e ele se grudou na minha perna. Vermelhão o bicho, meio PASTOR meio ROTTWEILER, uma coisa muito estranha mesmo. Tentei correr, ele rosnou. Parei, ele guardou os dentes. Estranho.

Pois após me COAGIR, esta ABERRAÇÃO da natureza envolveu minha COXA com suas patas peludas e começou a mandar ver NO ROÇA-ROÇA DO AMOR com muito AFINCO. De fato, me FINCAVA as PANTURRILHAS com o PENGALENG. Babava o bicho. Olhava pros lados, olhava pra mim e eu ali, arrastando a BESTA rua abaixo. Pensei se o cão cravaria a dentadura nos meus GÓLGOTAS caso tentasse demovê-lo daquela CARÍCIA, mas também pensei na sujeira que seria se ele atingisse o tão esperado ÊXTASE canino. Que dilema: levantei as mãos para o céu.

Por sorte trazia um resto de um sanduíche de frango e PROVOLONE na mochila e este acabou sendo o meu SALVO-CONDUTO. Enfiei a BISNAGA na bocarra da fera, constrangi-o com um rápi-do PIPAROTE no ventre e larguei na correria.

Nunca mais me ligou, o cachorro.

A trilogia do leão

1. A CONFISSÃO

Ontem paguei vinte reais para que os palhaços espancassem um dos anões, o Larrí. O filha da puta tava comendo a mulher barbada no trailer do engolidor de espadas outro dia e eu achei aquilo a maior filhadaputice da história. Gozou fora, fez a maior sujeira no sofá do cara e depois ainda disse que era leite condensado. O coitado do Max ainda se prestou a provar a porra do nanico pra depois dizer, entre caretas que “puta merda, tava estragado”. Ele ali no cantinho, engolindo o riso, suando frio na testa. Paguei vintão pro Farofa e Tropeço quebrarem-lhas pernas e chutarem-no bem forte no saco que é pra esse fiadasputa aprender. Nada de putaria aqui no meu circo, caralho.

2. a televisão

Hoje eu fui atravessar a Ipiranga ali na frente do Ernesto Dornelles quando me surgiu pelas costas um LEÃO do meio do nada, e me derrubou com o aplicar de uma GRAVATA. Todo mundo saiu de perto enquanto ele enfiava a minha cara na grama e

rugia cada vez mais alto. Senti os pulsos e tornozelos envolvidos por cordas, mas só quando fui suspenso pude constatar que estava cercado por meia dúzia de outros felinos de mesmo NAIPE, que me apontavam algum tipo de arma enquanto o mais forte deles me segurava e RUGIA numa CADÊNCIA quase musical. Logo notei que o suposto material BÉLICO não passava de uma CÂMERA e aquela TRUPE leonina na verdade formava uma EQUIPE de TELEVISÃO, com microfones, paus-de-luz e demais parafernália relacionadas. Os leões não me fizeram nada e, depois de rugirem durante algum tempo, acabaram cortando as cordas e me soltando de volta no meu habitat natural.

3. a estimação

Comprei um leão de estimação. Estimação não, é mais pra segurança. Ainda é pequenino, parece um gatinho forçado de orelhas redondas. Não morde forte. Come pouco e bebe muito leite. Durante os primeiros seis ou oito meses será caro, mas depois planejo alimentá-lo com a carne dos invasores que ele puder abater. E é claro que ele abaterá a todos. Como lutar contra um leão?

(...)

Despertei assustado com os rugidos e os urros humanos no meio da madrugada. Os vizinhos ligaram pra reclamar do barulho, mas logo a jugular foi abocanhada e tudo ficou surdo. Dormi sorrindo não sei porquê.

(...)

Hoje acordei e o filho da puta tava lá embaixo me olhando, compenetrado. Ele sabe que eu estou aqui. Fui mijar e pela jane-

la do banheiro percebi que ele me acompanhou. Vez em quando lambe os lábios, o puto. Como é que eu vou hoje pro trabalho?

(...)

– Alô? Sou eu.

– Ô, meu véio, e aí? Onde é que tu te meteu?

– Tô em casa.

– Capaz! Tá doente?

– Não, cara, pior: o meu leão não quer me deixar sair.

– Como assim?

– Me fudi. Meu leão tá guardando a porta: vou ter que esperar alguém entrar aqui pra ele atacar e comer. Aí vou poder sair tranqüilo.

– ...

(...)

Acabou a comida, acho que fui demitido.

(...)

Estou ouvindo barulho de garras na porta. Ele quer entrar. Que venha, então. Mas que venha disposto a me pegar porque eu também tou com fome, filho da puta. Sem muitas regras: quem morrer primeiro perde. Como lutar contra um leão? Acho que é hora de descobrir. Imagino que se eu acertar um chutão no saco e meter um soco no nariz ele deve cair.

(...)

Não.

Cuaquá

DOIS PATO SE ACARINHANDO na maciota na beira do lago é tão lindo dois pato lutando um TAIKENDÔ na frente da nave é tão lindo dois pato pulando AMARELINHA e xingando-se às GANHA é tão lindo dois pato se cumprimentando o cumprimento MAÇOM é tão lindo dois pato quebrando LAJOTA é tão lindo dois pato beijando-se os BICO é tão lindo dois pato de TERNO e GRAVATA é tão lindo dois pato trovando BRAVATA é tão lindo dois pato vestido de BÁVARO é tão lindo dois pato ouvindo-se ouvindo é tão lindo.

Epifanias

TIPO UMAS ONZE DA NOITE meu irmão CIFROU-me um recado de MAMÃE através da IRONIA incompreensível de “não mexe na cocaína da cozinha”. Riu. Eu tossi um tá bom e segui fazendo o que fazia. Quase três horas depois decidi fazer aquele SANDUBADRUGADA esperto, com LOMBO TEMPERADO no pão SCHWARTZE.

Relapso e prático, deixei o PRATO de lado e confeccionei a obra na PIA. Lá pela DÉCIMA QUINTA ou DÉCIMA SÉTIMA mordida, notei o pó branco que contornava o perímetro do metálico UTENSÍLIO, de forma bastante irregular.

Pensei em açúcar de confeitiro, maizena e farinha. Pensei se eu fosse AMERICANI já ia PEIDAR NA BORRACHA temendo o ANTRAX.

Neste momento faltou-me o CHÃO.

E se eu esfreguei essa PORRA desse pão nessa PORRA que eu nem sei que diabo é?

Lembrei da COCAÍNA SUPRACITADA, lembrei das SAÚVAS que inventaram de fazer uma FLESH MOB no AÇUCAREIRO outro dia e,

depois de uma rápida busca nas prateleiras SUBTERRÂNEAS, confirmei meu CAGAÇO: era FORMICIDA.

Pelo sim, pelo não, tomei no GUTE um LITRO de leite. Algo me diz que esse troço minimiza os efeitos de vários tipos de TOXINAS. Agora vou ali dormir. Se amanhã eu não acordar, pelo menos fui dormir de CUECA LIMPA.

Dali

MEIO PAR DE SEMANAS ATRÁS foi que tropecei nesta mesa armada no meio da calçada, em cima de uma tábua de COMPENSADO fino y rojo, na frente da WILMA LANCHES, ali em Petrópolis. Pois eis que vinha andando meu TROTE CARACTERÍSTICO quando enganchei o SACO na quina BELIS-COSA desse MÓVEL e terminei por CATAPULTAR-ME por cima das dezenas de itens, virando, em linda MANOBRA, gravetos e PRANCHA. À poeira grossa do chão ficaram misturados todos estes pacotinhos molengas e cheirosos, atraindo as presenças CANINA, FELINA e URUBUÍCA.

Intriguei-me ÀS BRAVAS.

Franzia a FRONTE em severa questã quando avistei, entences, o VELHO. Lascava assovios e arranhões GARGÂNTICOS e distribuía LAMBADAS com a palma da mão ESPALMADA pra cima do BICHÓRDIO, que havia avançado em BANDO sobre os embrulhos.

Já afastava a sujeira do tombo aos TAPAS quando finalmente entendi o que COMERCIALIZAVA esse SENHOR.

Carne. Vários cortes. O perfume diverso dos açougues me ASSANHOU a curiosidade, então decidi me aproximar. Tentei iniciar a PROSA pedindo-lhe desculpas, mas antes que pudesse estender-lhe a mão em AUXÍLIO, eis que percebo a inconfundível silhueta de um RIM HUMANO pesando pouco sobre a calçada.

Levei pra casa dois FÍGADOS.

Um preparei com molho de MEL e MOSTARDA e servi aos meus COLEGAS de trabalho como aperitivo do último churrasco da empresa. O outro eu deixei baixado pro caso de inventarem de fazer DE NOVO essa merda lá em casa.

Proletariado é foda

SONHEI OUTRO DIA QUE A TODAS AS PESSOAS era permitida a dádiva de voar. O ar que se respirava, porém, era composto unicamente de RATOS. Nossos aparelhos respiratórios estavam adaptados para respirá-los, assim como por entre eles nossos corpos se deslocavam e nossos olhos a tudo viam, espertos e maravilhados. Nas primeiras golfadas, estranho as bolas de pêlo maciças garganta abaixo e não tenho idéia de onde vão parar todos aqueles roedores. Depois tudo fica mais suave e até o perfume almiscarado que escapa do corpo dos ratos começa a compor a atmosfera. A velocidade aumenta à medida que inspiro cada vez mais largas porções de amendoados camundongos e no momento em que sinto a primeira gota de suor resfriar o quente da minha testa, percebo que não há mais coisa a fazer senão continuar.

Sempre existirá a esperança da peruca

FUI LÁ ME INSCREVER NO FICA COMIGO praquele programa do LEANDRO do KLB e me aceitaram numa boa. Passei por todas as fases da seleção com LOUVOR e acabei escolhido para ser um dos QUATRO PRETENDENTES que vão ao palco disputar a TAPA o amor de uma criatura que não nos pode ver.

Depois de comprar de presente uma LANJERRI BEM SENSUAL, cheguei lá no estúdio só pra ser constrangido na primeira pergunta da Fernanda Lima:

– Tu é gay?

E eu: É CLARO QUE NÃO, por que diabos eu seria?

E ela: Ora, porque o LEANDRO é um CARA e tu também é um CARA.

Eu: PERAÍ. Como assim? Não é uma MINA?

Ela: Não. Chama até LEANDRO, é um dos GURIS do KLB.

Eu: PUTALAMERDA, NINGUÉM ME AVISA.

Dei meia-volta e fui-me embora, não sem antes tomar a LANJERRI da mão daquele FALSÁRIO DE MERDA. Putaquepariu. Confundi

o KLB com o SNZ, aquele trio de filhas da BABY CONSUELO. Como elas tem uns nomes ESTRANHÍSSIMOS tipo NANASHARA, achei até bem plausível que uma delas se chamasse LEANDRO.

Sei lá.

Porra.

Inteiramente coisa nenhuma

DEVE SER CHATO PRA CARALHO ser chato pra caralho.

Outro dia conheci um cara desses aí. Não lembro muito bem onde foi que isso aconteceu, o que é um grande problema: vai que eu acabo voltando lá, e tá lá esse mesmo cara chato pra caralho e eu, usando de toda a POLIDEZ que LAPIDO no meu caráter desde tão cedo, acabo obrigado a me POSICIONAR a respeito.

Acontece que ninguém quer se posicionar a respeito, especialmente eu.

Ultimamente, entretanto, tenho me obrigado a acreditar mais no poder da POSIÇÃO, e dessa forma, tenho mantido a minha ERETA e FIRME perante as INTEMPÉRIES – e isso não tem absolutamente nada a ver com a minha VARA ERÓTICA, ainda que ela esteja, graças à minha DIETA, estilo de vida e SEGREDO, correspondendo às expectativas da massa.

De toda forma, posicionar-se a respeito de um chato é sempre delicado. Quer dizer, é preciso avaliar quem diabos esse

chato é. Se ele tem uma pistola, uma faca, uma caneta ou um clips de papel ele pode te FURAR, então é bom escolher o movimento CERTO na hora de assumir uma posição ou, no mínimo, ter um bom COTOVELAÇÃO NAS COSTELAS, por que é CERTO que um CHATO vai se atirar nas tuas pernas estilo VALETUDO quando for querer te derrubar, em vez de usar o velho, eficaz, honesto e limpo MEGATON NAS FUÇA.

Chato é chato até quando luta e pode ter a mais absoluta certeza de que, mesmo tendo tomado humilhante e prolongada TUNDA, ele vai continuar te cumprimentando quando cruzar por ti na rua.

É por isso que eu estou desenvolvendo uma organização inspirada no sucesso dos GRUPOS DE EXTERMÍNIO, só que a gente vai aplicar nossas técnicas de CATIMBA apenas nos CHATOS. Já contratei todos os CAPANGAS pra minha EMPRESA e estou adquirindo lentamente nosso ARSENAL.

Outro dia mesmo tava lendo o manual da FUNDA que surruipeiei dum piazote assim duns cinco anos, que tentou me deter arremessando um SACO DE BOLINHAS DE GUDE. Pois olha, aquele guri dará um bom CAMPEÃO OLÍMPICO. Seu arremesso foi preciso: tomei na CACUNDA. E não pegou de cantinho: fez TÓIM e tudo. Pegou AFU mesmo, verdadeira pedrada na QUENGA. Ficou toda quente e vermelha a porra da CACUNDA. Tropecei e quase fui ao SOLO, pra dar a dimensão real da coisa. Olha só que merda.

Olhei pra trás e o piá IRADO, correndo na minha direção martelando as sandálias de couro no chão. Todo vermelho, o piá. Um alemãozinho meio rechonchudo, macacão de brim e camisa amarela. Vinha PUTO DA CARA pra cima de mim, me fritando com o olhar sangüíneo, decerto crente que ia me CAGAR

A PAU agora que eu tava cambaleando. Fiquei estirado na calçada de propósito, meio CLEÓPATRA STYLE, deitadinho de lado. O piazito quase chegando em mim, a mãozinha escondida atrás do corpo. Todo tremelicante que corria, dava pra ver que tava fechada numa MUQUETA. Acho que ele tá pensando em me soltar uma BOMBA NOS PEITO.

Quando ele tava a um metro de distância, descubro finalmente que não é um golpe que salva aquele CHUCRUTE BOY atrás do corpo, mas, pelas BARBAS DE MORDECAI, O PALHAÇO ÍDICHE DANÇANTE, são GRÃOS DE AREIA. Muitos GRÃOS DE AREIA. Todos voam, certos, rumo às minhas ORBES, que CEGAM e LACRIMEJAM irremediavelmente, assim que o PECORRUCHO espalma a CANHOTA na altura das minhas VISTAS. Preciso admitir: tinha MOVIMENTOS aquele baixinho. Tinha a MANHA. Por isso não pude perdoá-lo: fuzilei-o à MORTE com as próprias BOLITAS.

Analistas

- E AÍ, QUÉ UM CU AÍ?
- Quanto?
- Meia hora.
- Meia hora de quê?
- Meia hora de cu.
- Como assim?
- Como tu quisé.
- Não entendi.
- Meia hora de cu.
- Mas quanto custa?
- Meia hora de cu.
- Pra que eu vou pagar meia hora de cu com meia hora de cu? Não é tudo a mesma coisa?
- Se fosse eu não tava aí oferecendo.
- Tá bom. Quanto mesmo?
- Meia hora.
- Faz por vinte cinco?
- Tá na área.
- Demorô.

Lôcha

1. O DIA EM QUE DEUS FUDEU COM A VIDA DO IVAN

Ivan não tinha ambição nenhuma.

Morava num quartinho alugado na Floresta e trabalhava de assistente de estúdio numa produtora de áudio de DÉCIMA OITAVA categoria. Namorava uma menina linda-linda-linda, e meio burrinha BRAGARAÍ chamada Lurdinha, mas isso não o incomodava. Quase sempre dormia sozinho, pois Lurdinha precisava acordar muito cedo no dia seguinte. Ele acreditava. Tinha por costume só fechar os olhos depois de fumar uma CATRONQUINHA de CRISTO e se punhetear todo vendo o programa da Monique Evans.

Levava uma vida simples e direta.

Um dia, quando ia acender o BOA NOITE, percebeu uma sombra na porta. Achou que era uma visita surpresa da Lurdinha, mas na verdade era DEUS, de sandálias.

– FALA MAGRÃO, EU SOU DEUS.

– Uh, que letrões.

– POIS É, DEUS FALA EM CAPS LOCK.

– Uau, que barato. Cara, eu devo estar muito louco...

– NÃO TÁ NADA. TU NEM ACENDEU A COISA.

– Putz, é mesmo. Mas e aí, que que tu me conta, ó poderoso?

– NA REAL NA REAL EU VIM SÓ PRA TE ATERRORIZAR UM POUCO COM A MINHA PRESENÇA. BUUUUU... – Deus faz careta.

– Me aterrorizar?

– CLARO. VOCÊ NÃO É DAQUELES CATÓLICOS FERVOROSOS?

– Capaz. Só não mudei de religião por preguiça. Catolicismo é um saco. Sem ofensa, sem ofensa...

– NÃO, TUDO BEM... A IGREJA CATÓLICA TÁ MUITO EM BAIXA MESMO. MAS VEM CÁ, TU NÃO TEM UMA DAQUELAS IDENTIDADES CATÓLICAS AÍ? DIZ “AGNUS DEI” NELA.

– Olha, ter eu até tenho... Minha tia me deu e eu achei bonito, coloquei na carteira, ó. Junto com a foto da Lurdinha, ó.

– AH, ENTÃO FOI ISSO. ESSE PESSOAL DO DEPARTAMENTO PESSOAL SEMPRE FAZ CONFUSÃO MESMO. BOM, ACHO QUE EU VOU NESSA ENTÃO. NÃO DEVO ESTAR TE ASSUSTANDO E AINDA POR CIMA DEVO ESTAR TE INCOMODANDO.

– Que nada, não tá incomodando ninguém, senta aí, toma uma ceva... quer uns peguinhas?

– NÃO, NÃO... VALEU, VALEU, JÁ FIZ MUITO DISSO, SEM QUERER SOAR TRÁSEL.

– Aham. Tá, mas seguinte, pode ficar à vontade aí, vou acender esse beck e vou lá curtir a Monique que tá quase na hora.

– TÁ, VAI NESSA. DOU MAIS UM TEMPINHO E VOU EMBORA.

– Falou.

Mas Deus ficou PUTO. Não achou legal ter perdido a viagem pra ver um freak fumando maconha e depois ORANDO a ONÃ. Quando Ivan dormiu, Deus deu uma banda no seu quarto e pensou “vou fazer uma sacanagem com esse infiel”, mas claro,

pensou em letras maiúsculas e com um pouco mais de palavra. Sabe como é. Calor do momento.

2. Lôcha again

Ivan dentro de uma igreja.

Ele pensa nos problemas de saldo bancário e SIGFRIED E RÓI as unhas com afinco e dedicação, mas não sabe direito porque está ali. Simplesmente sentiu-se tentado a entrar na igreja quando a viu. Lembra do TETO que ele teve dia desses com Deus. Ri, mas não muito. Usa os dedos para tirar secreções de todos buracos da cabeça enquanto tenta entender do que o padre está falando.

– Ivan!

Silêncio. Milhares de pessoas naquela igreja aquela manhã. O padre olha em volta, sentado em uma cadeira estofada de veludo vermelho. Algumas pessoas olham para Ivan, mas ele não faz questão de se virar. Após alguns segundos hesitantes, Ivan responde:

– Aqui!

– Se estavas aí porque demorastes tanto a responder meu chamado?

– Eu pensei que não fosse comigo... – alguns risos no recinto – ...normalmente não sou o único Ivan em um ambiente.

O padre faz cara feia e pede ao seu assistente que vá conferir a identidade daquele homem. MALAQUIAS levanta-se gordamente de sua cadeira de madeira e palha em direção à platéia. O rosto evidentemente abobalhado não intimida Ivan, mas cala a multidão.

– Me mostra tua identidade, por favor.

– Claro, só um pouquinho.

Sem checá-lo, Ivan entrega o documento amarelado pelo desgaste, com as pontas soltando e o invólucro de plástico seriamente danificado. Presenciando o MISERÊ de sua carteira de identidade, ficou um tanto nervoso ao SUPOR que, talvez, seu nome estivesse completamente ilegível no papel decomposto. MALAQUIAS entrega o documento à autoridade ECLESIAÍSTICA.

– Aqui, seu padre.

O padre ajusta os óculos demoradamente e espreme seus olhos por entre as lentes.

– LÔCHA.

No documento de identidade, nem nome, nem sobrenome, nem pai, nem mãe, nem data de nascimento, nem nada. Só um gigantesco, negro e brilhoso conjunto de letras formando uma única palavra: LOCHA. Sem acento nem nada. Fúria na FRONTE do SACERDOTE. Antes mesmo que o BUFAR se encerre, MALAQUIAS dispara em direção a Ivan.

– Lôcha? – foi a pergunta que 99% dos presentes se fez, mas ninguém quis dizer em voz alta.

Assustado com as REPERCUSSÕES daquela notícia, Ivan consegue finalmente encontrar outro documento de identificação nos bolsos. No seu CEPEÉFE, porém, não há números, nem nomes, nem nada. O cartão exibe apenas em letras negras, gigantescas e brilhosas a palavra LOCHA.

– Será que não é LÓCHA? – pensou alto Ivan, enquanto era retirado de seu assento.

Arrastado pelos corredores para fora da igreja, Ivan resolve usar a recente PARCERIA que firmou com DEUS para salvar sua pele:

– Mas foi Deus quem me mandou aqui!! Ele vai ficar muito puto quando souber disso tudo!!

MALAQUIAS encarregou-se de jogar o DEGENERADO na rua, junto com todos os seus documentos FORJADOS pelo DEMÔNIO.

Não era hoje que ele iria para o céu.

Lá dentro, o padre abriu a discussão à platéia, que assistiu a tudo atônita. Um jovem de cabelos loiros quase brancos perguntou se não devíamos nos amar todos indiscriminadamente, mas não pensou em suruba, como muitos pensaram. O padre meneou a cabeça com um sim estampado no rosto.

– Então se Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, Deus não é também um DEGENERADO que mente sobre o seu próprio nome?

Do topo da careca suada à covinha sensual do queixo, ENRUBESCE o CLÉRIGO.

MALAQUIAS tenta resgatar o DEGENERADO das garras da SARJETA, mas Ivan já vai LONGE.

3. Lôcha forever

Hoje a Lurdinha resolveu fazer REALMENTE uma visita surpresa pro Ivan.

Foi pro quartinho dele na Floresta, pensando no quanto o dia de hoje era especial. Um ano de namoro e o Ivan nunca tinha traído ela. E nunca tinha traído mesmo. Ela tinha isso por CERTEZA. Antes de comer a Lurdinha, o Ivan era um baita dum FUBANGO: comia todo mundo e ainda limpava o pau na CORTINA. Ela sabia esse tanto sobre o Ivan. Já o Ivan nem imaginava que a Lurdinha era uma BRUXA verdadeira, ESMERADA no aprendizado de diversos tipos de FEITIÇOS e magias. Conhecendo a fama do PRETENDENTE, Lurdinha lançou um encantamento pra dentro da PEPECA e, assim que a GLANDE intumescida de Ivan ultrapassou as barreiras LABIAIS, formou-se esta bela CHAVE DE

BUÇA insolúvel. Por isso as homenagens noturnas à Monique Evans: ele não podia comer mais NINGUÉM, mesmo se assim quisesse. Lurdinha era SABIDA.

Contente pela EFICÁCIA do gesto, Lurdinha resolveu que presentearia Ivan com uma noite inesquecível. Depois de um ano de namoro, finalmente, ela SOLICITARIA o seu FOROGODÓ. E que belíssimo BEHIND tinha. Belíssimo tudo. NICE RACK, diriam os habitantes da YANKIA. Barriga lisa, seios firmes e nádegas perfeitas esculpidas em anos de academia. PELOU-SE, deitou-se de BRUÇOS na cama e ficou se olhando no espelho. Resolveu brincar com os dedos enquanto Ivan não chegava.

Ivan cambaleava rua abaixo, transtornado e confuso. Pensou que deveria parar de fumar TANTA maconha, afinal de contas, ultimamente tinha feito coisas muito estranhas, como falar com DEUS e ENTRAR numa IGREJA. Apesar de não conseguir evitar o PAVOR de relacionar as duas experiências, Ivan sempre acreditou em coincidências e resolveu pegar um ônibus pra casa. Quem sabe hoje Lurdinha estivesse lá? Tentaria pela MILHONÉSIMA vez na semana comer o seu CU, que era redondinho e macio, lisinho e rosado.

Sentou na janela, num banco quase no meio do ônibus e foi pensando em CURRA por todo o trajeto.

Uma leve TURBULÊNCIA causada pela passagem de um PNEU por cima de uma CRATERA na rua o fez desviar o olhar para a lateral do ônibus, logo abaixo da janela. Jazia colado por lá um cartaz pequeno de plástico amarelo, menor que um CD, aparentemente indicando o nome de um produto. Ivan apertou os olhos para identificar, em letras MIÚDAS e vermelhas, a palavra LOCHA. Mas não apenas LOCHA. LOCHA e um desenho de um círculo vermelho. Em volta do círculo uma combinação quase interminável de letras e números, em letras AINDA MAIS miúdas.

Para espantar o absoluto HORROR que invadiu sua alma, por um momento divertiu-se com a idéia daquilo realmente ser um nome de uma pessoa: Locha Iquoelinehwskuowjkklasuesmy-4629. Ivan lia ALMANAQUES e já havia rido diversas vezes com a seção de nomes curiosos, como TOPERICARGERJA. A alegria não o distraiu por muito: puxou o cartazinho. Ao fim do GESTO, descobriu que este ocultava um pequeno relógio, parecido com aqueles marcadores de consumo de água. Mas não era um marcador de consumo de água: no lugar de números, o marcador repetia as primeiras letras do cartazinho, “iquoeline”. Além do mais, o que um marcador de consumo de água estaria fazendo na lateral INTERNA de um ônibus? Vai ver LOCHA era o nome daquela coisinha. Mas o que ERA aquela coisinha? E o que aquela coisinha faria?

Olhou em volta. Os passageiros o ignoravam, o motorista dirigia e o cobrador RASGAVA uma menina de uns 13 anos que ia sentada no banco de trás. Ivan procura pensar numa forma de arrumar o mostrador de vidro para poder ajustá-lo de acordo com o cartazinho. Só pra ver o que acontece. Pressiona então o vidro de leve, numa primeira tentativa de VIOLÁ-LO. O vidro cede.

Lurdinha goza.

Ivan rapidamente copia a sequência do cartaz e altera os marcadores no dedo até corresponder exatamente ao que dizia logo abaixo da palavra “Locha”.

Nada acontece.

Ivan fecha o relógio, resignado. Recoloca o aviso ocultando novamente o marcador e vira seu olhar para a janela, entre um suspiro e outro. Mais CURRA ocuparia seus pensamentos até a sua parada.

Quando Ivan desembarca do COLETIVO, uma ENORME mangueira EMERGE da lateral EXTERNA do veículo e espirra gigantescos

JORROS de um líquido extremamente espesso, de uma forma incrivelmente PARCELADA.

Completamente imóvel até que o ônibus parte, Ivan abre os olhos lentamente. Olha para as roupas: estão secas e não têm manchas. Passa o nariz por todos os lugares onde pode se lembrar de ter sido molhado e não encontra nenhuma fragrância desconhecida. Mais calmo, levanta os olhos em direção ao horizonte e encontra seu prédio bem em frente, do outro lado da rua.

Ivan entra em casa e de PRONTO maravilha-se com o BANQUETE que se desenha em frente ao seu JAGUNÇO, agora muito duro e querendo saltar pra fora das calças. Lurdinha suada e nua, ainda recuperando-se do primeiro orgasmo, vira a cabeça e rebola a bundinha chamando seu nome ROUCA e MACIAMENTE, quase SUPLICANTE.

Ivan PIRA. De um só GOLPE arranca as roupas, encaixa a TROLHA na PORTINHOLA e luta, aos empurrões, pelo acesso ao PARAÍSO. Os esforços não se pagam. Ivan lembra de uma técnica MILENAR: depois de haver atingido o CLÍMAX uma vez, o MASTRUÇO fica mais FINO e mais MOLE numa segunda EREÇÃO seqüencial.

Ele ALERTA a namorada sobre sua idéia, que concorda em lhe ajudar.

Lurdinha começa a beijar o corpo de Ivan. O primeiro beijo, na altura do peito. O segundo, no PLEXO SOLAR. O terceiro na PANZA. A trilha, todos sabemos, vai acabar numa deliciosa FELAÇÃO, um belo dum BOQUETE, isso sim. Porém, alguma coisa está ERRADA no corpo de Ivan. Um gosto meio OCRE, meio DOCE, meio AZEDO, meio SALGADO.

– Ivan...?

– Não pára...

– Ivan, que cheiro é esse?

– Ahn?

Lurdinha dá um LAMBISCÃO nas paletas de Ivan.

– Que gosto é esse, Ivan? Que que tu andou fazendo?

– Gosto de quê? Cheiro de quê? Não sinto nada... – Ivan começa a se NARIGAR.

Lurdinha continua CAFUNGANDO e lambendo o TORSO de Ivan como um SABUJO farejador da polícia. Eis que perto do UMBIGO lhe transparece a resposta e Lurdinha ergue a cabeça, ATURDIDA no meio caminho entre a MARAVILHA e o HORROR da descoberta:

– É de... é de... BUCETA, seu filho da puta!!!

Lurdinha pula pra fora da cama e começa a se enfiar dentro das roupas de qualquer jeito. Ivan a persegue de joelhos por dentro da casa.

– Buceta?

– Andou comendo uma VADIA na rua e ainda ia comer meu cu, filho da puta!

– Lurdinha, eu não comi ninguém!

– E eu que pensava que essa MACUMBA era quente!

– MACUMBA?

– Se comeu uma vadia HOJE, deve ter comido TODO SANTO DIA que eu não tava aqui! Tu é mesmo um FILHO DA PUTA!

– Mas Lurdinha, eu não comi NINGUÉM!

Lurdinha bate a porta da frente, deixando Ivan de QUATRO no carpete da sala.

A batida ainda ecoava em suas BIGORNAS quando baixou a cabeça para acompanhar o pau murchando do MEIA BOMBA ao fracasso TOTAL, e percebeu, que tanto na identidade quanto no CPF que escapavam de um bolso das calças jogadas no meio do caminho, podia-se ler, claramente, Ivan Saldanha Borges.

Grotesque

NA VERDADE EU NÃO SOU UM CARA que odeia muito, não. Mas tem umas coisas que eu odeio. Na real, tem um monte de coisas que eu odeio.

Tem coisas que todo mundo odeia, mas ninguém admite. Agora, como não é minha idéia fazer um amontoado de clichês engraçadinhos, contendo-me por aqui. Ainda assim não deixo de odiar o pressuposto.

Eu odeio mesmo uns troços aí.

Eu odeio gente que chega pra ti e diz “são cento e trinta e sete pras quatro e meia” quando tu pergunta as horas. Até descobrir que horas são, já não são mais as horas que tu tinha pedido. A propósito, eram duas e treze ali. Eu demorei mais ou menos uns cinco minutos para descobrir isso, rabiscando num pedaço de madeira “16:30 – 2:17”. Uns dias depois risquei o telefone de uma gata quente nas costas desse NACO de WOOD, mas, para a compreensão do problema, isso não é muito relevante.

Outra coisa que eu odeio é gente que tem um pedaço do corpo tão grande que quando ela senta à mesa isso causa trans-

tornos incontornáveis. Tipo o Leôncio. A orelha direita lhe escorria até a metade do peito, como um longo e flexível fio de carne. A esquerda não, a esquerda era normal. De Leôncio o destino privou o prazer de tomar um perfumoso café entre convivas observando o crepúsculo, posto que a cada meneada de cabeça havia o risco grave de lesões corporais e inestimáveis perdas materiais. Certa feita Leôncio precipitou mais de 50 mil libras em porcelana por toda a extensão da sala de um importante Duque graças a uma desastrada apresentação de bambolê, mas isso é problema dele – eu fora.

Até porque eu odeio gente como ele.

Também não sinto nenhum apreço por gente que põe os filhos pequenos pra brigar de faca naquela noite bizarra de apostas que rola ali perto da Catedral. Diz que tem um escritório contábil num prédio ali perto que toda terceira quinta-feira do mês abriga um pregão de apostas clandestinas que explora um mercado crescente de lutas entre crianças de 4 a 7 anos. Além das várias modalidades de combate desarmado, existe o que eles chamam de “Rodada de Ouro” – o dobro ou nada – onde os dois lutadores mais fracos da noite enfrentam-se até a morte com navalhas. Outro dia soube de um gordinho de 6 e meio que ignorou o oponente e voou no pescoço do próprio pai. Ninguém reagiu ao gesto, o que permitiu que o pacato gerente comercial tivesse a garganta dilacerada.

Depois disso parece que os encontros pararam de acontecer.

E na real isso é o que eu mais odeio: eu tinha um palpitação pro embate da semana que vem. Coisa quente, grana preta, eu ia conseguir sair dessa merda num pulo. Pagar todas as dívidas, comprar uma moto nervosa, aprender a tocar violão e quem sabe deixar crescer uma barba. Provavelmente não ia

morar em nenhum centro urbano cheio de assassinos psicóticos em potencial. Num futuro próximo, me vejo em uma modesta propriedade rural, barranqueando diariamente uma pequena princesa-delícia local, alimentando-me de folha e pedra, andando de pé descalço o dia inteiro e ouvindo Bruno e Marroni a todo volume no volante da minha S-10 vermelha.

Opa. Rateei aí.

Maldito capitalismo.

Liamba Lombacima

EU NUNCA FUI, MAS GOSTARIA de fazer um BLITZKRIEG EN PASSANT. Dois dias no máximo. Sabe como é: ficar uma SEMANA ÚTIL enchendo as tampas de maconha GALA acaba acostumando o cara tão MAL, que quando ele volta praquela CHAZINHO BRABO do PARAGUAS, certamente rola CHORADEIRA.

Perdeu, Amâncio, o cu na mesa.

Também: BURREDADO, o galo. Lascou de prima uma QUINA da qual se compunha toda sua FÉRIA. Burlou beleza meia hora e meia, depois fudeu. Rateou lindo na frente dos ACOSTUMADOS, que por saberem os sabores de perder e ganhar MUITO, não perdoaram o deslize: disseram paga. Ele se fez de escapular com constrangimentos e outros risos, mas não deu certo. Contou-lhes até uma história triste. Relincharam e riram às lágrimas em GOTA.

Foi aí que PRETEOU o ZÓIO da gateada.

Já era hora de algo assim acontecer na vida de Amâncio, mas não podemos deixar de pensar porra, que sacanagem. Há, claro, aqueles que dizem sacanagem acha tu que NÃO conhece

o Amâncio, posto que, caso CONHECESES, garanto-lhe que PENSARÍEIS diferentes. Mas EU não sei. Eu NÃO conheci o Amâncio.

Sei que na hora, Amâncio não colabora, assim como JAMAIS colaborou. Na fila de ESPERA, ele também não COOPERA, como JAMAIS COOPEROU. De MILAGRES não entende: simplesmente não é assim que as coisas acontecem no seu trotar insano através do SAMSARA.

Pois mesmo assim COBRARAM-LHO cu, na MARRA.

E Amâncio PAGOU.

...E qual é que era mesmo aquela história?

AH! DOIS CARAS SE BICAM ASSIM AO LONGE, como quem não se conhece. A expressão na SOBRANÇA pisca sério pisca angústia pisca o olho e até CULATRA, se fores GALINHA. E os dois vão se aproximando e sorrindo torto e constrangido, suorzito pegando, eu te conheço não sei de onde e pode crer que até o teu nome esqueci.

Aí um deles é iluminado por um SÚBITO:

– Caralho! Tu jogava sinuca comigo na faculdade..

E aconteceu que o outro jogava MESMO.

– ...é, véi. Daniel, teu nome. Intimou o FRAGOSA, o professor de FILOSOFIA NEURÓTICO, aquele, uma vez, que eu sei.

Um sorriso TERNO emerge na fronte larga de Daniel. Agora é ele quem fala:

– Eu mesmo! Pô, legal te encontrar, carinha. Mas me diz uma coisa: o que mais tu lembra de mim?

Abracinhos e tal. Tapinhas nas PALETA.

– Véi, o pior é que dessa época não lembro de praticamente nada e as coisas que eu lembro geralmente não aconteceram

comigo. Muito trago, muito FUMINHO. Nessa época eu era HARD-CORE. Heheh. Mas bom te encontrar aí, tchê. Que tu tem feito?

– Aí que tá, carinha: não sei.

– Como assim?

– Não sei.

– Mas tu não sabe o quê?

– Não sei de nada, cara. Não sei quem eu sou, como eu vim parar aqui, não sei merda nenhuma.

– Porra, como assim?

– Sei lá, eu vinha caminhando de lá e senti um negócio esquisito na cabeça e quando eu me dei conta eu não sabia mais porra nenhuma.

– Tá me gozando, né, véi? Tu era gozador, é? Não sabia. Eu só jogava sinuca contigo mesmo. Nem beber junto a gente nunca bebeu. Mas eu não tou de toca, não. Quase me pegou, véi. Heheh.

Cotoveladinha no PLEXO de Daniel. Daniel não sabe nada.

– Sei lá se eu era gozador, cara. Eu já te disse, meu: eu não sei de nada.

Neste momento, Jaime percebeu que a conversa de seu FAIXA era mesmo ÀS VERA e, portanto, fez o que tinha de fazer: deu o PIRELLI.

– Ô, meu, que merda é essa atrás de ti? – e apontou o FURABOLO rumo à LUA, que era a única coisa que BRILHAVA através da translúcida CLARABÓIA que chamamos de CELSO.

Daniel ficou lá, rateando, meio desolado. Não muito, até porque ele não tava entendendo muita coisa. O nariz doía às GANHA por culpa de uma armação de óculos deformada, troféu de uma briga talvez.

Ele não sabe.

Outorgando por aê

EUSÉBIO ESTRANHO UM POUCO quando ouviu o estrondo, mas preferiu não olhar para trás. Não era medo; muito mais um desprezo que havia se acostumado a nutrir por toda e qualquer forma de vida, incluindo aí a sua própria. Chegou mesmo a lamentar que, o que quer que houvesse causado tamanho barulho, não o tivesse atingido. Estaria morto agora e, certamente, muito mais satisfeito do que molhando os pés na chuva lombada acima a caminho de casa.

Debaixo do braço, sua mais recente aquisição: uma delicada miniatura nipônica, reproduzindo em cada detalhe o mais recente metrô de superfície inaugurado em Kuala Lumpur. Carregava o brinquedo com sobressalto materno, evitando até mesmo que as finas gotas da garoa se depositassem sobre o plástico. De tempos em tempos botava-se a acariciá-lo e gemia.

Poucos metros antes do final da subida, Eusébio decidiu pegar um tinto na confeitaria – e um tinto qualquer, afinal de contas, numa sexta-feira vale tudo para atingir as estrelas.

Silencioso e preciso, nem abriu a boca para agradecer o troco e, em tempo de velocista, já estava novamente na rua. Notou que uma Igreja Universal havia se instalado bem defronte ao supermercado sem que houvesse percebido. Teve vontade de perguntar a alguém desde quando ela estava ali, mas a curiosidade logo foi suprida pelo habitual ceticismo.

Meia dúzia de passos depois, Eusébio estava no topo do mundo e, como de costume, resolveu fitar o horizonte por alguns segundos enquanto recuperava o fôlego. Foi então que avistou ao longe uma enorme massa humana estacionada na calçada em frente a um prédio, parcialmente desnuda, com os pudores cobertos por um minúsculo retalho de pano. O vento fazia balançar as cortinas de um solitário apartamento no último andar.

Eusébio não sabia que era Joana, 27 anos, assídua devoradora de doces na mesma confeitaria onde acabara de comprar o tinto duvidoso, e fervorosa frequentadora do templo que havia lhe subtraído instantes de inquietação pouco antes. Não sabia também que ela não havia se matado; apenas escorregara no parapeito úmido enquanto procurava pendurar um crucifixo sobre a janela.

– Foda, hein? – lhe disse um gurizinho.

– GRUNTS – retrucou.

E *pau!*, riscou um cascudo na cabeça do piá. Onde já se viu falar assim com os mais velhos?

Koans – 1 de 8 (a 90º)

ZETON ERA UM BIGODUDO quieto que morava com CENTO E VINTE E OITO cães num sobrado sem muitos luxos. Um dia um discípulo veio filar um cigarrinho e uma cachacinha e o Zeton sentou-lhe o braço. Ainda sangrando e um tanto tonto, o ousado discípulo perguntou:

– Zeton, me diz uma coisa: é preferível ter um milhão de amigos ou um milhão de mulheres?

Zeton acariciou a bigodeira não uma nem duas, mas TRÊS vezes e então proferiu, enquanto usava o polegar da mesma mão para cutucar o RÊGO ardendo em cócegas:

– Cães. Mulher é sempre prejuízo e muitos dos teus amigos são uns filhas-da-puta que só querem saber de te filar um cigarrinho e uma cachacinha.

Nesse momento, ele atingiu a iluminação, mas não tomou choque porque Zeton não pagava a conta há meses.

Interferências no fluxo da consciência

1. DA NANG, VIETNAM, 1967

O silêncio da floresta é maculado pelo cacarejar das AK-47. Sempre penso em aves de metal quando escuto a explosão dos cartuchos. Talvez seja só eu. Talvez seja o calor. Malditos mosquitos. “Cuidado!” Um vietkong nas minhas costas derruba-se estraçalhado: três rajadas varrendo a cervical. Sargento O’Hara é o mestre da mata, apareceu na hora certa evitando uma despesa de 580 dólares em bandeiras e honras militares no meu funeral.

- Esse é o tipo de sujeito que é um pau no cu!
- Por quê?
- ...Atirando pelas costas... O filha da puta não é homem!
- Porra, O’Hara, então tu também é pau no cu. Tu fez a mesma coisa com ele!
- Ah, mas eu mato a maioria deles pela frente...
- ... “A maioria”... Heh.

2. Prevenção é a cura

Eu, por exemplo, trago comigo sempre um pé-de-meia preto, que vai bem com qualquer calça escura. Como não se usam calças claras aqui na República, continuo sempre dentro da moda diante de qualquer imprevisto. Por exemplo, digamos que você vá a uma festa em um galpão em Venâncio Aires. Tem cachaça caseira, rapadura caseira, churrasco de boi de cabanha e erva mate do supermercado mesmo. Tem também umas rancheirinhas bem fornidas arqueadoras de perna. Digamos que você resolva fornicar no meio da natureza, mas, infelizmente, a chuva torrencial que cai tenha formado um quase-açude na saída do salão, tornando praticamente impossível a sua saída. Claro que a sua fornicatriz não se incomoda com a chuva, inclusive chegou a sugerir que vocês fossem trepar mesmo no meio da tormenta porque isso daria um caráter muito mais romântico àquela noite já tão mágica a essa altura do campeonato. Você concordou, afinal, vale qualquer coisa para que ela abaixe as calcinhas. Contudo, ela não admite a possibilidade de enfrentar a água barrenta para lhe fornecer aquele belo conteúdo. “Putá porém sem porquice.” Nesse momento você precisa agir com calma, retirar seus sapatos e meias e atravessar o quase-açude com a fornicatriz no colo, espremendo a lama entre os dedos do pé em direção ao pretendido sítio de fodelança. Uma vez lá, coloque as meias de volta e fique alguns minutos pensando seriamente sobre a real utilidade de um par extra de meias negras no bolso quando as antigas nem sequer precisaram ser molhadas. Foda forte, fique firme e depois me conte.

3. Um ascensorista

Primeiro andar.

– E se quando tu puxar a cabeça do pau, assim pra chupar, a pica estiver coberta de esmegma?

– Eu tenho nojo só de tocar.

– Só de sentir o cheiro.

– Ai, mas tem vezes que...

Segundo andar.

4. Grilhões notificados 2001

O mundo está infestado de babacas e a maior parte da culpa deles serem assim é deles mesmos.

Veja bem: o único fator que te faz babaca é a ignorância. Durante um largo período da história da humanidade, a ignorância era uma mazela à qual uma significativa parte da população estava sujeita porque o conhecimento não era bem dividido. Com o passar do tempo, a revolução industrial e a realidade Frankfurtiana da indústria cultural, o conhecimento fica acessível a um número cada vez mais notável da população. Atualmente pode-se dizer que – a partir de uma visão bastante simplista – o conhecimento total e irrestrito é acessível a qualquer ser alfabetizado que possua pelo menos cinco reais por dia para acessar a internet de um cybercafé numa loja de conveniência de um posto de gasolina. O acesso a essa facilidade cobre um número relativamente expressivo de viventes, o que nos leva a concluir que a ignorância no século XXI é diretamente proporcional à preguiça e à falta de sepuxismo da geração atual. Malditos apáticos que se contentam e se bastam com o papel do bufão em lugar do rei. A grande maioria das pessoas apenas existe. Apenas respira, troca fluidos, come-dorme-morre. A grande maioria quer ser ovelha, líquen ou berinjala: medíocre

que só. Desempenhar um papel de coadjuvante na própria vida é triste. Mesmo assim, a grande maioria das pessoas prefere optar pelo determinismo do conforto matutino. Uma xícara de café antes das oito horas da jornada, outra no almoço e mais uma antes de dormir. Acho que o proletariado em todas as suas manifestações toma muito café. E café é um veneno, você sabe.

5. Golden shower

- Que é isso aí, é Cebion? Me dá um gole.
- Não é Cebion, é mijo.
- Hahahahahahaha. Tá, vai, me dá um gole.
- Vai fundo, mas tou te avisando: é mijo.
- Putaquepariu, o copo tá meio quente mesmo.
- Eu tou te falando que é mijo.
- Mas porque catzo tu tá bebendo mijo?
- Eu tava limpando meu armário, aí achei minha coleção completa da *Superinteressante* de 1988. Na edição 8 eu li uma reportagem sobre higiene bucal, na qual dizia que, na Grécia antiga, os carinhas bochechavam seu próprio mijo pra limpar os dentes. Segundo um estudo científico da Universidade de Berkley, na Califórnia, parece que realmente ficou provado que a uréia é o mais eficiente higienizador bucal que o homem conhece.
- Ufa. Eu pensei que era por causa daquelas teorias bizarras que dizem que o mijo tem um caráter sagrado apenas por ser a água dourada que o corpo humano produz. Acho que é um daqueles povos pré-colombianos que faz isso, né? Bebe o próprio mijo pra fortalecer o espírito...
- Aí eu não sei. Só sei que os gregos em geral estão certos.
- É, mas te liga que a maioria deles também era puto. Esse

lance de beber mijo aí, daqui a pouco tu já tá querendo beber outras coisas, depois já vai querer engolfar o capacete...

- Pois eu sei. No mesmo armário eu achei a minha coleção completa da *Casseta Popular* de 1992 e lá no meio tinha uma entrevista com o Léo Jaime, que dizia que "O cara tem que dar o cu três vezes e beber mijo. Se depois disso não virar viado, o cara é macho mesmo." Então o que eu concluo daí? Que dar o cu é mesmo o canal, até porque o próprio Aristóteles disse que só há amor verdadeiro entre homens.

- Ouvi dizer que eles tomavam ácido também.
- Ácido?
- É. Não era BEM ácido assim e tal, mas era um preparado com centeio e com uma porrada de fungo que, quando os caras tomavam o lance, ficavam bem doidões, batendo papo e se fresqueando uns com os outros. Na real, o mesmo fungo de onde foi extraído o LSD-25, acho que em 52, pelo Hoffman, né?
- Sei lá. Porra, os gregos eram mesmo foda. Sexo, drogas e rock'n'roll.
- Sei não. Música grega deve ser uma merda.
- Porra, eu acho divertido ir no restaurante grego quebrar os pratos com aquele som.
- É, mas isso porque tu tá bêbado pra caralho. E falando nisso, larga essa porra desse mijo aí, cara. Não precisa beber essa merda pra provar que tu é macho.
- Não é pra provar que eu sou macho, é pra lavar a boca.
- Caralho, que nojo, cara.
- Nojo por quê? Mijo é 99% água!
- Pode até ser 99% água, mas é 100% mijo.
- Ah, isso é.

6. Live from Muquitibirici

Engraçado: agora que eu parei de me preocupar com a minha silhueta esguia, Deus me deu essa pança. Lembra que merda era no colégio? Tu ficava duas horas escolhendo camiseta porque tinha umas que simplesmente não dava pra usar. Vergonha é um lance foda pra se lidar enquanto se cresce, especialmente quando todo um esquema de propaganda irresponsável e a manutenção falha da sociedade formatam os pensamentos hedonistas de adolescentes zumbis que não questionam, só querem saber de supinos, acerola e gatorade. Hoje abro o armário e minutos depois nem sei o que estou usando. Não me preocupo mais. No fim era tudo vontade de comer uma buceta. Sempre tudo acaba em comer uma buceta, ou fornecê-la. O erro dos chilenos foi entender que a prata era mais valiosa que a buceta, por isso quando formularam sua teoria desenvolvimentista para a Sudamérica, esqueceram do Brasil. Hoje sofremos de um mercantilismo evoluído, mas não evoluído como um pokemon ou um homosapiens, mas como um ornitorrinco estanque e peludo. Por isso é que eu sempre defendi a teoria de que o melhor jeito de atrair uma mulher é andar sempre sujo com seus genes. É por isso que gozo nas minhas mãos e distribuo tudo pelo meu pescoço, pulsos e peito, como uma loção. Tem a ver com os instintos mais básicos e é um dos truques mais sórdidos. Mas funciona. Pergunta pra Cláudia ali. Ô Cláudia! Ô Cláudia.

Ih, ficou encabulada. Não quer dar entrevista, não. Feromônio ainda é tabu por aqui, seu moço.

7. Cérebros Fahrenheit

– Por obséquio, poderíeis dizer-me que horas éreis 32 minutos atrás?

– Ahn?

– Desculpai, eu sei que hardes tranhardes, mas meu cérebro funcionará assim desde a cirurgia. Vêde a cicatriz?

– Sim, mas essa cicatriz é no braço.

– Fôde um erro médico grotesco, a culpa é da anestesia, na verdades. Hardes de fritardes boa parte do meu senso tempo-real com óxido nitroso mal administrardes.

– Põe erro fudido nisso. Isso aí é a tua BCG.

– BCGerdes?

– É, a vacina aquela.

– NNNNNada.

– Claro que é, eu também tenho aqui, ó... ih... cadê? Não tou achando...

– Vendes cárdes, vós irá dizer-me-te-lhei que horas eram 32 minutos atrás ou terei de perguntardes pro careca aquele ali?

– Não, peraê que eu te digo. Mas só me diz uma coisa: por que tem que ser 32 minutos atrás?

– Porque senão eu tenho que fazerdes uns cálculos muito complicados pra descobrires que horas são.

– Mesmo? Tipo qual?

– Tipo subtrairdes 32 minutos da hora que a pessoa me responde.

8. Eu tenho uma camiseta escrito “Against all Odds”

Ela passou a roleta rebolando que eu vi. Pra mim que eu vi. Aquele rabão que eu vi. Cheirando à carne o corpo todo. Dá vontade de morder o pescoço que eu vi. A cintura que eu vi. A dobrinha entre a bunda e a coxa que eu vi. Uniforme de frigorífico. Perfume de alcatra, meio feia. Meio bruta. Tem um buço grosso, um busto gordo, acho que tá cheio de chouriço.

É agora, ela vai puxar a cordinha. Vai descer nessa parada. Vou lá, vou lá. Isso, fica parada aí. Te espreme nessa véia aí. Isso, véia. Segura. Não deixa ela passar. Não ainda. Espera eu chegar aí. Tô vindo, tou vindo.

Isso, cheguei. Sinto o cheiro da carne. Gordura bovina, gordura suína, até gordura canina deve rolar por aqui. Aquela coisa estranha, um perfume barato bem vagabundo com desodorante em pó e suor. Sua forte as costas, molhada a camiseta. Agora tu vai ver. Isso, vai mexendo essa bundinha.

Tá gostando? Claro que tá. Te vira, me olha. Olha só quem tá aqui atrás de ti, olha quem tá te fazendo ficar molhada, olha. Olha. Olha pra cá, vai. Não vai sem me ver. Não sai. Não sai. Por favor, não sai. Saiu. Não vou. Já foi. Puta que pariu, como é que eu vou limpar isso aqui agora?

Louise

NA PRIMEIRA VEZ QUE A ENXERGUEI, logo vi que eu ia me ferrar. Não daria a ela, contudo, o sabor de uma vitória rápida. Eu seria vencido, miseravelmente vencido, mas com a sensação da catastrófica grandiosidade dos grandes naufrágios.

O jeito mais fácil de se derrotar um adversário reside na honestidade de um golpe no nariz. Sempre mire no nariz. Foi o que mamãe me ensinou. São necessários apenas 30 quilos para estilhaçar a cartilagem. Qualquer garotinha magra chega facilmente aos 60 em uma pancada franca em linha reta. O efeito é surpreendente. Além do som assustador da fratura, o estrago produzido pelo golpe desencadeia o inevitável choro. O caldo formado com o sangue e o muco cega o oponente pelo tempo necessário para que se encaixe um segundo e definitivo ataque. É uma manobra bastante eficaz, sendo apenas contra-indicada para lutadores de boxe cuja fraqueza já foi há muito subtraída.

Foi assim que descobri que ele era pugilista. Não parecia. Mãos bem cuidadas, rosto sem marcas, guarda muito baixa,

nenhuma ginga. Total desleixo. Quem quer que tenha treinado esse cara, não sabia o que estava fazendo. Quem removeu a cartilagem do seu nariz, sim. Ainda que não o tenha tonteado com o meu primeiro soco, pude ver claramente o momento em que a dúvida tomou conta de seus pensamentos. Assim que a cabeça voltou à posição original, arregalaram-se os olhos. A garota pequenina não era um alvo assim tão fácil, afinal.

Quis aproveitar os raros segundos de medo e, novamente, ataquei. Parti para o segundo passo na rotina de mamãe: chute na virilha e joelho na testa. Tem eficácia 100% garantida. É fato conhecido: até mesmo indivíduos que, por um ou outro motivo, não portam bolas, têm a tendência de curvar o corpo quando recebem um impacto abaixo da linha da cintura. Mas este não se curvou. Absorveu todo o impacto nos quadris e então desferiu seu primeiro golpe, encomendado especialmente para o meio do meu rosto, na ponta do meu nariz.

Senti pela primeira vez o cheiro do sangue e o sabor das lágrimas. Parei. Entrei em estado de choque. Ceguei. Meus músculos se retesaram. Desmoronei. Não ouvi mais som, não vi mais cor. Empalideci. Cheguei aos meus joelhos. Perdi a luta, pensei.

Nunca havia deixado ninguém sequer encostar no meu nariz. Custou caríssimo. Pode me quebrar as costelas, me perfurar os rins e romper os ligamentos da perna. Nada disso interfere num sorriso. Agora, quebrar meu nariz? Nem fudendo. Defendo com a vida o meu nariz, bem mais precioso – e frágil – que nela possuo. Defendo com a vida, mas não defendo bastante. Agora está aí: despedaçado, arrasado, destruído. Fiz o meu melhor e o meu melhor não foi suficiente. Isso não pode ficar assim. Isso não vai ficar assim.

Quando a visão voltou a fazer algum sentido, ainda estava atônita, de joelhos. A raiva não havia me deixado cair. A primeira imagem que reconheci foi a perna esquerda sustentando o pesado corpo daquele homem, enquanto ele erguia a direita na direção da minha têmpora. A reação foi orgânica. Partindo dos joelhos, descrevi uma espiral descendente com o corpo, acertando sua rótula esquerda com os dois calcanhares. O esmigalho de ossos e ligamentos o projetaram ao chão. Sentei sobre seu peito, prendendo os dois braços com os joelhos. Soquei seu rosto até sentir seu corpo desfalecer. Envernizado pelo reluzente escarlate do sangue, ele dormia desfigurado. Só o nariz permanecia intacto.

O meu, esparramado aos cacos pela face, ardia.

Não havia mais motivo para ficar ali. A essa hora da noite, mesmo que eu chamasse, a polícia não ia aparecer. E se aparecesse, não ia fazer nada que eu já não havia feito. Encontrei minha bolsa perto de um duto de ventilação e usei o seu blusão para limpar o sangue das mãos e do rosto. Tirei o máximo que pude das minhas roupas, também. Tudo que eu precisava agora era arranjar um táxi pra sair desse inferno da zona norte e tomar um bom banho quente. Depois ligo pro meu médico para implorar que salve a vida do meu nariz e pra minha mãe pra ver o que ela pode fazer pelos meus movimentos. Até que tou bem no ataque, mas, Deus, preciso melhorar urgentemente essa minha guarda.

1988 – O ano da constituição de 1988

TEM A HISTÓRIA, AQUELA, DA TERCEIRA SÉRIE.

Eu gostava da terceira série. Tinha uma professora gata chamada TIA DENISE. Baixinha, o cabelo crespo, DERILHO TROPICAL estilo CLAUDIA OHANA, um pouco menos SELVAGEM.

Certo dia, Tia Denise INQUIRIU a turma:

– Quem é que gosta de fazer o tema de casa?

A rapaziada buzinou, em UNÍSSONO:

– EEEEEEEEEEU!

Uma das mãos pro alto. Eu junto, claro. Achava uma MERDA fazer tema e brigava TODO SANTO DIA com TODO MUNDO pra não fazer, mas não tinha jeito: fazia. E fazia MUITO PUTO DA VIDA. Mas não ia admitir NADRAS. Bundamolismo era o must daqueles dias e eu queria estar POR DENTRO, já que não tinha grana pra comprar as roupinhas pré-surfismo da RAÍZES.

Na época, tudo que eu tinha eram DOIS papagaios, que na real eram da minha vó FRIDA – de ELFRIDA.

Dá-lhe.

Chamavam-se CHICO e RICO. Viviam curiosa história de PENOSO amor HOMOSSEXUAL, os dois. Machucavam-se loucamente durante o CONLUJO e seguiam RINHANDO-SE depois dele. O Chico, eternamente mais MATUSQUELA, sempre tomava uma ruim do Rico, aquele CANALHA.

Fato é que Tia Denise prosseguiu:

– Então enquanto o resto de vocês copia o tema o CARLINHO vem aqui falar comigo.

Fui lá me bobeando de felicidade.

Eu era o PRIMEIRO da fila por ter sido, desde sempre, um GERIVÁ DA HABILIDADE e, além disso, COMANDAVA na SAPIÊNCIA. Tia Denise era só ELOGIOS per me. Em minha mente PUERIL, calculava que, se Tia Denise estava SOLICITANDO MINHA PESENÇA, eu ia, definitivamente, me dar bem.

– Carlinho... um PASSARINHO me contou que tu não gosta de fazer o tema...

CAGOU-SE A PÁTRIA, pensei. O pânico instaurado no sistema DESLIGOU meu cérebro, deixando tudo pro coitado do CEREBELO. Meu primeiro instinto me levou de volta ao meu quarto, cuja janela dava de FRENTE pra gaiola dos PAPAGAIOS, aqueles FILHOS DA PUTA. É CERTO que só podem ter sido ELES, esses PASSARINHOS de merda, que falaram que eu não gosto de fazer tema.

E pior é que na frente da gente eles não falavam. Minha vó passava HORAS entoando tradicionais cantigas alemãs de SANTA CATARINA além de composições próprias da família ROSUMEK e os putos dos papagaios só SE ESGOELAVAM e GRITAVAM de volta. Às vezes reproduziam, muito toscamente, alguma melodia. Mas nunca falaram PORRA NENHUMA na frente da gente. Foram falar tudo pra TIA DENISE, esses filhos da puta.

Que merda. ME FUDI.

– Por que tu não gosta de fazer o tema, Carlinho?

Ela me olhou tão triste que eu não tive coragem de DECEPCIONAR aquela MULHER. Não ia admitir que eu era um NATURAL BORN VAGABUNDO e que não gostava de fazer a porra do tema porque ele me tomava um tempo PRECIOSO em que eu poderia estar ouvindo umas FITAS, vendo um enlatado na Sessão da Tarde ou comendo alguma porcaria. Não, a GOSTOSA DA TIA DENISE não merecia isto.

Então, me ofereci em SACRIFÍCIO.

– Sabe o que que é? Eu não gosto de fazer porque é muito fácil. Eu não acho o tema DESAFIADOR o suficiente.

– Não tem problema. A partir de agora eu vou te passar todos os dias um TEMA EXTRA além do tema. Vai ser uma pesquisa pra tu fazer nos livros que tu tem em casa e me trazer no dia seguinte.

– Beleza.

ME FUDI.

Durante o ano que passou, fiz as mais aleatórias pesquisas seguindo as orientações da TIA DENISE. Violetas. Abelhas. Ferrovias. Dakota do Norte. Eletricidade. Perfume. Posso dizer que ESMERILHEI toda a BARSÁ de 1964. Na sede pela INFORMAÇÃO originada na NECESSIDADE da LIDA, acabei apelando para as coleções de TRÔPICO, MIRADOR, CONHECER e todos esses outros GOOGLES DA PRÉ-HISTÓRIA.

Ao longo dos meses acabei descobrindo que os papagaios eram, afinal de contas, inocentes, o que me fez sentir meio culpado por ter dado uns CAROÇOS DE BUTIÁ pra eles comerem, na esperança de que quebrassem os BICOS.

Mas, fato é que, apesar de meio AFRESALHADOS, os bichos eram DURÕES, e foram capazes de ESMIGALHAR, sem grandes SUA-DOUROS, os problemas que lhes propus, tão inocente e ABOBALHADO no despertar PALHAÇADA daquela primavera.

As dez mil coisas

ACABO DE PERDER UMA BAGA dentro de um cinzeiro.

Não costumo fazer muito isso, até porque eu não teria por costume guardar as minhas BAGAS no cinzeiro se de fato as possuísse. Verdade seja dita, as BAGAS, assim como todas as coisas que experimentamos através da nossa subestimada gama de sentidos, não são confiáveis. Quer dizer: acredita-se que existam e, em muitas situações, possuem a capacidade de provar tal afirmação, mas eu peço aqui a LICENÇA DA BOLINHA pra dizer *sei lá*. Os nossos códigos todos são muito frágeis para garantir a veracidade absoluta das informações de que dispomos sobre tudo – até mesmo no que diz respeito ao conceito de VERDADE.

Eu fico francamente translúcido de tanta pergunta que se abate em meus vastos vazios de ocupação depois de extrair da CUCA tal raciocínio. Apesar da meia noite, a televisão continua muito ligada e, de sua caixa abençoada, posso perceber que é um filme que EMANA. Mais: embora não acompanhe a narrativa com atenção sincera, já tenho tempo suficiente para entender

que se trata de *O filho de Jesus*. Espero que outras pessoas estejam vendo isso também. É um bom filme. Mas não espero que outras pessoas estejam vendo este bom filme apenas por bom o ser. Espero mais que tudo pela coisa que nos une a todos que prestamos atenção em algum aquilo que acontece ao mesmo tempo. Estamos conectados pelo EVENTO. Milhares, talvez mesmo até milhões de pessoas empregando aquele MESMO instante para o mesmo fim. Sem planejamento nem ordem.

Claro que, a exemplo de qualquer coisa no mundo, tudo que foi dito neste texto também é incrivelmente questionável – por uma infinidade de razões, ângulos e até mesmo ESCOLAS. Afirmação das mais facilmente duvidosas é a que recai sobre a televisão. Participo que sou SUPERIORMENTE GRADUADO em comunicação, mas apesar disso é JÚNIOR o meu domínio de campo neste VIÉS. Alguém pode chegar e me dizer *ah, mas acho que não dá pra se dizer que não há um planejamento* e eu nem vou ouvir o resto pra aceitar que OK. Mas não sejamos tão ANAIS. Fico tão apreensivo com este tipo de reação que até já pensei que se tu me vier com esse papinho vou fazer um adesivo e te dar de presente escrito assim: É BANAL SER ANAL. Verde o fundo, com letras amarelas em cima. É pra colar no carro e tudo.

As pessoas não vão entender. Ou vão entender errado. Vão ler BANANA direto pra associar com o CU no final. É assim que somos. Já vi isso acontecer. E tu também já viu. Se não viu é só ficar na BUJICA de agora em diante que nem se demora muito até que se pegue de MENFA na MUTUJA. Já vi isso acontecer. Cérebro humano às vezes faz uns atalhos bizarros. Ao contrário do que parece, tenho esta sensação de que não é um SWAP involuntário. Aliás, acho que nada é INVOLUNTÁRIO no que tange à massa cinzenta. O cérebro é a única parte do teu corpo que

pode ser treinada. O cérebro te dá várias alegrias se tu investe direito nele.

Tipo agora que eu pensei nisso porque eu vi rolando no filme ali de canto um lance sobre TAOÍSTAS dizerem que o mundo chama-se algo como AS DEZ MIL COISAS. Sei lá. Não vi direito. Ai pensei: será que existem mais de dez mil COISAS no mundo? Quer dizer, alguém já contou? Não estou falando dez mil quaisquer COISAS – dez mil categorias MMC (de Mínimo Múltiplo Comum, não de 2100 ou qualquer variação), elementares, básicas ao MÁXIMO, sob as quais várias outras SUBCOISAS pudessem ser classificadas. Tipo: existem aproximadamente TRÊS BILHÕES de homens no mundo, mas no tocante a COISAS, contaria apenas por UM. CATCH MY DRIFT, POTNA?

Entonces. Existiriam mais de DEZ MIL COISAS ou isso numa dessas é até muito mais coisa do que realmente existe? Tenho cá minhas dúvidas e creio que a maioria de vocês tem LATIDOS entalados em suas gargantas a respeito disso. Acredito também que a maioria afirmará com grande segurança que existem muito mais de dez mil coisas, mas eu continuo numas de *sei lá hein?* Tu já contou? Então depois que tu contar tu me fala se tem tanto mais assim.

Eu tava pensando em trabalhar um tempo nisso, contando as coisas que existem para tentar conceder alguma prova física ao taoísmo. Talvez sirva pra alguma coisa, mas ainda não pensei direito no assunto. Não pretendo cometer também este tipo de erro aqui. Cada coisa no seu lugar. Quando por cá equivoco quero que seja ao menos coerente. Sejam simplistas e exagerados, mas não ignorantes. Pelo menos não por hora.

Não faz nem meia que comecei a golpear as branquinhas, já meio INCREMENTADAS no que cabe à sua PIGMENTAÇÃO. As noi-

tes de domingo têm me feito bem desde que voltei pro meu lugar CATIVO. Retomei algum prazer perdido ao escrever. Há quem se doa, quem se morda e quem simplesmente desconheça a minha LATA. A estes reservo o meu APLAUSO. Aos outros, alguma vergonha e qualquer parcela de devoção e dívida que jamais pagarei. Ou que pago a todo instante e nem sei. Ou que só pago numas parcelas espaçadas pra cacete. Sei lá.

Tem um monte de coisas que eu faço com o meu dinheiro, mas evito pagar parcelado. Comprei umas calças na Renner total na pilha de ganhar de aniversário, mas, como ninguém se acusou, terei de HONRAR sozinho as prestações. Não é também um troço desses que tá aí pra me abalar as CANELINHAS. Vai que tu te abala? Que mulherzinha. Mas não dá nada, eu também já fui mocinha neste BIRIRI. Com o tempo veio o espaço. Nele surgiu a prática e, através dela, foram desenvolvidas CAMANGAS. O mesmo fez você e fizeram também todos os seus colegas de caminhada. Talvez seja evolução, talvez seja outra coisa, talvez – e é bem provável que – não seja nada. Tudo uma questão de ponto de vista.

Conforme prometido

O PRINCIPAL PROBLEMA DE QUANDO te acontece uma destas coisas FORMIDÁVEIS que só mesmo o ACASO é capaz de oferecer, é pecar por falta de testemunhas. Naturalmente, também acharia muito difícil acreditar em alguns dos relatos que ouvi por aí se os eventos ARROLADOS não tivessem se DESENROLADO perante os meus próprios olhos. Ao mesmo tempo, é justamente por esta razão que aprendi a desenvolver toda uma BENEVOLÊNCIA com os relatores deste tipo de aventura e, espero que sua convivência COMIGO tenha lhe dado a mesmíssima lição.

Fato é que eram menos de 17h horas (mas não muito mais que 16h) neste lindo SÁBADO quando eu recebi o TELEFONEMA que mudou o rumo da minha ERRÂNCIA MUNDANA pelas 24 horas seguintes. Na real, toda a história acontece em apenas 23 delas, mas certamente o arredondamento não prejudicará a compreensão da OBRA.

Era ELA.

Proibido e feminino paraíso aprisionado na ansiedade típica dos 17 anos de idade, ELA estava com saudades, e me ligava por saber que eu permanecia na cidade enquanto todos – incluindo aí os pais dela – gozavam do último fim-de-semana no Litoral Norte. Melhor ainda: a dupla de URSOS que ela insistia em chamar de PAIS decidira OUSAR durante o vigésimo aniversário de casamento e aproveitava as mordomias de um destes cruzeiros populares pelo Caribe que tem propaganda o tempo todo na FOX.

Sendo este um sábado de folga seguido de um domingo no qual eu deveria trabalhar apenas a partir das 21h, decidi aceitar o convite para “tomar um vinho” com a mocinha. Além de todos os motivos que posso enumerar para tal reação, tenho a meu favor o fato de ter acabado a pouquíssimos minutos a leitura de CORPO PRESENTE, estréia coberta de PICÂNCA de um escritor PORTENHO pelo qual tenho grande apreço no conturbado mundo da literatura.

Fiz um ALONGAMENTO enquanto a água esquentava, lavei-me com AFINCO por muitos minutos e, depois de espalhar umas gotas de perfume sobre as CARÓTIDAS e os PULSOS, finalmente abandonei a toca. O sol, ainda alto, começava a sumir por entre as nuvens. Deixei a Medianeira repousar tranqüila, engolida pelo verde das alamedas, e fui em busca das principais artérias da cidade.

Arrasada pela solidão, a metrópole me parece linda. Ouço o atrito da borracha dos pneus contra as ranhuras por entre os paralelepípedos enquanto corto caminho pelas vielas que me jogam na Azenha, onde ainda há algum movimento. O colorido das lojas me distrai. Estranho as luzes apagadas nos bingos

quando atinjo a Princesa Isabel. No Palio azul escuro à minha frente, duas crianças genuinamente ruivas me fazem caretas. Eu aceno.

Quando finalmente cruzo a Ipiranga na rótula da Silva Só lembro que não porto CAMISINHAS, o que me obriga a meter uma FERRADURA na frente do McDonald's e acelerar até a loja de conveniência daquele SHELL que tem ali quase na esquina da SANTANA, depois do Planetário e da Fabico. Adquiro TRÊS pacotes e um maço de CARLTON. Pago dez reais, a moça da loja me oferece BALAS. Digo que pode ficar com o troco.

Chego à sua casa nos altos do MOINHOS por volta das 18h. Meu celular toca e apaga no mesmo fôlego enquanto procuro um lugar pra estacionar numa destas LABIRÍNTICAS ruelas do bairro nobre da cidade. Foda-se: que fique no carro o aparelho.

Olhamo-nos no fundo das almas quando a porta nos abre espaço. Ela me abraça quente. Eu me sinto derreter e a aperto FIRME contra meus braços. Ela geme. Estou perdido.

Conversamos alguma coisa depois dos primeiros beijos. Ela me oferece um SUCO DE UVA, diz que é ESPECIAL. “Deve ser o vinho”, penso. Não: era suco de uva mesmo. Ela se diverte ao me ver encerrar o copo de um só golpe. Aplauda, dá gritinhos afoitos e me empurra pro quarto, sorriso nos lábios lavados pela língua que treme de um lado ao outro antes de encontrar minha boca.

Passam-se horas intensas no EQUADOR de nós dois. No microsystem toca, no repeat, uma dessas bandinhas MOD nórdicas, com um THE e uma SÍLABA por nome. Vines? Doves? Gloves? Um troço assim. Não me incomoda, mas parece levá-la a NOVAS alturas. No meio da confusão tudo que eu consigo ver é rosa, tudo que eu consigo saborear é salgado e tudo que eu consigo

pensar é QUE DELÍCIA. Nada como celebrar nossa juventude sugando os fluidos de alguém ainda MAIS jovem do que nós mesmos.

Cansamo-nos ao extremo de necessitar distância. Em um misto de alívio e êxtase, ofegante, ela pediu-me o que já havia previsto:

– Tu comprou os meus cigarros?

Comprei. Sentou-se de costas pra mim e inundou a sala com a fumaça doce e azulada do tabaco. Fiquei deitado olhando a linha da coluna descer exata até encontrar esconderijo nas POLPAS da bunda. Ela me procura com os olhos, torcendo-se sobre o eixo. Sorriso maroto.

– Vou no banheiro.

Estranho. A bela CAMPONESA cambaleia com muita dificuldade até o quarto de BANHO e, ainda mantendo o sorriso no rosto, me reclama de DORES. Nas partes PUDENDAS. Ocorre-me que ainda que não tenha FUMADO nada divertido, o mundo parece amortecidamente convidativo a esta hora. Por sinal, que horas são? Mais de nove não devem ser.

No rádio-relógio da cabeceira dos ROTUNDOS pais da menina, o display indica que são UMA E MEIA DA MANHÃ. CARALHO – penso, e logo SINTO. É o MEU, e está, literalmente, COLADO ao lençol que me cobria por uma mistura SECA horrenda, que lembrava um MOLHO ROSÉ de PORRA e SANGUE.

Resolvo DESGRUDAR a cabeça do meu pau da brancura – agora MACULADA – dos lençóis da menina só para descobrir a MAIS EXCRUCIANTE DOR que já senti desde que tive de EXPELIR uma GOTA de XAMPU que enfiei na minha URETRA quando tinha uns 10 anos de idade, sei lá porquê. Não sei se ouvi ou se imaginei o som de VELCRO durante a execução da dolorosa tarefa,

mas fato é que ao concluí-la fui ARREMESSADO ao chão, onde caí de QUATRO, de frente para o BANHEIRO do QUARTO.

Ela sai e, ao me encontrar nesta posição, põe-se a RIR descontroladamente. Entre uma e outra gargalhada, emite gemidinhos de dor enquanto se apóia nos móveis no caminho que decide fazer, nua.

– Vou pegar um SUQUINHO pra nós dois.

– Bah, pega um VINHO dessa vez, que numa dessas a gente toma um trago pra passar essa dor fudida.

– O SUQUINHO é ainda MELHOR, beibe. Tu vai ver só. – Concluiu, naquela presunção que só as meninas de 17 anos recém-gozadas têm.

Quando terminei o copo, ainda esfregando a RABA e o NABO pulsante no carpete talvez PERSA dos progenitores DELA, finalmente ela me confessa ter incluído no litro do suco que preparou uma cartela com QUATRO figurinhas do mais possante ÁCIDO BICICLETINHA de todos os tempos, recém contrabandeado de MONTREAL pelo irmão que regressou da neve do intercâmbio direto para o mar crespo e MOURO de CAPÃO NOVO.

– Por que tu fez isso? – CAGO-me de medo.

– Porque eu achei que seria divertido... – reticente, seu sorriso QUEBRA no meio do rosto.

– Caralho! Como é que eu vou voltar pra casa?

Explico: minha idéia inicial era fazer um sexo CASUAL com a minha amiguinha, dividir com ela uma garrafinha de vinho e depois sair dali para encontrar-me com o NÚCLEO DURO de um OUSADO projeto que conduzo, mal e porcamente, nos últimos meses. Não preciso dizer que NÃO FUI. Aliás, decidi aceitar meu destino e ajudei-a a finalizar a jarra do suco nos minutos seguintes.

Voltamos à ação. Muito suor, urros e calores por todo o corpo. Nunca havia gozado assim. Não consigo mais perceber o tempo passar e, à medida que o tempo EFETIVAMENTE passa, não sei mais diferenciar a realidade dos sonhos que tenho entre um e outro recesso de orgasmos.

O sol me acorda pelado, enrolado em um cobertor FEDIDO BRAGARÁI e estirado em uma CHAISE-LONG na área de serviço do apartamento que, infelizmente, dá para áreas de serviço de pelo menos outros TRÊS prédios.

Nem lembro de ter vindo pra cá. Na cadeira de PRAIA ao lado encontro um pedaço de papel dobrado sobre a minha ROUPA, igualmente dobrada.

“Vai embora.”

Ué?

Meu pau parecia uma SALSICHA DE MICROONDAS, coberto de CAREPAS e com um aspecto de MURCHEZA geral. Senti como se ele tivesse sido contaminado pelo SACO, tal era sua asquerosa aparência de SHARPEI a esta altura. Procurei manipulá-lo e notei que estava MUITO mais GROSSO e MUITO mais QUENTE que o costumeiro, mas, aparentemente, não doía.

Resolvi então puxar a pelezinha amiga que protegia a CABEZA e a dor encontrou novos significados na manhã deste domingo. ARDEU em BRASA cada centímetro do CARMIM ENVERNIZADO que cobria o, digamos assim, PESCOÇO da criatura. Ali, onde ele permanecia curiosamente LISO, o sofrimento me castigava à mínima GOLFADA de ar. Nem me atrevi a TOCAR a superfície e, cuidadosamente, cobri-a novamente com a pele.

Foi aí que lembrei de ter usado SABONETE pra lubrificar meu MASTRUÇO na falta de melhor saída para a performance de um ato IMPRÓPRIO durante a madrugada passada. Então me caiu a

FICHA: se meu pau estava neste estado, imagina o que teria acontecido à RETAGUARDA da mocinha? Ainda mais que INSISTIMOS no crime mesmo depois de já havermos nos FERIDO irreversivelmente nas horas anteriores.

Ok, admito: VIAJEI MUITO. Mas porra, como é que eu ia saber que o SABÃO teria este efeito? E ok, até poderia ter PREVISTO a bobagem, mas, porra, quem mandou ela me alimentar com ÁCIDO LISÉRGICO?

Vesti-me e dei uma rápida busca na sala por um relógio: 13h45min. A porta do quarto dos pais estava destrancada, mas não a achei lá. Tudo arrumado. Nem sinal de que estivemos VILIPENDIANDO aquela ALCOVA. Bati algumas vezes no seu quarto. Nenhum ruído, mas eu sabia que ela estava acordada. Ela estava realmente PUTA comigo. O melhor que eu fazia era sair dali antes que me aparecesse pela frente o irmão, ou, ainda pior, os URSOS que ela insiste em chamar de PAIS.

Meus olhos INCHADOS no retrovisor me lembram da TRAGÉDIA que se abate no BAIXO VENTRE. Sento-me com cuidado de DONZELA. Procuro a janela do apartamento – está virada para a arborizada e silenciosa rua amanhecendo no domingo.

Nada há.

Vou-me, então.

O segredo da vida

O AGNÓSTICO DESCOBRIU ONTEM DE NOITE qual é o SEGREDO DA VIDA. Convocou coletiva de imprensa pra dizer que O SEGREDO DA VIDA é que o PARA SEMPRE é o tempo que a gente VIVE, porque não existe absolutamente NADA além disso. Só a GAVETA de MEQUITIBIRIBA gravou, mas não publicou com medo de processo. O agnóstico, por sua vez, deixou um bilhete, foi pra casa e começou a deixar BIGODE. Constituiu famílias e assembléias, morreu de CU porque se negou a dar prum negão na CARCERAGE. Antes de MEQUETREFE que de CARCINOGENESE, era sua filosofia. A do agnóstico, não do negão. A do negão era vem cá minha princesa pra qualquer BURACO relativamente MACIO y MORNO que se apresentasse. Deu no que deu: não deu-se, queudou-se. E queudou-se na pança: facada estabelecida.

Dois dedinhos de prosa sobre a homossexualidade

O PRIMEIRO DEDO É MUITO SUSPEITO, não apenas por ser um dedo, mas por falar do que fala – especialmente antes de eu falar sobre o que falarei. Entretanto, como é um comentário essencialmente sobre MIM, existe em tudo isso algo que me exime de certas responsabilidades. Há, ainda assim, contido na próxima afirmação, um risco de MISANDERSTÃ que, contudo, não me perturba o sono em quase nada.

CARALHO, PRECISO PARAR COM TANTA VÍRGULA.

Mas vamos, então, ao primeiro dedo.

Ei-lo: observando minhas recentes fotos sem camisa, notei que me sentam muito bem os PÊLOS em meu TORSO.

Disso passamos para o dedo número DOIS. Aqui se apresenta um bom espaço para a retórica que clama em dose DUPLA os indissociáveis questionamentos: sois vós PEDERASTA? Como encontrar esta certeza?

Pois esse meu amigo que é ANALISTA de sistemas, um dia entrou numas de que talvez ele fosse chegado no poder do NABO. Numa tarde ociosa de meio da semana, ARGEMIRO ficou lá CONCA-

TENANDO e determinou que ser puto é que nem ser Flamengo: uma vez, sempre, até morrer. Concluiu que se é assim tão profunda a coisa, de modo que uma vez convertido não há caminho de volta, talvez fosse interessante fazer uma TENTATIVA. Quer dizer, ele NUNCA experimentou MACHO. Quem foi que disse que é RUIM? E afinal de contas, se o seu negócio encontrasse futuro no mercado de ANACONDAS, insistir nas BARBULETAS só lhe imprimiria sofrimento e seria, no fundo, uma tremenda perda de tempo.

Intentou, então, o corajoso, esta OBLOSA transação. Bela noite passou COLÔNIA, lavou a MORINGA de gel nas MELENAS e jogou-se num bar GAY. Bebidinha vai, bebidinha vem, lá pelas tantas chegou num cidadão magrelo de cavanhaque, trocou umas TROVAS e logo em seguida CHUPOU-LHOS beijo.

Mas achou uma BELA duma MERDA.

Admiro o ARGEMIRO. Teve BOLA de admitir ter feito o que fez e ainda assegurou que, caso tivesse CURTIDO a experiência, é bem provável que tentasse acessar o BACK ORIFFICE do sujeito na ROTINA. Ou quem sabe até fornecesse o BROCOIÓ pra ele. Mas não rolou aquela química amiga: NECA de PITIBIRIBA.

Como Argemiro era incomodado por uma lógica exacerbada, ESTIMOU que havia uma chance de que este fosse apenas um MAU beijoqueiro e procurou novamente pelo sabor de MACHO QUENTE nuns lábios barbados por aí. Mas continuou sendo tudo uma merda. Nada lhe dava aquele CALORZINHO amigo na COURAÇA. Nada lhe provocava ENTUMES. O PRISCO é que não havia. Abandonou, então, a idéia.

A mim, o que mais fascina em tudo isso nem é a incomum jornada em que se lançou este cidadão, mas a conclusão que obteve através dela.

Estatísticas? Nós trabalhamos: ele tem a certeza.

Um update perturbador

CONSIDERAVELMENTE PROVOCADO por conta do poder ATIÇANTE dum negócio chamado KRATOM – também conhecido como DRAGON SMOKE – estive envolvido nos ESTUDOS da tal da *mitragyna speciosa* durante o último DIA. Nada como a percepção na CARNE do real poder de PERSUAÇÃO da PROPAGANDA. Belo nome, KRATOM. Belo MARKETING esse lance de FUMO do DRAGÃO. Dá uma certa IMPONÊNCIA pra cousa.

Fato mais importante que o anterior, entretanto, é que destes ESTUDOS – e somente DELES – pude concluir com certa nitidez apenas isto: o KRATOM é um BIRIRI IMPRESSIONANTE.

Também, com um nome desse: KRATOM.

O FUMO DO DRAGÃO.

Porra: TEM que ser algo forte.

E TEM que ser algo que IMPRESSIONA.

Mas perceba que IMPRESSIONA não somente pelo NOME ou pela PUBLICIDADE, mas principalmente porque o OBJETO, por si só, já CONFUNDE e ATUCANA o suficiente para te INTRIGAR, já que te mete numa eterna SINUCA DE BICO quando no tocante ao TRA-

TAMENTO: Que tipo de substância é esta? Como é feita a ADMINISTRAÇÃO? Quais são os efeitos?

Um de cada vez, então.

Não dá pra dizer que é apenas UMA substância que te ATINGE, já que mais de 25 alcalóides foram isolados das folhas desta árvore tropical, que nasce na Ásia e na África.

Quando alguém MASCA, se ENCHARCA com um CHÁ esperto ou mesmo FLAMBA as FOLHINHAS SECAS, está ingerindo, entre outras MUMUNHAS, uns negócios na linha da ESPECIOFOLINA, RICOFILINA e ESTRIPULINA, mas parece que o troço QUENTE, aquele que te dá o BLIM mesmo, é uma tal de MITRAGININA (C₂₃H₃₀N₂O₄).

Pois este negócio, segundo dizem os RELATOS, tem um efeito CONTRÁRIO ao da MACONHA, porém, semelhante ao do ÓPIO. Chega a ser usado como auxiliar na DESINTOXICAÇÃO dos viciadinhos na PAPOULA. Além disso, a MITRAGININA tem a estrutura QUÍMICA muito semelhante à de um PSICODÉLICO, ainda que não aja exatamente como TAL.

Sobre as tais FOLHINHAS, vale dizer também que já foram muito consumidas pela rapaziada do SIÃO, mas hoje em dia o seu uso é PROIBIDO em toda a TAILÂNDIA. País divertido. A capital chama BANGKOK. Sempre fico imaginando como um YANKEE reage em diversas etapas da vida frente a esta realidade: existe no ORIENTE um país cuja capital chama-se BANGKOK. BANG-KOK. Ou BANG COCK, que dá pra traduzir tranqüilamente para METECARALHO.

Mas pior nem é isso. Pior é o cara CRER na BOBAGEM e se mandar pra lá em busca de ALTAS PUTARIAS, que ele até encontra, mas com aquela condição de que há 75% de chances destas ALTAS PUTARIAS envolverem pelo menos UM TRAVECO e/ou VALETE. Por ironia do destino, logo este mesmo YANKEE vai descobrir que

outra das principais cidades do país chama-se PHUKET. PHUK-ET. Ou FUCK IT, que dá pra traduzir tranquilamente para FODA-SE.

Nem me atrevo a adivinhar o DESENLACE que as possíveis interpretações desta constatação podem causar ao DESTINO deste YANKEE: depois desta SEGUNDA revelação de INTERTEXTUALIDADE LEXICOLÓGICA, tudo pode acontecer.

Isso me lembra daquele jogador de BASQUETE da seleção da ITÁLIA, que disputou as Olimpíadas de Atlanta, em 96: GREGOR FUCKA.

Pergunta que me parece PERTINENTE da ponta dos CABELO até a ponta dos DENTE: como é que as conservadoríssimas redes de televisão YANKEES lidaram com a palavra FODEDOR escrita nas costas de um jogador durante as transmissões das partidas?

Ok. Se você é a favor da GRAMÁTICA, talvez não concorde que é exatamente FODEDOR o que estava escrito em letras GIGANTESCAS nas costas deste NOBRE atleta, mas algo como FODEDÔ. Eu sei que FUCKER é diferente de FUCKA, sim, seu LETRADO metido à besta, mas, mesmo que você não acredite em LINGÜÍSTICA e nem SONHE o que diabos seja SEMIÓTICA, não admite que a POLÊMICA faz certo sentido?

Fora isso, ACENDEU A MADRUGADA.

É bonito quando uma MANHÃ se ERGUE assim, como quem não quer nada, em plenas mais de VINTE de uma QUINTA, dia VINTE de maio. Visto um DESMAIO e desfaleço-me aos MONTES, agora: é tarde. Amanhã HEI de NASCER como quem NASCE depois deste novo SOL que, na insistência, também me ARDE.

Espaço reservado

POIS POR AÍ EIS QUE ERRAVA distraído, arrastando os pés na poeira que cobre as calçadas vizinhas a uma extensa avenida da cidade, quando avistei, adiante, um destes cada vez mais raros LOGUS vermelhos. Belíssimo na sua novidade de quase ZERO quilômetro, em mim causou GRANDE comoção. Em toda indústria automobilística, há apenas UM carro que supera o LOGUS na minha preferência ESTÉTICA: O POINTER.

Que, na prática, não passa de um LOGUS HATCH.

Estacionado e esmaltado, reluzia e esquentava ao sol do mais LEGÍTIMO dia de primavera que se DERRUBOU por um quase-engano nesta METRÓPOLE sofrendo de INVERNO. Vivo e brilhante como um filete de sangue novo, expulsava, da janela aberta, agudíssimos ruídos, como que de um rádio de alto-falantes fracos, ligado no máximo. Hipnotizei-me pela visão.

Na passada, dei uma BICUDA em seu interior. Acomodada no CONFORTO do couro NEGRO e perfumoso do banco do carona, PENA uma criança, obviamente ABORRECIDA, tentando superar o

TÉDIO da espera ouvindo uma dessas bandas de EMOCORE. Senti um ponto de EXCLAMAÇÃO me subir da cuca, então olhei em volta. Gozava de uma visão muy privilegiada, portanto ABUSEI do direito de fitar, até concluir estar TOTALMENTE apto à prática de um GRAVE crime, se assim DESEJASSE.

Do ponto onde repousava todo o peso do corpo me era possível assistir os desenlaces das duas esquinas seguintes, tanto para trás do carro quanto para frente. Apesar (ou talvez justamente por causa) das quase quatro da tarde, não havia muitos VEÍCULOS na pista, e número ainda inferior de PEDESTRES bancava o TRANSEUNTE pelas redondezas. Havia TEMPO e ESPAÇO para executar um PLANO, se o TIVESSE e, principalmente, caso QUISESSE.

Trocando em MIUDEZA, se eu estivesse MAL INTENCIONADO, seria bastante simples LEVANTAR aquele carro e SUMIR no MUNDO em questão de SEGUNDOS. É um tal de abre porta aqui, empurra GURIZOTE pra lá, vira chave (ou faz ligação direta) ali e PISA FUNDO.

Durante um pequeníssimo milésimo de milésimo de décimo de centésimo de milésimo de NANOSSEGUNDO, confesso ter deixado que habitasse minha mente a possibilidade de cometer o DELITO, só para quebrar um pouco essa MODORRA HORRENDA da minha ROTINA profissional.

Mas, no fim, é CLARO que não o COMETI.

Nos passos seguintes do caminho até a EMPRESA, refleti sobre as possibilidades de SUCEDER no intento: between SLIM and NONE. Cocei a BÁRBARA agora mais curta, lambi o suor da testa com as costas da mão e acelerei o passo: do outro lado da rua, de touca CINZA e vestido em um CAPOTE bege, me CUIDAVA um cheirador de COLA.

Com o PIOR dos OLHARES.

Musculêutica & Esquelética

1. MUSCULÊUTICA

Passo a passo na praça da Alfândega. Sobrevôo pessoas de sobretudo, passo a passo, desdenhando tudo à volta. Apresso o passo e, sobretudo me ultrapassam. O fim do dia desenhando tudo à volta. No vento, pó, pedra e sujeira. Queria estar na Medianeira. Pedra no rosto ainda é pouco. Areia nos olhos vira fogo – se pisco me queimo. Se queimo, me sujo. Se sujo, não durmo. Se não durmo, não como. Se não como passo a vez no tabuleiro de xadrez.

Alguns mudos, de mãos dadas. Trocando apenas Esparta por Atenas – olhares e bofetadas. Folhas verdes levantadas. O som seco das pegadas. Motoboys nas calçadas conversam sobre seu cotidiano. Um se chama Mariano, mas os outros não dão bola. Crianças fogem das escolas e constróem seus castelos nos fliperamas. Dormem algumas em suas camas. Outras tantas nas esquinas.

A grande vitória é não ter vergonha. Nem aquele quando sonha com espartilhos e o aspartame da tua boca. Nem aquela

velha louca que às vezes vende incenso. Desperdício é um consenso de quem é pouco exorbitante. Quanta gente ignorante perambula por aí. Distraída pra vida pega um bonde pra Sapucaí. E eu aqui, sozinho na cidade. Mas isso não traz mais nenhum sabor de novidade.

Atravesso meu destino sem carregar nenhum fardo. Nenhum peso me freia, nem um gole me tonteia. Alguns dias me cansam e alguns me cegam. Quantos de vocês me carregam? Quantos não carregariam? Passo a passo continuo. Sigo frio pelo meu canto. Não te encontro, não te tento. Me procuras por enquanto. Mas eu sei que acaba o encanto. Como a água e a guerra fria.

Leva a sério cada linha? Mas que pena, eu diria. Essa trava não permite que tu veja a cor do dia. Mas voltando à vaca fria: não, não, isso não é nada. É apenas poesia.

2. Esquelética

Oh, santo, dai-me forças para esquecer cada flor que roubo dos teus jardins nos bancos dos coletivos. Incentivos que servem os subúrbios distantes onde habitam os meus hábitos e desejos. Dai-me alimentos, sustentos e poucos sustos, que de muitos já estou cheio. Faz-me forte e disposto, subtraia-me os desgostos que se desenham nas tempestades por trás dos montes. Dai-me serenidade nas frentes de batalha, livrai-me da mortalha e dos beijos sem sabor. Dai-me um grito de sorte, um sorriso de morte, alguma coisa sem cor. Algum algo, algum amor.

Oh, grande amigo de horas tristes, rabisca do teu caderno meu telefone e me liga quando eu estiver acordado. Mantém-me sedado e feliz, leva-me pra longe da matriz do meu choro, ensina-me outro nome pra agouro, pra casa não voltes com

desaforo. Se me permites te digo: três tigres prum prato de trigo. Matei todos sem muito esforço, para que apareça mais um eu torço – quero ver até onde agüenta, quero ver quantas vezes mais me tenta, o chifrudo. Quero ver se tem nervo e audácia, se não é tudo falácia, mal-cheiro, falta de ter o que fazer. Se tem comigo mesmo tanto tempo pra perder.

Oh, primo, trinta e cinco são meus nomes, não me compres pelo que valho nem encontres comparações. Sue meses de janeiro, nade sempre o ano inteiro mesmo que no inverno te dê frio. Ouve o conselho do teu tio, vai lá e marca o gol, esquece das casas de maio, esquece dos dias sem sol. Olha aquela nuvem lá parada, faz uns três dias que não se mexe: acho que vai chover. Olha aquele cachorro na prateleira, é verde e sanfona, nos vê desconfiado e tem dois pregos na parede. Faça o que eu digo e não ouça mais ninguém, quebre os discos do Engenheiros e vá pra Sananduva, não se atreva a tomar Mirinda Uva, especialmente com cachaça. Não ouça o que eu digo – faça.

Oh, santo, dai-me olhos de aço e pele de seda, falai-me sílabas tônicas sussurradas em ouvidos. Sujai-me borrados de maquiagens doces, suores perfumados e abraços intermináveis. Matai-me batidas cardíacas a mais de cem, dedos pequenos pelas espáduas, chuvas finas nos cabelos e mais nada. Contai meus passos nas escadas, evitai minhas vontades de elevador. Deixai meu verbo bem flexionado sem a ajuda de um professor. Por fim, Porfírio, e a resposta? Ela está só no leitor.

Sempre ao norte

SENHORES DE TODAS AS MINHAS DORES dêem-me teimosia para suportar todas as pílulas de sossego, as fatias de caju em brasa, a cachaça, as chinesas, as princesas dos meus olhos, dois por dia, um por vez. Coxas, joelhos, canelas: duas minhas, duas delas. Todas rijas, muito belas. Minhas costas tão pesadas não agüentam mais minhas asas. Não preciso mais voar. Lembro do teu nome por acidente, trago junto à minha história como a faca presa aos dentes, nadando à noite no denso mar. Dormir para sonhar, sorrir pra não chorar: clichês são distração de fim-de-semana, batatas fritas e outros tabus. Até logo, cangurus do inferno. Vou-me embora para casa e vocês que se fodam aí na Austrália.

Cinco anos, talvez mais. Na mesma agenda velha, tantos nomes que eu deixei pra trás. Não tem mais capa. A folha de rosto pede a Deus que conceda serenidade para aceitar as coisas que não se pode mudar, coragem para mudar as que podem ser mudadas e sabedoria para reconhecer a diferença. Cinco anos na minha cara, talvez mais. Eu só fui perceber o que esta-

va escrito depois que esse sol gordo e quente escapou por trás das nuvens.

Veteranos, uni-vos. Dai-vos as mãos e vades para o Hades, para o raio que os parta e para a puta que os pariu. Sumam-nos daqui vocês, vis funcionários, perdulários e demais analgésicos comunitários. Quem de vós é capaz de demitir? De permitir que isso aconteça com tantas Tanyas e outras mães de família sem ipsilones e meias de nylon? Cheiros salgados nos teus casacos não vão ser facilmente explicados: lavai. Lavai os teus pecados, casai com a tua única amiga e acreditai em tudo, em tudo que ela te diz. Corra para o campo, escolha o litoral como segunda opção. Fuja-te, afasta-te de tudo que te causa a visita da dor.

Oito minutos de noite na tua filmadora, não me diz quem está contigo senão não sei mais quem sou. A lua tremendo nas poças da chuva, os postes de luz vermelhos, a cidade sem brilho, a cidade sem gosto. É mês de agosto, as crianças não param de morrer e o sol esquenta muito pouco, muito pouco. No topo dos prédios eles continuam a rir de nós, e você tão seguro de tudo que tem. Tudo acaba, tudo passa e nada sobra para quem não abriu uma conta no banco. Sua pouca fé, seu pó, café, tudo meio esparramado no chão da sala. Os tapetes mofados da chuva, cicatrizes nos braços e no tornozelo. Não dormes mais com o meu zelo. Não, não é uma pena: um cigarro caindo da janela do teu quarto.

E que se façam todos os pratos de porcelana para os meus jantares da semana. E que se façam todos os gritos de silêncio, e todos os instintos de sobrevivência estejam atentos. Nossas vidas não valem um carro, um catarro, um esporro na esquina. Nossas vidas não valem uma vida. O mundo moderno é tão doente. Descartável sois vós, es tu e sou eu: não quero. Não

quero mais ficar de lado, ganhar o dois na certidão, fugir das coisas em que acredito, desistir, acatar. Um dia é sempre o mesmo dia, é sempre agora e ninguém nunca está feliz. Luzes fracas, olhos duros, não sei que horas são. Apartamentos no terceiro andar ao mesmo tempo ligam seus rádios e eu ensurdeço, emudeço e desapareço. Mas não vou embora jamais.

Cheia da graça de Deus

IRROMPE O OCASO E NOVAMENTE me aperta a CAIXA este músculo que insiste em ESTREMECER por TI, por TOIS e MOI – se me permite o GALICISMO. Há distâncias, não muitas, mas há. Tudo quanto eu conto eu quero e tudo que eu quero é estar mais perto, mais junto, mais vezes. Sempre. Ajeito muito do meu peso no CONFORTO enquanto penso no que faço para que menos ESPAÇOS NOS DIFIRAM, para que muito mais gotas de chuva te MOLHEM e te premiem a pele com o perfume que mais ninguém sente senão EU. Respiro a doçura das memórias em busca dessa FRAGRÂNCIA de que me lembro. Era o primeiro dia.

VARRE e encharca o rosto um sorriso só de canto enquanto ao longe te recrio nos meus EXILOSOS momentos. Respingo os pingos sobre os dedos e, sobretudo, me PROTEJO dos contragolpes que os maus costumes insistem em me APLICAR. Mas nem sempre. É fato que me APLACA às vezes um grande MEDO, um pavor, um PÂNICO até. Meu terror me esconde tanto que tem QUANDO que nem me ENXERGO, me sumo, me ZERO. Porém é CLARO que

me recupero. Estando aceso nos teus olhos não há frio nem TOSSE que me consuma: e se houver ESPERO. Que passe.

ARDO plácido tuas chamas que me DOURAM os domínios. As limitações e os raciocínios mais LÓGICOS se incendeiam em FASCÍNIO enquanto me ACOMETE este estranho COMETA que me BEBE em LARGOS goles a cada vez que me ATINGE. Se pensas que TINGES meus lábios de cores IMBERBES, acertas: estou teu. Mais: SOU teu e percebo que quero assim permanecer. Quero assim também existir e persistir enquanto não se FENECE aquilo que se ESQUECE depois que o sangue SECA. E o que vem depois nem mais me importa: estou MORTO, estás MORTA. Encerra-se a LIDA.

NULIFICO os olhares ALHEIOS e me permito PROIBIR OS ENCANTOS a quaisquer exageros que me TENTAM neste ENQUANTO te tenho. CELEBRO o momento. Que nos DURE a nós dois toda vida, que aumentem os minutos insones e INFECTE com FORÇA e FÚRIA esta FEBRE bem-vinda, MAZELA rara, preciosa e LINDA. Seja a última PROVIDÊNCIA dos que vivem lá em CIMA conceder-me esta DANÇA. Nunca mais perturbo os DEUSES com meu PRANTO, nunca mais descubro as COSTAS do meu MANTO, enquanto a mim for fornecido este ACALENTO, enquanto a nós for destinado este ENCANTO.

Aqui me EXPONHO em teus braços, nos teus jeitos e por teus feitos. Eu sou feliz e ESBANJO letras pra dizer que SIM, eu te PRECISO, eu te PREZO, quero e AMO. Por ti me passam todos GESTOS, por ti descruzo os poucos RAMOS, por ti LUTO com HEFESTUS, te pego à força ou digo VAMOS. Se me CHOVE inteiro o mundo ou durante ELE o sol me AQUECE, tudo que por ti eu sinto a cada novo dia CRESCE. Novamente e para sempre, o que me RESTA na lista das coisas que chamo de FESTA me RASGA outro extenso brilha nos dentes que se ABREM na cara: sou TEU, é o que PREGO. Sou TEU.

Os mais estranhos fins de semana da Terra ou Pra baixo todo santo ajuda ou Tudo continuará bem enquanto os laços que nos unem sejam mais fortes do que os que tentam nos separar

TOU COM VONTADE DE ANDAR de noite, na beira da praia, bêbado de HARD LIQUOR, com aquela VENTORRÉIA SALGADA de TRAMANDAÍ crispando nos dentes y queimando las lenguas. E tem que ser verão gaúcho com TORMENTA e MURRI-NHA. Andar de noite, sentindo aquela ATMOSFERA mandar ver nas tuas psiquê: sentar a bunda num CÔMORO e beber ouvindo o VENTO. Só na MARISQUEIRA.

Por outro lado, também ando tri nas pilha de caminhar pelas BOCADAS NATURALES da nossa linda serra, bêbado de VINHO, com aquele FINO E CALCULISTA GILETAÇO NA FACE de inverno induzindo ao LACRIMEJAR INCESSANTE de inverno e à ESCULTURA EÓLICA LABIAL de inverno, tudo num só troço. Ê climão EUCALÍPTICO, uma noite meio ROXA com sinfonia de grilo; ARRUIPIO: cenário de propaganda de HALLS.

A última vez que eu vi o Cláudio ele estava prometendo que não voltaria pra Porto Alegre naquele estado em que se encontrava, com meia garrafa de Baccardi numa mão e a Francisca na outra.

Acordei aos poucos e, à medida que despertava, ia me dando conta de que não tinha a MÍNIMA idéia de onde estava e não conhecia NENHUMA daquelas pessoas que dormiam empilhadas às minhas voltas. Levantei, abri a porta e saí caminhando procurando FAMILIARIDADE nas PAISAGENS. Parecia CANELA. Caralho, como é que eu vim parar em CANELA? Não lembro. Virei-me em direção à cabana para descobrir que não era a ÚNICA naquele pátio. Todas exatamente IGUAIS. E agora, de onde foi que eu saí?

Sem muitas opções, decidi andar em linha reta pela ESTRADA até chegar em Gramado. Deduzi que se eu andasse em linha reta e lombaba ABAIXO, definitivamente eu chegaria em Gramado. Ou Porto Alegre. O que aparecesse primeiro. Ainda era o álcool falando, eu sei disso. Eram 9 da manhã de um domingo de DIA DOS PAIS e o movimento era praticamente NULO.

Meia hora depois acabei chegando na rodoviária de Gramado, onde parei pra comprar uma passagem de volta pra casa. Foi aí que me dei conta de que não possuía REAIS. A constatação desse DRAMA me fez perambular perdido por entre as ruas da cidade totalmente desertas até encontrar um BANRISUL, que eu julguei ser a minha salvação àquela altura.

Apesar das minhas tentativas, a porta eletrônica não se abriu, por algum motivo inexplicável. Segui insistindo inutilmente durante uns bons dez minutos. Quando finalmente consegui abri-la – também sem motivo aparente –, o que não funcionou foi o CAIXA ELETRÔNICO. Deixei o BANRISUL, atravessei a rua e entrei na Caixa Econômica Federal sem maiores problemas. Mas no novo banco era o SISTEMA que estava fora do ar. Com o universo inteiro CONSPIRANDO contra mim, tive o estaloto FUDIDAÇO. Sem dinheiro, sem carona de volta e sem bateria

no telefone celular – onde estavam todos os telefones aos quais eu poderia recorrer em busca de ajuda. Puta que pariu, como é que eu vou voltar pra MINHA casa agora?

Na esperança de encontrar algum conhecido voltando para a SUA, fui até a praça central e fiquei sentado num daqueles bancos, olhando os peões desmancharem a estrutura do festival de cinema. Ninguém se apresentou.

Lá pelas DEZ horas, resolvi voltar ao BANRISUL. Teoricamente, o horário bancário estava oficialmente aberto, apesar de ser um DOMINGO. Por menos sentido que fizesse, dessa vez tudo funcionou maravilhosamente, mas a grana só saía se eu requisitasse valores inferiores ou iguais a VINTE MANGOS. Pra conseguir as quarenta PRATAS de que precisava, tive que pedir VINTE duas vezes, mas, enfim: funcionou. Corri pra rodoviária pra ver se ainda pegava o ônibus das quinze pras onze: ele já havia saído. Novo BUS, agora, só ROLA perto do meio dia.

Sentei no bar da rodoviária, pedi uma TORRADA e uma coca e fiquei escutando os velhos da cidade falando mal do festival enquanto uma BICHA louca gritava suas peripécias sexuais da noite passada pruma mina gostosa, porém MUITO TRASH que passou o tempo todo infernizando os atendentes do bar. Na real, MUITO TRASH é apelido: a mina tentou SEDUZIR um piazinho de no máximo cinco anos de idade. O pai deixou a criança num banquinho ao lado da DUPLA enquanto pagava as contas e a mina ficava lançando olhares lascivos, lambendo os lábios e puxando o decote da blusinha pra mostrar os PEITOS. A velharada do bar olhando aquilo paralisada, eu vendo a hora que alguém ia se estressar e expulsar os dois de lá a tapa.

No fim das contas não deu nada: saíram do bar mais ou menos quando chegou a minha TORRADA, uma das experiências

culinárias mais POWER de toda a minha vida. Ela continha OVO, mas não QUALQUER ovo. Era um ovo com a gema CINZA-CHUMBO. Pensei: ai, caralho. Vai dar merda. Não deu. O gosto real da OBRA, composta por uma fatia de apresuntado FANTASIA, outra de tomate, uma terceira de ovo e a última de queijo, ficou bem CAMUFLADO embaixo das camadas do doce CATCHUP que eu coloquei por cima de tudo. Matei a coca e resolvi comprar minha passagem pras onze. Era dia dos pais, eu tinha que voltar pra casa. Esse ano até um PRESENTE pro meu eu tinha comprado. Eu tinha que estar lá. Por isso quando descobri que o ônibus mais IMEDIATO me levaria até São Leopoldo numa viagem de mais de TRÊS horas, não pisquei. De qualquer forma, é mais barato pegar um táxi de São Leopoldo do que de Gramado até a minha casa.

Do meu lado veio sentado um JAPA meio estranho, com uma roupa toda FELPUDA. Junto com ele vinham duas minas – bem gostosinhas até – completamente seqüeladas, com aqueles olhinhos baixos de maconheiro, caminhando mole e falando alto. Derramaram-se uma por cima da outra no banco do lado e ficaram viajando no saco de enjôo, rindo escandalosamente. O JAPA resolveu puxar assunto comigo, perguntando de onde eu era e coisa e tal. Começamos a conversar, o cara me apresentou as minas e eu fui me ENTURMANDO com a RAPEIZE. A viagem prometia ser uma coisa legal.

Lá pelas tantas o JAPA levantou e se TRANCOU no banheiro, um processo que se repetiu por toda a viagem, e do qual as minas também participaram, revezando. Na primeira vez ele voltou todo CAFUNGADO e se piscando e me olhou, chamando de canto: “vai um teco aí?”

Eu recusei, educadamente sorrindo e o JAPA me devolveu, tri sério: “tu tá me gozando?” Gelei. Pensei – ai, vou tomar uma

facada desse CHEIRADOR. Sabe quando rola aquele friozinho que sobe a coluna e vai arrepiando todo o corpo? Em desenho animado é aquela faixa amarela que vai subindo até a nuca. Tipo: apertei o CU. Fiquei paralisado olhando pro cara sem ter o que dizer, sentindo o sorriso ir se desmanchando aos pouquinhos no meu rosto. Aí o putto do JAPA começou a rir do mesmo jeito estridente das minas, quase chorando e me APONTANDO. Nem conseguia falar de tão engraçado que ele achou me dar esse CAGAÇO. Eu ri meio contido, me recostei no banco e pensei em dormir, mas o JAPA não parava de falar.

Numa dessas ele me disse que era de Porto Alegre e que ia chegar em São Léo, pegar a MERCEDONA dele que estava estacionada na rodoviária e se tocar pra casa.

“Tá, mas porque tu foi de Porto Alegre até São Leopoldo de carro e depois pegou um ônibus?”

“Porque a Mercedes não é minha, é dum amigo.”

“Ah.”

“Ele me emprestou enquanto estava no Rio de Janeiro. Mas eu também não quis abusar, né? Aí peguei o carro pra dar uma carona pras minas, cheirei uminhas com elas e acabei convencendo de que era melhor a gente ir de bus porque eu ia nos matar na estrada. Elas tavam tri loucas, bem pior do que tavam agora e aceitaram na boa. Passei o findi comendo o CU das duas. Tu já comeu o cu duma mina cheirada? É muito bom, velho”

“Não é no *Instinto selvagem* que eles falam disso?”

“Não sei. É?”

“Acho que é, acho que é.”

Chegamos em São Leopoldo por volta das 3 da tarde, eu pensei em comprar um BILHETE pro Trensurb. O JAPA me perguntou se eu não queria uma carona até Porto Alegre, eu aca-

bei aceitando. Fomos lá pegar a MERCEDONA com as duas minas, uma loira e uma castanha, as duas de MOLETON verde. Muito loucas as duas, ficavam só falando bobagem e gritando. Apesar de serem bonitas e gostosas, sei lá, tavam tão DETONADAS que nem rolava uma EMPATIA PENIANA. Mesmo assim foi chegar no carro que elas se abraçaram no JAPA e começaram a gritar aqueles gritinhos finos de mina, REGOZIJANDO em emoção. Lindo mesmo o veículo: banquinho de couro, um cheiro de novo. Cinza bem clarinho o carro, mais claro que a cor do OVO da torrada da rodoviária. Fui no banco de trás com a castanha.

Assim que ligou o carro, o JAPA anunciou que ia dar uma “pasadinha rápida” num apartamento dum amigo, pra largar um “presente” que ele tinha trazido de Gramado. Na minha ingenuidade infinita, achei que ele tava falando sério. Fomos nos embrenhando pelas ruelas de chão batido num bairro CASCA de São Leopoldo até chegar num prédio TODO FUDIDO, que mais parecia um armazém abandonado no meio de uma zona residencial. O JAPA desceu com uma sacola da PRAWER e disse que era pra gente esperar no carro, que era “jogo rápido”. Ficamos ali parados uns cinco minutos enquanto o JAPA OBVIAMENTE negociava uma quantidade não muito pequena em cocaína. A loira tinha ENCARANGADO de vez no banco da frente, mas a castanha ficou cantarolando uma música nova do Jota Quest que rolava no rádio.

Então o JAPA voltou, sorridente, ainda olhando pra trás, conversando COM e acenando PARA alguém que não deu pra ver direito. Entrou no carro, deu um TAPÃO nas pernas da loira, gritou PLÁ e saiu cantando pneu, cheio de energia. Falou uma coisa estranha, que na hora eu não entendi direito e achei melhor nem perguntar nada. Ligadaço, acelerando o mais que

podia, ia o JAPA. Nunca tinha andado dentro de um carro com uma velocidade tão alta. O cara costurando no meio dos carros a 200 por hora. Fazendo curva a 160. Eu já achando que essa não tinha sido uma idéia tão boa assim.

Não demorou muito pra aparecer na nossa frente, fechando a saída de uma rua, uma batida policial. A loira permanecia desacordada e a castanha começou a ficar toda ouriçada, falando muito nervosa com uma voz meio de choro. O JAPA dizia “fiquem aqui dentro que eu resolvo”. Parecia saber o que estava fazendo. Saiu do carro bem tranqüilo e ficou conversando com um dos policiais, meio afastado. Deu pra ver que ele lançou algumas notas de 50 na mão do guardinha num movimento NADA sutil. Todos os outros carros que estavam sendo revistados devem ter visto. Em todo caso, pela BATIDA, nós passamos BATIDO.

Mal entrou no carro, o JAPA largou: “eu não disse que não dava nada?” e começou a rir. Finalmente chegamos à estrada, onde o nosso amigo nipônico realmente EXAGEROU no peso do pé e literalmente DECOLOU em alguns trechos. O curioso da Mercedes é que tu sabe que tá indo rápido pra caralho, mas não PARECE: o carro não treme, não faz barulho e o que tu vê pelas janelas é tão nítido que tu pensa que o carro tá numa velocidade normal. Muito estranho.

Pedi pra descer na rodoviária mesmo, inventei uma desculpa que eu tinha que passar na casa do meu primo que era longe quase lá em Ipanema e ele disse “tudo bem”.

Não sei que horas eram quando apertei a mão do JAPA louco que arrancou cantando pneu. Agradei pela carona e prometi a mim mesmo que eu NUNCA MAIS ia pra Gramado até o Festival do ano que vem. Quando cheguei em casa e pluguei o celular

na tomada, tinha UMA mensagem de texto pra mim, que dizia apenas “VEADO”, tudo em caps lock.

Foi algum de vocês?

Oho

MEU NOME É ESPANHOL.

Já fui mais odiado, mas hoje até que tou na SAFA. Sendo nobilíssimo entregar-se às grandes fornalhas do inferno que as raposas nos montam, aventure-me nas jornadas sem fim destas noites de ouro. Atiraria no primeiro que me cruzasse o caminho caso fosse VIOLENTÍSSIMO, mas não é o caso.

Atravesso a rua. Oito vezes cada lado. Não há nenhum carro. São quatro e vinte da tarde. Moro longe, não dou o endereço para ninguém e ainda DOU O CU para todo mundo. Ou pelo menos é o que propagandeiam por aí. Propagandeiam muita coisa por aí. Pouca gente acredita. Difícil acreditar sem FOTOS. Eu não tenho fotos dos 25 aos 28, mas nem por isso deixei de HAVER. HAVI. HOUE. UDI UDI UDI. E nem se empolgue na PUTIS-QUE: chega na hora AGÁ e tu descobre que não há orifício. Colei com DUREPOXI.

Que venha me pegar a máfia pelas granas que devo. Já falei que não pago. Sou italiano ainda que pouco. Pulsa no sangue

meu todo VENETO. Tenta me dobrar na VARA que eu te mostro: olha que FEIO este FEITO PELOSO. Te apraz o TERROR que te aguarda no raso das minhas calças? Então me chama de UMA THURMAN que eu te abro um RASGO na TESTA, ô filhodumaputa.

O que me gritas, desgraçada? Que dia tu vives? Meus pés tão cansados descalçam tuas causas nas poucas batalhas que as graças me criam. Quem via quem some? Quais lastros te guiam? Quem sois quem me crêis? Quem pães na cinza? Ostrólios teus chigas. Sesnubas mons chias. Aspeta teus betas e espeta-me à seta: me pede, me escapa, me foge, me cria. Quem tem no meu dia profundo apego? Meu fogo me esquento, teu fogo me expia. Teu fogo me esfria, meu fogo te espanta. Que seja. Que seja. Quem tanta e por quanta? Não tem nome santo o pranto da santa. Que foda-se a janta: já é um novo dia. Prostrado está nudo perante Maria. Que virgem!, que dia! Que olhos de perto bebendo sangria. Eterno na vala se cala e se mia. Formada é uma GATA na FILOSOFIA.

Veja você. Avalie você. Que a droga do escritor é o álcool e que para isto não há remédio melhor que a aceitação. Em pequenos goles, em pequenos dropes, em pequenos grapes, em grandes momentos: é tudo um só e nada de muito novo acontece. Acontece é que se contam velhas novelas sob obtusas angulações e novas pessoas emergem da lama crendo no possível do que não há. Tudo também passa pelo meu crivo, é claro. Não me privo os julgamentos, nem me provo mais que seis vezes por dia por princípio: demasiado cuidado ou obtemperado juízo? Você que me diga – eu já de nada mais sei. De seis em seis vou chegando aos trinta – e você?

Onde é que vai parar?

Eletrochilli con carne

FICAR SEM GRANA PRA SAIR não é uma coisa assim tão incomum, pelo menos pra mim. Nunca fui muito bom controlando dinheiro e não seria porque eu estou trabalhando que as coisas mudariam. Agora que o dinheiro entra, eu dou sempre um jeito de fazê-lo sair rapidinho, especialmente quando 60% do meu salário vai parar na conta das INDENIZAÇÕES.

Longa história, outro dia quem sabe.

Fato é que justamente neste SÁBADO eu fiquei sem grana.

A noite de sábado, vocês sabem, tem toda uma mística bizarra: recende ao SEXO dos perfumes de Itália e suor das moças, e ao EXAGERO no VOLUME dos alto-falantes, na FUMAÇA do cigarro e no FEDOR da cerveja secando em poças grudentas. Na Oswaldo Aranha, essa mística é URRO, é vômito, é mijão de SEIS horas INTERRUPTAS de trago desenfreado.

No Araújo Viana rolava um festival de HIP HOP, no João um show de DEATH METAL e no Ocidente, MÚSICA ELETRÔNICA. Tudo isso num perímetro duns 200 metros, talvez um pouco mais. Os tra-

ficantes estavam TODOS de volta à banda, logo eles que haviam sido SUMIDOS pela polícia depois de uma operação LIMPA TUDO, na qual – segundo dizem – fecharam todas as saídas da Oswaldo e saíram arrecadando os infratores mais queridos do Bonfim.

Pois bem, eles estão de volta.

Para muita gente, contudo, a noite desse sábado não tinha nada a ver com cerveja, buceta ou PÓ. Tinha uma mística diferente: pipoca, café e cobertores. Copa do Mundo rolando, jogo da Argentina às duas da matina, claro que muita gente ficou em casa secando os HERMANOS. Futebol até é legal – especialmente na TV – e acompanhar jogos é sempre divertido, mas enfim, eu nunca tive NADA contra os argentinos. Não gostaria de ser argentino porque aí é um pouco demais, mas enfim. Gente louca essa que faz questão de SECAR em COPA.

Pra mim, a mística é AINDA outra. Eu e o meu irmão vamos botar um SONZINHO esperto numa festinha esperta lá no Ocidente. Numa dessas, vai ser trimassa.

São onze e alguma coisa quando pego o táxi, graças ao meu irmão possuidor de DINHEIROS. O motora é um GRINGO da serra que acabava de chegar em Porto Alegre e não conhecia nenhuma rua. Nesse ponto da narrativa é importante alertar o leitor que eu, apesar de ter morado todos os 320 anos da minha existência nessa cidade, também não conheço NENHUMA rua pelo nome. Esse, contudo, não foi um problema: a Oswaldo ele conhecia, graças à Deus.

Chego num Ocidente bastante vazio. Poucas pessoas nas mesas CHUPANDO umas cervejas meio MORNAS – como de costume –, um modelinho estilo BETO BRUNO, com aquele design CAPILAR à lá poster da Ellus dança de óculos escuros com uma magrela

meio-clubber, aparentemente deslocada naquela atmosfera de bundas-sentadas. Décimos de segundo depois, eu e meu irmão percebemos juntos que o som, hoje, teria de ser comandado do CHÃO, não do MEZANINO. Pressenti que ia dar alguma MERDA.

Foi mais ou menos aí que eu comecei a sentir MOVIMENTAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS no baixo-ventre, mas resolvi acalmar o BICHANINHO com cerveja. Sabe como é: se você não alimenta o ESTÔMAGO, ele se alimenta de VOCÊ. É um bicho isso que nós temos aí na pança, caso você não saiba. E é um bicho fudido: se tu inventar de matá-lo, ele te leva junto pro buraco. Dizem que ferimentos nessa região são os que mais doem e também os que mais te ENCALACRAM, mas eu, muito obrigado, nunca quis EXPERIMENTAR.

Arrumei uma mesa com uns amigos GLOBALIZADOS que chegaram e fiquei lá sentadão observando o lugar se encher de fotógrafos, designers, músicos, apresentadores de TV, atores e uns poucos jornalistas, todos à PAISANA. Publicitários em profusão, mas esses nunca serão vistos em TRAJES CIVIS, especialmente no BIRINAITE. Alguns confirmados do Ocidente, outros confirmados das noites eletrônicas e ainda outros confirmados da noite, simplesmente. O tradicional lesbo-action, o tradicional homo-action. Nada de muito novo.

A essa altura, o Ocidente já estava bem cheio. O BETO BRUNO DA ELLUS mandava ver uns passos muito afetados pela estética HEROIN CHIC MEETS JIM MORRISON, especialmente quando levantava os braços deixando exposta a considerável PANÇA coberta por uma camisa muito curta. O tradicional cheiro da noite começava a pesar. Eu já tava meio de saco cheio: muita batida parecida, muita melodia meia-boca. Não sou um grande fã desses ritmos 4/4, o meu lance é SÍNCOPE.

Então alguém começou a tocar uns BREAKS e eu fui SUAR uma CARINHA na pista. Pensei que isso me faria ABSTRAIR daquela situação crítica. De repente – e não mais que de repente – senti o EFEITO REDEMOINHO na barriga. Parecia que toda a água contida lá dentro (que, ok, era CERVEJA) tinha descido por um RALO dando aquela sensação de SUCCÃO interna NADA agradável. Foi a primeira vez que me ocorreu que o banheiro masculino do Ocidente só tem MICTÓRIOS.

Não era a primeira vez que eu passava por esse tipo de APURO no recinto, então já tinha todo um PLANO na manga. Contudo, essa nova ALEGRIA ESTOMACAL também me fez desconfiar um pouco da SALUBRIDADE do próprio bar: porra, era a SEGUNDA vez que isso me acontecia. Pra piorar ainda mais a minha IRA, descobri que um amigo tinha sido acometido do MESMO mal apenas alguma MEIA HORA atrás. Dividi com ele o meu PLANO e ele me disse já ser conhecedor dessa TÁTICA.

Para nossa salvação, o MEZANINO do bar conta com um banheiro CAMUFLADO. Foi justamente lá que o CUNHA havia se aliviado há pouco, após expulsar aos GRITOS um casal de RAPA-ZES. Resolvi percorrer a mesma VIA CRUCIS caso a coisa ficasse realmente FEIA. Até então, estava tudo sob controle, então continuei tomando meu trago, fumando um MARLBORO e falando sobre a Alemanha com uma amiga que mora lá e estava de férias nos trópicos. Senti vontade de chamar na CHAURA que, todos sabem, cura QUALQUER MAL: do corpo e da alma. Na ausência da erva, resignei-me e fui ao mezanino.

Já da escada, avistei PEZINHOS pela fresta que sempre fica no rodapé das portas de banheiros. Puxei uma cadeira e fiquei sentado esperando que os PEZINHOS abandonassem o BUNKER,

observando OSTENSIVAMENTE a movimentação. Vinte ou trinta segundos depois, comecei a ouvir o Zé Ramalho cantar na minha cabeça “BATE BATE BATE NA PORTA DO CÉU” e o CHARUTO do mal começou a dar soco na CUECA lá em baixo. Eu suava frio e grudento e meus pensamentos começavam a se EMBRULHAR, então resolvi levantar e puxar papo com o segurança, que deve ter me tirado pra VIADO, pois não quis saber de AMIZADE.

Pouco tempo depois deixava o banheiro um PRIMEIRO carinha, mas os PEZINHOS continuavam lá. A porta então se abriu e um SEGUNDO carinha enfiou a cabeça na porta ENTREABERTA, entre risos, convidando o PRIMEIRO a voltar. Lancei olhares de TERROR. Visivelmente constrangidos com a minha expressão de “PORRA, EU ESTOU ME CAGANDO, VÃO SE COMER LÁ EMBAIXO”, os dois resolveram liberar.

Quase alucinando de descontrole, corri pra dentro e FERI AFU, castiguei MESMO a porcelana. Depois da LASCA, senti-me melhor por algum tempo, mas a ALIVIADA foi meio trash porque o banheiro SALVADOR não tem TRANCA, ou seja, tu tá sempre sujeito a ser SURPREENDIDO maculando a BRANCURA daquela LOUÇA. Isso pode ser particularmente perturbador se o recinto está REPLETO de NGATAS que podem ter a brilhante idéia de ir dar um BRILHO lá em cima. Machucar o orgulho deve doer ainda mais que a BARRIGA.

Logo que eu voltei ao mundo real, veio o anúncio: “você vão tocar meia hora mais tarde”. Pronto. Agora eu precisava MESMO dar aquele confere no banheiro. Aquelas palavras desencadearam uma reação em cadeia no meu sistema digestivo. Comparado ao primeiro, esse segundo REDEMOINHO, parecia um TSUNAMI comparado a uma MAROLINHA de TRAMANDA. Rolou de novo a cantoria do RAMALHO na CUCA. I think of Daniel Pellizzari.

Subi correndo as escadas pra encontrar, de novo, os MESMOS PEZINHOS MALDITOS. Dessa vez não tive PUDORES: BATUQUEI LEGAL na portinhola, mas os caras NEM se FIZERAM de rogados. “Porra do caralho, eu tou me CAGANDO aqui, seus PUTOS.” E nada. Nada contra os putos. Alguns dos meus melhores amigos são partidários desse MODUS OPERANDI. Agora, que merda: porra, os caras não podiam esperar mais duas horinhas pra se atracar em BEIJOS, ABRAÇOS e outras CARÍCIAS mais íntimas? Ou se estavam cheirando uma, PORRA, porque não cheirar ali na RUA mesmo? Ou no banheiro dos MICTÓRIOS, caralho. Por que logo no único banheiro que os homens podem LAMBRECAR e por que logo AGORA, ora porras?

Durante cerca de UMA HORA, eu fiquei fazendo o percurso pista-mezanino, sempre encontrando os MESMOS PEZINHOS em EUFORIA e ÊXTASE. Foi um verdadeiro exercício de ZEN BUDISMO driblar durante todo esse tempo a força da natureza. A coisa tava realmente TRISTE. Eu seguia suando grudento e sentia CALAQUENTES da base da nunca à base do RÊGO.

Chegou então, nossa vez de tocar, perto das TRÊS da matina. Eu já tinha abandonado qualquer esperança de voltar ao banheiro, então procurei me concentrar o máximo possível em NÃO ME CAGAR ali mesmo, entre pulinhos e ESTRIPULIAS, enquanto mandava a massa DELIRAR na pista. Os esforços HERCÚLEOS não foram exatamente bem sucedidos: lá pela terceira música, me escapou um silencioso, porém eficaz FLATO, que me PARALISOU no chão e EMPESTEOU o ambiente, produzindo uma PAREDE QUASE SÓLIDA DE METANO.

Por alguns segundos, imaginei que seria até engraçado se uma brasa de cigarro atingisse aquela NUVEM de FUTUM, gerando um violento SIMULACRO DE LANÇA-CHAMAS diretamente do

meu CU, que acabaria por assustar as pessoas em volta antes de queimar boa parte das minhas calças, minha cueca e os pêlos do meu ARSE. Se eu tivesse AZAR MESMO, perigava queimar até uns do SACO.

Apesar dos altos níveis do fator LAUGHABILITY, nada disso aconteceu.

Sem mais ter forças para LUTAR, falei pro meu irmão: “Ó, TOU ME CAGANDO”, e fui me retirando lentamente da mesa de som, buscando novamente as escadas. Lá da mesa eu podia ver que um casal esperava há VÁRIOS MINUTOS que o banheiro fosse desocupado, mas também podia ser só um casal em busca de SOSSEGO. Não muito surpreso, avistei os MESMOS PEZINHOS ainda mandando ver no BANHEIRITO. Sem dinheiro pra pegar um táxi e sem condições pra continuar comemorando as felicidades noturnas, sentei-me num cantinho e fiquei suando, concentrado, tentando esquecer tudo que acontecia às minhas voltas enquanto meu irmão seguia no som. Tive que esperar que ele terminasse para que pudéssemos voltar pra casa. Não havia dinheiro suficiente para duas viagens até a MEDIANEIRA. Merda.

Os próximos minutos foram de AGONIA completa. As pessoas indo embora, todas em seus carros e táxis e eu ali, sentadinho, usando o que ainda sobrava do meu RESTOLHO de determinação contra a maldita dor de barriga. Atingi o NIRVANA pelo menos umas duas vezes, transcendendo através do SOFRIMENTO. Finalmente, lá pelas 4 horas, passamos a bola pro PRÓXIMO DJ e voamos em um táxi pra casa. Foi então que, finalmente, INTERDITEI o banheiro depois de quase UM QUARTO DO DIA EM AGONIA.

E você ainda acha que sofreu porque a Argentina GANHOU da Nigéria.

Koans – 2 de 8 (a 90°)

OBREGÓN UM DIA SE PEGOU INTRIGADO com um CD de música de CORNO.

Imbuído de vontade de encontrar a resposta para os seus questionamentos, comprou grande quantidade de PILHAS para o seu DISCMAN, escalou uma árvore em um CANTEIRO de uma rua de intensa movimentação, colocou os fones e deitou-se sobre a pergunta: Por que quando a música é sobre dor de amor, os METAIS são os sons que mais ficam na memória?

Durante seis dias e seis noites, Obregón intercalou períodos de audição com outros do mais imaculável silêncio e meditou sobre os motivos que faziam com que os metais ficassem gravados com tanto afinco em suas lembranças sonoras.

No sétimo dia, Obregón chegou a uma conclusão: Música, pra ser de CORNO, tem que ter HORN.

Essa descoberta lhe causou uma alegria tão insuportável que ele não se conteve. Levantou-se e pulou algumas vezes sobre o galho onde outrora jazia sentado. A árvore não agüentou

tamanho CASTIGO e o galho por fim partiu-se, assim, de uma só vez, em um só pedaço.

Obregón foi arremessado ao meio da rua, onde rolou por alguns metros até quase colidir com um carro, que freou bruscamente, não sem antes emitir um prolongado e assustador som de BUZINA acompanhado pelo grito de “CORNO” vindo da garganta do seu condutor.

Nesse momento, Obregón atingiu a iluminação.

Experiência

uma narrativa com PROPOSTA GONZO

QUANDO A COISA ENGROSSA, só os GROSSOS agüentam.

Sabe como é: no pós-ORGIA, fragmento é fundamento.

Saiba mais sobre tudo isto que vem por aí. Pense que talvez seja possível chamar de JORNALISMO, posto que é plausível afirmar que lança um OLHAR sobre um EVENTO e, por mais particular que seja, é também INFORMATIVO. Pense que talvez seja possível chamar de LITERATURA, uma vez que volteia-se em curvas SERPENTOSAS e floreia-se em primaveras infinitas nos devaneios y demais escusas deste que comanda. Acima de tudo, pense na LEGIBILIDADE destas linhas.

Sabe como é: até que merecia um MILHÃO. Ou meio.

Saiba por fim que todos estes EXCERPTS foram escritos entre a madrugada de SEGUNDA pra TERÇA e o próprio dia inteiro da TERÇA, nos intervalos da preparação de original do THE COMPLETE FABULOUS FURRY FREAK BROTHERS. As primeiras muitas páginas de poesia, canções e LIMERICKS deram novos significados aos

termos IMPROVISO e SUPERAÇÃO. E, apesar de ser prazer e diversão, também é TRABALHO. Mesmo que REMUNERE e, por isso, já me ACALME, também EXIGE e COBRA. Por isso me dei TEMPOS.

Sabe como é: ninguém é de FERRO – que eu me lembre, nem mesmo o HOMEM DE FERRO¹.

Começando os trabalhos

Já na sala de espera eu havia notado estes dois barbudos com pinta de JORDANIANOS, vestidos em jaquetas de couro e falando pelos cotovelos. O que eu só saberia pouco tempo antes de decolar, e assim que a dupla ajeitasse a TRASEIRAMA nos assentos logo atrás aos nossos, é que falavam ÁRABE.

Ou HEBRAICO.

Ou BENGALI.

Ou, sei lá, ADIVASI WAGDI.

Impossível permanecer alheio ao ARRUPIO que percorre, breve e desimportante, o canal complexo entre a ponta do CU e o topo do COCO nesse instante único. Sinto que meu sangue ESPIRRA por dentro dos fios no rosto e meus olhos ESBUGALHAM, como que num PISCAR. Tudo dura cerca de três segundos. A partir daí, tranqüilizo e passo a me divertir com os belos FONE-MAS arremessados ao vento pela rapaziada lá detrás.

Com a aeronave quase REPLETA, é hora da REVIRAVOLTA no quadro aparentemente pacífico e lindeza que se desenhava no pós-CAGAÇO: aparece um TERCEIRO homem.

Este, com horripilantes olhos AZUIS e feições nada amigáveis, apenas mira alguns centímetros após minha cabeça e MENEIA,

¹ Tony Stark, um canastrão de carne que apavorava de bigode e armadura no universo marvel que eu conhecia.

suavemente, a sua. Silêncio repentino no banco traseiro. Depois que ele senta, ouço que os JORDANIANOS cochicham, curtos.

Novo gelo atormenta o estômago. Enquanto o avião corre pela pista, procuro me lembrar da relevância que o SETE DE JULHO poderia ter para o mundo MAOMETANO. Na hora eu não sabia que, em 1946, este foi justamente o dia em que a primeira SANTA norte-americana foi CANONIZADA, mas, mesmo que soubesse, não me APOQUENTARIA. Em primeiro lugar, não estamos em solo YANKEE. Em segundo, ainda que estivéssemos, seria uma EFEMÉRIDE por demais OBSCURA para justificar um derramamento de sangue nestas proporções – ainda que fosse de sangue INFIEL.

Por outro lado, estamos no BRAZIL, e dia SETE DE JULHO é aniversário da morte do CAZUZA – este possivelmente um bom motivo para detonar um BOEING prestes a atingir a maior cidade do país.

Mas é claro que, já que sobrevivi para tomar um SENHOR ATRAQUE em Paraty, absolutamente NADA se sucedeu a este pequeno medinho besta de ÁRABE no começo da jornada.

O fato INTRIGANTE em meio a isso tudo, entretanto, aponta para quando chegamos à esteira de malas no Aeroporto de Guarulhos: o terceiro homem havia DESAPARECIDO.

Agá delta tê alfa

Apesar de assumirmos papéis perfeitamente OPOSTOS na relação professor-aluno, devo dizer que começamos esta oficina VEREDAS DA LITERATURA em mesmo NÍVEL um perante o outro, eu e o MILTON HATOUM: eu não li NADA dele, ele não leu NADA meu. Ou assim pensamos. Ou pelo menos PENSO, eu. Ele eu não sei.

Sei que ele pensa de uma forma DIFERENTE da minha. Calcula mais, talvez. Formula mais, talvez. Tem mais disciplina, quem

sabe? Fator curioso e facilmente detectado a respeito do cidadão HATOUM é o seu obscuro fascínio pela FÍSICA. Entre as primeiras frases marcantes do primeiro dia de aula, eis que já LASCA no meio de nossas TESTAS a seguinte – Em termos GRÁFICOS, o romance é uma SENÓIDE – enquanto rabisca uma destas ondas arredondadas no quadro BRANCO.

Minutos depois, logo abaixo do primeiro desenho, confere ao quadro um DELTA TÊ ao estabelecer uma comparação entre a pintura e a literatura, afirmando que a primeira se desenvolve no ESPAÇO, enquanto a segunda, no TEMPO. Caralho, um DELTA TÊ: eis aí algo que não via desde a ERA dos CURSINHOS, quase OITO anos lá pra trás. Rolou LEMBRANÇA.

Profundamente perturbado pelo FISCISMO do escritor, pensei mesmo em pedir um autógrafa pra ver se ele substituía o “at” de HATOUM por um DELTA T e o conjunto “OUM” por um ALFA, mas resolvi desistir quando, em algum momento, o PRÓPRIO comprometeu-se ao se confessar FRUSTRADO na profissão de ARQUITETO. Um outro dia dos três ainda o peguei falando sobre ÂNGULO da narrativa.

Depois disso resolvi EU estabelecer uma comparação entre os métodos do MILTÃO e os que eu estou acostumado a conhecer. Pois parece que nosso camarada vencedor do JABUTAS curte uma FÓRMULA. Para que a BOA literatura EMERJA (ui), MILTÃO acredita em um SISTEMA de produção – aplicável, sobretudo, no romance – baseado em determinadas REGRAS. No CRU da cousa, dá pra dizer que estamos diante de um ACADEMICISTA – querendo aqui soar crítica para quem é CONTRA e também soar elogio para quem é PRÓ.

Eu não sou nenhum dos dois, mas confesso que me LOCUPLETEI quando afirmou que, se você escrever como Guimarães

Rosa, você tá FUMADO. Pra mim pareceu lindamente CORRETO, mas, para muitos outros, talvez tenha sido seu ÚNICO passo MAL CALCULADO.

Tiranias e epifanias à parte, não demoro em ADMITIR que OK: até senti alguns assovios de SABEDORIA escorregando dos frequentes GALICISMOS y FRANCOFONIAS do MESTRE. É necessário afirmar também que mais CONFRONTEI-ME com o que ouvi do que meneei cima-baixo a CABEÇORRA em concordância. Interessante deparar-se com idéias diversas: é certo que possuem efeito sobre os conceitos já pré-definidos que guardava em meu RÚBIO COCO. Os pequenos conflitos que travo agora vão me abrir novos caminhos, creio. Positivo tudo isso me parece – como se YODA dissesse.

Quanto aos demais debates, palestras, PAINÉIS e afins, não vi NADA.

Alguma rapeizo de leve

Na primeira noite precisei da ajuda do Pedro Mandagará pra encontrar a HOSPEDARIA onde ficaria, também conhecida como ALBERGUE DA JUVENTUDE ou, simplesmente, a MINHA POUSSADA. Carol Bensimon e Leonel Dorkboy, meus companheiros de jornada desde o SALGADO FILHO, estavam cansados e tão desorientados quanto eu – ou pelo menos assim me pareciam quando por lá chegamos.

Enquanto fumava o primeiro FUÁ no DECK à beira do rio na MINHA POUSSADA, tive a primeira conversa com Edgard, que me revela viver o SONHO de muito marmanjo por aí: é editor da revista SEXY PREMIUM. Gente fina o Edgard. Levou a rapaziada pra comer um troço num restaurante baratinho e pra dar uma banda BEM TRABALHADA por Paraty. Chamou na mais verdadeira função

de GUIA TURÍSTICO e aplicou um daqueles TOURS pra gringo. Sem cobrar UM CONTO. Gente fina o Edgard. Ainda por cima curte um drum'n'bass e lê a Knowledge.

No dia seguinte, durante o café, conheci o SILENCIOSO, um destes valorosos MINEIROS DE VERDADE. O tipo clássico: simpático e amistoso porém CALADO. Foi econômico nas palavras em todos os nossos encontros. Deu-me seu nome algumas vezes, mas, infelizmente, o diluí nas DROGAS e no ÁLCOOL. Caso chegue até aqui por quaisquer indicações, não se APOQUENTE: não fui capaz de guardar o nome de muita gente.

Guardei o nome de MARIEL porque é igual ao do MARYSCÔTTE, sensacional personagem vivido no cinema por JECE VALADÃO no seu auge. Idéias INCISIVAS e precisas: noção e acidez. Grande peça este baixinho iluminado. Chamava-me de André. Que nem o Paulo Scott, que só vi por lá em rápidas passagens noturnas, nas brechas de tempo em que podia levantar os olhos do CHÃO BIZARRO em busca de rostos conhecidos nas calçadas.

Numa dessas fui abordado pelo Bressane, em arranjos capilares pra lá de semelhantes – porém em outras cores. Sabendo do compartilhamento que temos de outros interesses em comum além da LITERATURA, é ele quem me alerta para o perigo com o qual lidei de forma INOCENTE até que aconteceu a USURPADA. Pelo menos ele tentou. Terron vi em flashes, resmungando, atravessando paredes. Marcelino e Marçal se materializavam em abraços constantes. Grandes simpatias.

Em circunstâncias que não me são muy claras conheci, finalmente, o Emílio, do GIVAGO. Grande parceiro de tragos, tragadas e trovas, lembro que pensou que o Caco Belmonte era TIRA, escapou – por mera casualidade – de DUAS duras dos HOMENS DA LEI e me desafiou no VIETNAM.

VIETNAM: É aquele clássico drink game de FRAT BOY, que consiste em:

1. abrir um BURACO no RODAPÉ de uma latinha de ceva;
2. encaixar o furo na BOCARRA;
3. abrir o anel de cima.

A idéia é beber todo o conteúdo da lata no GUTI – germanicamente conhecido como GUTI-GUTI. As regras são SIMPLES: quem não conseguir, PERDE. Acho que quem CONSEGUIR só DEPOIS do outro, também perde, mas aí já não tenho bem certeza por que não só perdi EU como também perdeu EMÍLIO: nenhum dos dois concluiu a tarefa com plenitude. Sobrou uma reba em cada. Merda.

De toda forma, Emílio é grande figura. Mais um grande amigo que tenho, e outro endereço a contatar uma vez descendo em São Paulo. Não sem antes chamar no ALÔ pra Clarah que vi pela primeira vez em ANOS e me parecia tão bem, tranqüila e bonita ao lado do MARIDÃO simpatia. Só não era a menos agitada na mesa porque nesta mesa também estava o GALERA lambendo PINGA COM MEL, todo mundo bebendo CASADO no famigerado BAMBUS de PARATY. Tainá gritava em tailandês e imitava chineses. JP recebia ligações. Eu tinha ido pra lá com o Fred.

Só no segundo dia consegui trombar com CUENCA e o LEAL amigo, amarelamente sentados em um BAR próximo à CASA DA CULTURA numa PÍCOLA multidoneta, todo mundo carioca. Suspeito que Brunas, Fátimas, Julianas e Cecílias acompanhavam a dupla – uma de cada, é claro. Quem me puxou uma cadeira foi o Ivan. Já de PRIMA lhe tomei simpatia pelo gesto – e por completá-lo com a oferta de um copo de cerveja. Mal sabia que passaria boa parte dos próximos dias BARBARIZANDO pelas ruas secu-

lares da cidade histórica ao lado do PENSAMENTO VIVO e REVOLUCIONÁRIO desta CUCA abençoada.

Quase na finaleira eis que surge o senhor SPOLADORE, ansiosamente desejoso de etilismos, canabinolismos y BUCETNYAK. Torcendo o ÉRRE desde o PARANÁ até a quase-GUANABAS, fracassou APENAS na última das três tarefas. Pena. Leve-se em conta que teve pouco tempo por apenas aportar na SEXTA. Acho que foi o mesmo dia que rolou o lance da OFF OFF OFF OFF FLIP, que o IZQ me falou, no BAR DO DINHO. O tal do debate sobre creative commons com a Clarah, a Ciça, o Ronaldo Lemos, da FGV-RJ e o Cláudio Prado, do MinC.

Descobri meio tarde demais que em algum ponto do CENTRO HISTÓRICO sofriam de SUDORESE ETÍLICA Tio Benva, Cazé e Delfin, todos concentrados no lançamento da K EDIÇÕES. Hermano e a Lila vi só de leve na noite, assim como a Taís e a Neca. Troquei pouco mais de uma dúzia de frases com o Inagaki, em momentos bastante solenes: um primeiro café da manhã na Pousada e alguns minutos de CAMPO E LAVOURA na televisão, entre o despertar de todos e o banco do ônibus de volta a São Paulo. Com o Aduino Leva, rapidamente, na despedida. Abanei pro Milton Ribeiro na sala de espera do avião.

Foram bons dias em Paraty, nem tanto pela cidade ou pelo evento, mas principalmente pelas boas pessoas que não eram de Paraty e por lá apenas passavam, tontas e tranqüilas como as boas pessoas sempre devem passar.

Daum daum daum no rai soçái

Faltei, sem exceção, a TODOS os eventos da NATA da FLIP. Não por BIRRA ou POSTURA, apenas por só ter ficado sabendo de sua

existência e/ou colocação no BINÔMIO tempo/espço MUITO DEPOIS de seu ENCAIXE na TRILHA.

O primeiro que perdi notoriamente foi o almoço na casa do ROBERTO MARINHO, que deve ter acontecido justamente enquanto ASSAVA meu LOMBO na interminável jornada pelo litoral PAULISTA rumo ao FLUMINENSE. Soube que alguns VAGABUNDOS, aplicando o tradicional GODÔ do eu sou da imprensa conseguiram BURLAR a barreira e alimentar-se às custas do IMPÉRIO. Eu não tinha crachá mas tinha LÁBIA e CONTATOS. Talvez tivesse algum SUCESSO.

Logo depois RODEI no comentado almoço na casa do (pelo menos para mim) ignorado PRÍNCIPE. Diz-me alguém que o referido NOBRE possui um tanto de ORLEANS & BRAGANÇA correndo em sangue nas veias, mas nada disso vi ou sequer SOUBE. Não me fizeram qualquer relato sobre supostas INFILTRAÇÕES neste evento, entretanto. Este IMPÉRIO ainda se faz respeitar, parece. Notável.

Passei batido por aquilo que se notabilizou por ter sido a primeira FESTA de fato dentro da FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATY. Nada mal para um evento em apenas SEGUNDA edição. De toda forma, foi algo como uma OPEN HOUSE ou HOUSE PARTY, sei lá como os gringos y GRÃ-FINOS chamam esse lance quando a gente abre a BAIÚCA onde vive pro deleite etílico da RAPEIZO coletiva. Ceva, uísque e vódega de grátis, reza a lenda. Durante UM tempo, complete-se. Oferecimento da Livraria da Travessa, comenta-se.

Nunca ouvi falar, admito.

Aconteceu no mesmo dia em que não só as ruas da cidade como também as camas da HOSPEDARIA estiveram vazias. Enquanto as pessoas bebiam, maconhavam e sabe-se lá DEUS que outros verbos conjugavam, eu levava um ATRAQUE na beira do RIO.

Sobre a pelada do CHICO, soube que o Galera recusou convite. Porra, eu teria aceitado. Principalmente pra dizer pro DE HOLAN-

DA que ele ABUSOU do vocábulo GLABRO em BUDAPESTE e do BOBDILANISMO vocálico na carreira musical. Mas reconheceria sua inegável habilidade de HOMEM DE LETRAS e lhe prestaria RESPEITOS.

Quer dizer, o cara pode até não saber CANTAR, mas chama na MAESTRIA no tocante ao que fazer com as PALAVRAS – e com QUAIS palavras FAZÊ-LO, o que quer que seja.

Ilustração ou dinâmica da verdade

Muito mais de meia noite estava comendo um XIS BACON numa feirinha quando o Edgard me apontou o Ian McEwan bebendo MILHÕES com sua mulher e outro MATE nas redondezas. Luís Fernando Verissimo me foi revelado apenas quando a HORDA que o envolvia anatomicamente em uma LUVA de GENTE empardeceu perante a chuva de FLASHES. Bebia na primeira noite ainda quando ouvi, uns dez bares pra LÁ, a voz e o violãozinho do Caetano Veloso acompanhados por um discreto coro. Do Chico Buarque só vi em JOTAPÉGUES nas DIGITAIS dos outros, e ouvi histórias sobre a obtenção de cada IMAGEM.

Soube que por lá passou até mesmo GUGU LIBERATO, repatriado agilmente para LITERATO no trocadilho do sobrenome.

Já eu não SUPERESTIMEI ninguém

Na verdade, se tu for pensar, é MUITO BOM que se SUPERESTIME, sim, a LITERATURA. Que se coloque na MÍDIA. Por que não? Que mal fará? Ajudará a vender MAIS LIVROS? Ninguém tá pedindo pra mudar NADA. Eu acho. Pra mim, pelo menos, nunca pediram e, se pedissem, não mudaria. Acho.

Quer ver uma coisa? Teve um dia que eu não acordei pra dar entrevista pra Folha, mas confesso que LAMENTO não ter me visto falando na GloboNews, na Band e nem em rápida aparição no Jornal Nacional.

Bastidores da restaurância

Uma coisa que aprendi rápido sobre Paraty é que se come BEM em todos os lugares, mas também se come CARO. Na esmagadora maioria dos MENUS, quase sempre expostos na frente dos estabelecimentos, o prato mais barato beira os TRINTA CONTOS. Isso no CENTRO HISTÓRICO: fora da CORRENTE, a tendência é o barateamento.

Preços à parte, de um modo geral, come-se muito BEM em Paraty: desde pratos de peixe e camarão até PFs de frango-arroz-feijão-e-salada, tudo é saboroso e farto. Pra ser bem sincero, me pareceram tratados da mesma forma os pratos de R\$ 32,80 e os de R\$ 6: tudo era sempre muito BOM, apesar da demora.

Esta é outra coisa que logo se aprende sobre a rede de restaurantes da cidade. Independentemente da CLASSE ou da LOCALIZAÇÃO do estabelecimento, em geral, o serviço é um LIXO. Não é difícil encontrar um lugar onde os garçons tem respostas ENGRAÇADINHAS para reclamações diversas e ninguém te traz sequer um CARDÁPIO se tu não pede AD NAUSEAM.

Vou dizer DE NOVO que a comida é quase sempre BOA e bem SERVIDA, mas, PORRA: demora MUITO pra chegar TUDO que se pede. Apesar disso, em TODOS os lugares, se cobra 10%. E se fica PUTO quando não se paga.

Nos bares, a preocupação é outra. Não adianta fazer o clássico SINAL de repousar a garrafa vazia ao lado do INVÓLUCRO plástico na mesa: ninguém substitui o REFIL da cerveja a menos que o cliente dê uma ordem EXPLÍCITA e CLARA e ainda pontue o pedido com um tom de ULTIMATO URGENTE do tipo pelamordeus, será que dá pra me trazer mais uma cerveja?

Às vezes, nem isso adianta.

Mas claro que toda REGRA tem suas exceções. No caso dos restaurantes de Paraty que frequentei, ela se chama Restaurante VAGALUME. Atendimento rápido e eficiente, bom preço, excelência em sabor, cerveja de 600 ml pelo mesmo preço das long-necks nos demais. Recebe o prêmio BECK DE OURO.

Acho justo fazer uma menção honrosa para o SABOROSO, bifê a quilo com qualidade superior, atendentes sorridentes e preços inacreditáveis. Talvez merecesse o BECK DE PRATA, mas como não foi discutido em reunião nem registrado em ATA, fica no SUSPENSE.

Parabéns, VAGALUME, pela boa comida, pelo preço e pelo CLIMA.

Na outra ponta da CORDA, pende perigosamente sobre o ABISMO o restaurante GINA, comandado por uma rapaziada CASTELLANA meio FRESCA, onde entramos para o GUINNESS de espera e insatisfação em um almoço num dia de chuva. Depois de sermos ignorados por mais de MEIA HORA por todos os garçons, ficamos OUTRA INTEIRA esperando pelos pratos, que vieram FRIOS e MIRRADOS. Na mesa ao lado, um casal que pediu frango recebeu peixe. Outro casal aguardou mais de QUARENTA MINUTOS para que lhe fossem servidas duas BATIDAS DE LIMÃO em lugar de CAIPIRINHAS.

Mereceria o BECK DE LIXO, caso existisse.

Ou de ORÉGANO, numa dessas, pela lógica do troço.

Não sei. Como não foi discutido em reunião nem registrado em ATA, fica no SUSPENSE, também.

Isso é pior que teatro de rua (©2004 Carol Bensimon)

Além de ter os MAIORES e mais bem alimentados VIRALATAS de todo o mundo, Paraty está INFESTADA com todo o tipo de neo-hippie-pós-moderno. Malabaristas do fogo e das BALISAS triplas,

poetas de RUA, atores de RUA, índios e rastas de RUA chegados num ARTÊ e até uns BICUÍRAS comercializando quinquilharias de CASCA e BARBANTE misturam-se aos desertores das URBES, que correram para o MATO e abriram seus ATELIÊS na esperança da cobrança de NOVENTA REAIS por um barbante pontuado de figuras de papier marché.

Um poeta de rua me disse, já no primeiro dia, que me ODIARIA para sempre porque eu não quis comprar (nem sequer CONHECER) seu trabalho. Na última noite, vi que o mesmo poeta interpretava qualquer coisa com um grupo de TEATRO DE RUA pouco antes do CARNAVAL DE RUA que reuniu toda essa rapaziada da RUA com os GRINGOS numa MUVUCA calorosa. Fiz bem em virar-lhe as costas: sua obra era CAIDAÇA.

Beberrama futebol clube

Paraty tem muito bar, mas é tudo praticamente a mesma cousa. Noventa por cento dos lugares te tiram R\$ 3 por cada LONG NECK consumida, apesar de anunciar no cardápio também a opção 600 ml. Os lugares verdadeiramente HONESTOS (e raros), possuem, de fato, a cerveja GRANDE, e vendem a pequena por R\$ 2,50. Nos mais HYPADOS, pode-se tomar uma long neck por até R\$ 3,50, e acho que só no BAMBU'S DE PARATY tinha GRANDE por R\$ 2,50.

Problemas, os de sempre: poucas cadeiras pra muita gente, demora incrível na providência do abastecimento de AMPOLAS, temperatura do FRIO ao AMBIENTE no frasco. Dificilmente se bebia algo realmente GELADO. No CENTRO HISTÓRICO, teve um dia que o Fred negociou com a garçonete um desconto de R\$ 0,20 por long neck que bebíamos, já que beberíamos por lá durante a noite INTEIRA. Mentira: depois de cinco ou seis rodadas, decidimos conhecer o tal do BEIJA-FLOR do qual Joca, Bressane e

Emílio haviam nos falado. Parece que havia DAS GRANDES pelo mesmo preço que pagávamos pelas PEQUENAS ali, deixando-nos portanto sem motivos para não ir.

Depois do BLECAUTE TOTAL, que se repetiu em menor intensidade e duração pela noite inteira, tomamos nosso novo rumo. Beija-flor? Era OK. À beira do rio/mar/laguinho-com-grama-e-areia-bizarro, tinha um clima agradável, era bem afastado do barulho e tinha um atendimento bem decente. Não lembro do preço da cerveja, mas tomei cerca de QUATRO. Tomei também uma CAIPIRINHA a R\$ 6,50. Copo de REFRI, não de MARTELO MÉDIO, o que é uma boa notícia.

Por ser à beira desse rio/mar/laguinho-com-grama-e-areia-bizarro, a VENTORRÉIA nos expulsou de lá, quando aproximou-se anunciando a TORMENTA que se AVIZINHAVA. Chegamos em casa poucos minutos antes da CHUVA, que ainda que tenha persistido durante alguns períodos do dia e da noite, não chegou a IMPORTUNAR OS BAGOS a fundo. Ralou de leve, rolou um LIGHT TO MODERATE TOAST. Número DOIS: torrada MÉDIA.

O BAMBU'S de Paraty era bem legal. Batizado assim pelos gaúchos devido à sua PARECÊNCIA com o correspondente portoalegrense (eu não achei, mas enfim), tinha preço bom, cerveja gelada, e ficava no MEIO do FERVE. Além do mais, acabava-se encontrando sempre uma porrada de gente por lá.

Tinha um BAR chamado CHE, referindo-se ao GUEVARA mesmo, com foto e tudo. Praticava no receptor mais capacitado uma espécie de IRONIA REVERSA: ainda que fosse o ambiente mais FANCY de TODA PARATY, com poltrona BRANCA e o caralho, não cobrava UM CENTAVO a mais que o resto dos bares pela MORDOMIA.

Que VACILO, pensei. Meu VACILO. Quer dizer: após enquadrar a NADEGAGEM e a PALETAGEM em retângulos de MADEIRA durante

vários dias, podia ter pago o mesmo preço pela cerveja sentado numa POLTRONA BRANCA. Grande ambiente acolhedor e COOL, foi um dos lugares que mais curti. Teria bebido mais vezes lá se tivesse entrado ANTES.

Logo que chegamos tomamos um trago de leve num tal de VAL'S LANCHES, encrustado na mesma rua do CHE, uns 200 metros afastado do EPICENTRO do CAOS. Também era bem decente, preço camarada e localização interessante. O que FUDIA tudo era o atendimento: LOUSY AS HELL, como de PRAXE na cidade. Em quase UMA HORA conseguimos, em CINCO, tomar, apenas, três cervejas.

No meio dessa IGUALÂNDIA GENÉRICA INSOSSA, o destaque vai prum boteco todo PROPOSTA administrado por uma rapeizo meio FRUTA que vendia CREPE quase na saideira da CORRENTE. Nos trouxeram cardápios, nos reabasteceram de cerveja – todas as vezes estupidamente geladas –, nos trouxeram cinzeiros, nos cobraram barato. Perguntamos até que horas nos atenderiam – até a hora que quiséssemos. O Rafa comeu um crepe de TRUFA que parecia culinária de FRANÇUÁ, com bordas SALPICADAS de CHOCOLÁ e tudo. Muy sofisticado e tranqüilo, mas mei CAÍDO pra passar mutcho tempo.

Ponto negativo é que mesmo que o atendimento fosse OK, a temperatura da cerveja BOA e o preço bastante HONESTO, seria mei BAD TRIP socar cinco marmanjo na solidão daquela CREPERIA ESCONDIDA pra caralho TODOS OS DIAS. Na saideira até vá lá, mas nem fomos. Acho que não achamos. Se pá foi isso.

A lenda malditona bragarái

Como reza a sabedoria popular, o cara tem mais é que procurar cidades LEGALIZE para curtir uma BRISA na moral. A primeira dica de que o HÁBITO não era muito APRECIADO naquelas

PARAGENS surgiu às 10h de uma quinta, quando o DONO da POU-SADA abordou Fred e Ivan logo após o blaze matinal com o incrível questionamento vocês estão fumando MÉRIRRUANA?

Diante do pedido de MANEIRAÇÃO, passamos a tostar na RUA. Parecia ser algo óbvio a fazer. Os pouquíssimos policiais militares depositavam seus esforços em patrulhar o ABSOLUTO NADA no CENTRO HISTÓRICO e coordenar o trânsito das BLAZERS cinzentas da Globo, que criavam caso pra entrar pelas ruas MAIS PROIBIDAS DA HISTÓRIA. O tempo todo.

Como não pretendíamos CHAVEAR o centrinho da parada, optávamos sempre pela DISCRIÇÃO das vielas na parte nova até que descobrimos o sossego absoluto da PRAIA. Este HORRENDO pedaço de areia que dividia espaço com a lama, cascalho e pronunciados TUFOS de grama era praticamente desabitado. Além disso, muito poucas formas de vida se deslocavam por seus domínios. Nem os CÃES chegavam até lá.

Pois bem.

Teve essa sexta que a gente descobriu um caminho INFALÍVEL: era só avistar a CORRENTE logo após a esquina da rua que dava pra bandeirola do MOACYR SCLiar à direita e seguir em frente. Parece que foi justamente embaixo DESTA bandeira que uma rapeizo havia DANÇADO dias atrás. Porra, fumar um no CENTRO HISTÓRICO, ainda mais debaixo de uma BANDEIRA é a MAIOR BANDEIRA. Concluímos deste evento que, se nos afastássemos bastante da bandeira do MOACYR SCLiar, estaríamos seguros.

Fizemos o mesmo percurso por cinco ou seis vezes sem maiores contratempos. Lá pela TERCEIRA, ali por umas SEIS e PICO da tarde, um VIGIA de MOTO deu-nos um certo CAGAÇO fazendo aparições regularmente SILENCIOSAS, sem qualquer desfecho SINISTRO, contanto. A noite já passava da metade e no beck restava apenas

o ÚLTIMO pega quando me passaram a BRASA. Antes de botar a PONTA na boca, esta voz estranha me solicitou a INCANDESCÊNCIA. Surpreso pelo que poderia vir dali, disse-lhe nada e soltei o artefato, que atingiu o chão silenciosamente, deixando todos sem palavras.

Todos menos este CIVIL à PAISANA, que em verdade podia ser apenas um CAIÇARA local, mas estava ARMADO e acompanhado de outros dois homens, que não sabíamos se estavam igualmente CALÇADOS ou não. Na dúvida, calamo-nos enquanto ele aspirava nervosamente o FLAGRANTE e dizia:

– Maconha, né? Tá todo mundo PRESO. E é melho vocêsish irem me passando tudo que vocêsish têm, pohque eu SEI que vocêsish têm maish. Se não me derem AGORA, eu vou revishtah. E eu sei que eu vou achah se revistah. Ou não vou? Me diz, mehmão. Se eu acha vai seh MUITO pioh pra vocêsish, hein? Vamulá, vamo me dando o que vocêsish têm aí, vamulá mehmão.

Todo mundo nega possuir algo EM CIMA, curvando-se em direção ao próprio BARRIGÃO e afastando as munhecas da CORPORAÇÃO. Eu decido entregar o meu BOCADO, que é tudo que de fato carregamos àquela altura. Viajei no PORTE, confesso. Pensei que era ONE HUNDRED PERCENT LIMPEZA. Me LASQUEI por CONFIAR na BENEVOLÊNCIA dos homens que vivem no LITORAL.

Os olhos do primeiro civil brilham ESTRELAS. Ele abre um sorriso maior que a LUA enquanto levanta a PARANGA na altura dos meus olhos:

– Tu sabe o que é isso aqui, mehmão? Isso aqui não é mais DEZESSEISH, não. Isso aqui é DOZE, mehmão. Isso aqui é TRÁFICO, mehmão. Isso aqui é o seguinte: TO-DO-MUN-DO em CANA. Elesh no DEZESSEISH, e tu, ALEMÃO – apontando o dedo no meio dos meus olhos –, tu no DOZE.

Ele puxa um PAR DE ALGEMAS.

– Mehmão, tu tem noção do que vai acontech contigo? Tu vai pra CADEIA. Como TRAFICANTE. E tu vai seh conduzido ALGEMADO. No camburão.

As pernas viram GELATINA. Procuro manter a calma enquanto ouço os argumentos contrários voando das GARGANTAS de meus companheiros. Dou início às LAMÚRIAS de que sou trabalhador, vim de Porto Alegre, sou jornalista, estou participando da FLIP, amanhã vou embora, vim fumar LONGE da cidade justamente pra não criar problema pra ninguém, e, além do mais, tanto ELE quanto EU sabemos que aquilo não é quantia pra DOZE nem aqui nem na CHINA. Dizemos que sabemos estar ERRADOS, mas que sua atitude também não é certa, perguntamos se podemos conversar sobre isso como HOMENS DE BEM.

:suspiro:

É uma pena não nos ser possível responder com SIM, MEU BOM HOMEM à pergunta ISSO QUE VOCÊS TÃO FUMANDO É MACONHA?

Ele pede um tempo para conversar com os outros dois, depois voltam os três e agora quem pergunta é este SEGUNDO, bem mais velho, de ÓCULOS, com pinta de ser algum tipo de CHEFE. Ele pergunta quem somos, pede pra ver identidades e crachás e descobre que somos, de fato, quem dizemos ser. Depois esbraveja durante algum tempo sobre o CRIME ORGANIZADO e manda todo mundo se fuder.

Novamente os três se reúnem, agora com posse das carteiras de identidade de TRÊS de nós. O primeiro nos diz para não tentar fugir porque em quem fugir ele ATIRA – e acrescenta que não costuma errar. Alguém comenta que eles não são policiais. Podem até não ser, mas estão ARMADOS e são LOCAIS. Não temos

qualquer chance de reagir. O primeiro vem novamente me pedir um À PARTE. Deslocamo-nos uns vinte metros tanto dos supostos policiais quanto dos ENQUADRADOS e então recebo a ESPERADÍSSIMA mordida, em seu PRIMEIRO MOVIMENTO:

– Mehmão, vô dá uma idéia pra tu: não tem jeito de liberar vocêish, não. Eu, poh mim, até liberava. Mash osh colegash tão querendo levah vocêish pra delegacia. Não sou só eu, somosh nóish trêsh... eu não posso fazeh nada.

– Porra, mas tem que ter um jeito, eu tenho que voltar pra Porto Alegre, cara, amanhã tu nem vai ver mais meu rosto aqui na tua cidade.

– Mehmão – ele tropeça num riso curto – você não tá entendendo. Você não vai voltar pra Pohto Alegre NUNCA MAISH. Você devia teh pensado em tudo isso que você tá me dizendo antesh de teh feito isso que você feish. Você tá preso...

E foi neste momento PRECISO, neste RECORTE de vida, na exatidão da continuação dessa frase, que ele finalmente se entregou, e admitiu ao que se PROPUNHA. Vestiu a CARAPUÇA:

– ...queh dizeh, A PRINCÍPIO, todosh vocêish estão presos... mas eu vou ali falah com osh colegash, tento ligah pro CHEFE pra veh se dá pra fazeh alguma coisa e aí a gente fala.

Voltei aos MEUS, ele aos DELE. Em segundos ele me chama de volta pro mesmo AFASTUME de antes. Parece mais calmo e um tanto nervoso quando faz a proposta. Diminui o tom de voz, que passa então a ser TRÊMULO, olha para os lados e movimenta muito as mãos.

PREVEJO e acerto quando PRESUMO O SEGUNDO MOVIMENTO:

– Aí, ó: vou te dah uma idéia. Pra livrah vocêish dessa, o CHEFE falou que, no mínimo, é TRÊISH PAU.

– TRÊS MIL? – Me pronocio e AGRAVO. – Sem condições. Nem se tu juntar as contas de TODO MUNDO no BANCO chega na METADE disso aí, rapá. Tu tá louco. Tu sabe quanto ganha um jornalista?

– E tu sabe quanto ganha um policial?

– Se tu me disser que é mais que R\$ 700 eu vou querer prestar concurso pra INSPETOR – minto.

Ele olha para os COMPARSAS sentindo que não vai se dar bem. Eu insisto na CHORUMELA:

– Com essa grana eu mal pago meu aluguel, minha água e luz e faço as compras do mês, meu véio... Eu só vim pra cá a trabalho, com o dinheirinho CONTADO dado pelo JORNAL, com passagem comprada de ida e volta e hospedagem no ALBERGUE, senão não tinha como. E a rapaziada ali tá na MESMA, meu véio. Olha pra gente.

Estou de camisa FURADA, tênis rasgado, as mesmas calças que venho usando há 45 dias, barba à la MINDINGO e bafo de TIGRE. Ele resmunga, volta os olhos pro chão, depois pra mim e então finaliza:

– Ó, SANGUE, vou te dah uma idéia: nóish vamosh te liberah. Maish eu só tou fazendo isso pohque tu foi HOMEM e, na hora que eu te pedi, tu me deu a coisa e seguiu tua bronca. Tu admitiu que tava errado, tu ficou na HUMILDADE e não tentou te cresceh em cima da gente, então vou te liberah. E tem o seguinte, mehmão: se eu te prendo, eu tenho que te levar até ANGRA. Tu fica pelo menosh uma noite no PRESÍDIO. Já pensou tu no presídio? Tu, um cara eshclarecido, desses que pensa, no presídio por causa dessa beshteira. Depoish, tu ainda tem que voltah dali uma semana pra cá, pra ih falah com o juish, e eu tenho que ih junto em todosh essesh lugaresh, e fichah até o

final, até esse negócio acabah. Isso aí fode comigo e fode contigo, entendeu?

Entendi. Pegamos nossas identidades e voltamos a Paraty, que termina de engolir os dois grupos em seu silêncio SECULAR: a rua por onde viemos agora é DELES. Vamos descobrir uma nova entrada. Pelo resto da noite, seríamos quase só silêncio. Apesar da frieza com que encarei o TUFO, as pernas só foram parar de FORMIGAR muitas horas mais tarde. Nos dias seguintes, pouco ou nada falamos sobre o assunto.

Foi uma RUPTURA horrível, é fato. Uso até um clichê para entender que, ainda que eu tenha saído de Paraty, depois dessa, Paraty jamais vai sair de mim.

Estou no Beto Carreiro World

Durante o TOUR pela cidade, na primeira noite, em companhia do Edgard, ouvi a famigerada história sobre como Paraty era o principal PÓLO por onde todo o OURO do país escoava durante o período COLONIAL. Fui perceber nos dias seguintes que ECOAVA em outras gargantas a mesma história de que a cidade foi construída por MAÇONS dentro de um esquema de GUERRILHA semelhante ao adotado modernamente pelas FAVELAS do MEU BRASIL.

Todas as ruas, apesar de perfeitamente paralelas, são levemente CURVAS. Os pedregulhos dispostos de maneira irregular no chão, em uma diagramação conhecida como PÉ-DE-MOLEQUE, dificultam a caminhada. A paisagem é, basicamente, a MESMA o tempo inteiro. Não há variações no horizonte: os casarões brancos são rigorosamente iguais. O tédio voltemeia é quebrado por uma praça, uma igreja. Fora isso, não importa o quanto se caminhe, sempre se tem a impressão de que é a PRIMEIRA vez que se está naquele lugar – no qual, em verdade, já se pas-

sou mais de QUATRO VEZES. Eu mesmo fiquei LOUCO quando passei TRÊS vezes ao lado de uma loja chamada MIOSÓTIS enquanto tentava encontrar a MINHA POUSADA.

Essa peculiaridade da arquitetura da cidade explica-se pelo fato do OURO atrair todo tipo de PIRATA, CORSÁRIO, BUCANEIRO e demais FILIBUSTEIROS à localidade. Na época do CICLO DO OURO, a disposição citadina, portanto, tinha como finalidade única dificultar o ACESSO para o INVASOR e facilitar para o NATIVO. Interessante como HISTÓRIA, este LABIRINTISMO na prática é um SACO para o vivente que tenha se afastado demais do seu POUSO e possua baixo senso de orientação, como EU.

Os traços MAÇÔNICOS estão por toda a parte, nos símbolos gravados nas fachadas dos prédios, em quadros pendurados em estabelecimentos comerciais e até num MONUMENTO de um COMPASSO no micro-trevo de acesso a Paratas City. Em uma noite de troca-pernas por aí, JP aponta nossas atenções para o fato de que, em TODAS as esquinas, três CORNERS exibem a PEDRA nua nas vigas de sustentação, enquanto a QUARTA mostra-se pintada e LISA. Caminhos secretos dos seguidores dos 33 mandamentos? Jamais saberemos: outra noite tentamos seguir um deles e nos PERDEMOS. Miseravelmente.

Na prática, a cidade divide-se em DUAS.

1) *CENTRO HISTÓRICO*

2) *PERIFERIA*

O CENTRO HISTÓRICO corresponde a algo entre 85% e 70% da área TOTAL de Paraty, e é separado da PERIFERIA por CORRENTES. É onde a cidade se ENFEITA para receber a FLIP e onde tudo acontece: espetáculos, debates, encontros, OITO REAL por 250 ml

de cachaça da terra, VINTE E QUATRO de couvert artístico. Não por TUDO, claro, mas em determinados locais. O principal atrativo são as igrejas, os casarões e os pedregulhos COLONIAIS que eles chamam de RUA. Estão lá há SÉCULOS, do mesmíssimo jeito que os índios PREADOS pelo meu TATARAVÔ construíram. Essa última parte, segundo Caco Belmonte.

Para orientar os INCAUTOS em seus passeios pelo CENTRO HISTÓRICO existem MAPAS. É lá que ficam as bandeiras com os nomes dos escritores convidados do evento. Também é onde se concentra a maior parte da população flutuante da cidade nestes dias de FLIP.

Ao atravessar as CORRENTES, entretanto, as coisas mudam SENSIVELMENTE. Do lado de fora do centro, numa área cerca de 3 a 4 vezes MENOR do que a parte antiga, acumulam-se casebres, a rodoviária, bancos e algum comércio ao longo de estreitíssimas vias. Basta deixar o CENTRO HISTÓRICO para começar a ouvir RAP borbulhando de todos os cantos.

Apesar de (ou talvez justamente por) ter sido construída às voltas do CENTRO HISTÓRICO, a PERIFERIA não é menos confusa que o resto da cidade, com a notável desvantagem de ser ainda PIOR sinalizada. Resumo da história é que, apesar do tamanho, é MUITO difícil BOBEAR pela cidade sem ficar MUITO perdido, tanto na parte NOVA quanto na parte VELHA.

Melhor teoria sobre o assunto veio – provavelmente – do Emilio, que disse que as pessoas se perdiam porque ficavam olhando onde estavam PISANDO e acabavam não prestando atenção nas possíveis referências do caminho.

Única BRONCA que eu tenho é que apesar de parecer um PARQUE TEMÁTICO (e, em alguns sentidos, de fato o ser), acho muito chata essa mania de querer cobrar OS OLHOS DA CARA do turista

só porque ele é turista. Tá certo que o cara que quer pagar NOVENTA PAUS por um barbante com uns POM-PONS de papel tem mais é que ser EXTORQUIDO, mas R\$ 60 por uma porção MUQUIRANA de CAMARÃO é SACANAGEM.

Bad trip/ Good trip

É um verdadeiro SUPLÍCIO chegar a Paraty. Tive de pegar todo o tipo de meio de transporte para atingir meu objetivo. Carona com o FLAVITO até o aeroporto na ida, às 3h30min, táxi na volta às 5h. Vôo tranquilo e DIRETO da BRA às 4h na ida, vôo tumultuado, atrasado e escalado em RIBEIRÃO PRETO da BRA às 2h (marcado para às 23h59) na volta.

Do aeroporto de GUARULHOS, na chegada, pegamos um ônibus fretado pela BRA até o terminal da BARRA FUNDA da rodoviária de São Paulo. Outro destino possível seria o aeroporto de CONGONHAS. Consigo sentir cada CASCALHO no chão devido ao amortecimento INEXISTENTE no veículo. Penso diversas vezes que o motorista, um nordestino velho e muito mal-humorado, vai virar o ônibus. Penso outras tantas que vamos bater.

Só aventuras.

No guichê da REUNIDAS PAULISTA, somos informados de que nosso ônibus em direção a Paraty não sai de lá, mas sim do TIETÊ. Por sorte, este mesmo funcionário que nos DROPA a bomba também nos auxilia sorridente e calmo, enquanto semicerra os olhos compreendendo nossa confusão estrangeira. Tomamos o metrô até a Sé, onde trocamos de LINHA, no sentido TUCURUVI. Menos de vinte minutos depois, estamos onde deveríamos ter estado desde sempre. O serviço do metrô de São Paulo é mesmo EXCELENTE. A observação da paisagem do trecho terrestre nos mostra que estamos VOLTANDO.

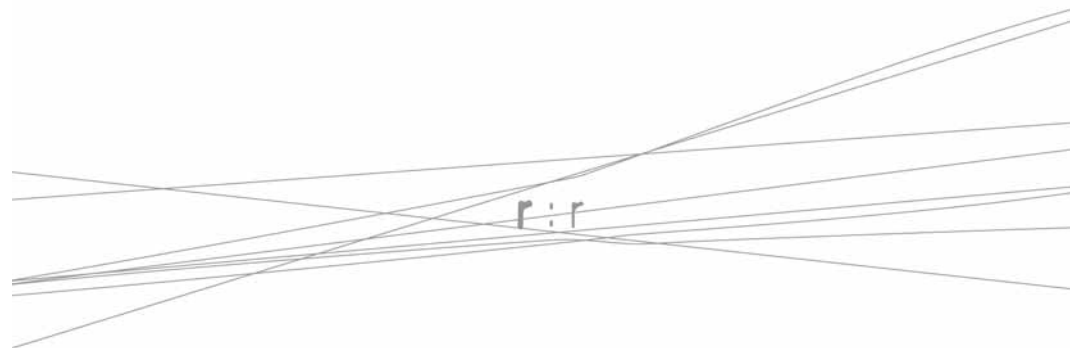
Do TIETÊ pro AEROPORTO, na volta pra casa, nos sobra a opção de um ônibus executivo de R\$ 23,60 para chegar, em cerca de 40 minutos, à mesma Guarulhos que igualmente vimos pelas janelas voltando de Paraty. Foi o melhor transporte que pegamos em toda a JORNADA, incluindo aí os apertadíssimos e chacoalhantes BOEINGS da BRA, empresa pela qual JAMAIS viajo novamente – apesar do preço e dos LANCHINHOS, surpreendentemente melhores que os da GOL.

Nos dois sentidos, de São Paulo-Paraty e Paraty-São Paulo, o mesmo HORROR: seis horas COZENDO o NADEGUETO no calor e CURVANDO os joelhos na TORTURA para vencer 330 quilômetros. Na ida, um quarteto de ninfetas HIPPIES fuma CARLTONS e similares clandestinamente no banheiro. Me HORRORIZO um tanto com o maltratado e tedioso LITORAL paulista, que não acaba JAMAIS.

Na volta, encerro-me num grande sono antigo e os acontecimentos parecem correr mais depressa. São pouco mais de 15h30min quando chego em SAMPA no domingo: passarei quase DEZ horas no aeroporto.

Só faltou andar de BARCO.

Eu devia saber que ir por São Paulo é BAD TRIP: ano que vem faço BALDEAÇÃO NO RIO.



Instantâneo de um indivíduo indefinível

Ronaldo Bressane

Pergunte a qualquer leitor razoavelmente interessado em literatura digital e terá a mesma resposta. *Cardosonline* (<http://www.cardosonline.com.br>) foi o mais influente dos e-zines nacionais. “Nem acho que é a MELHOR coisa que já fiz, mas, sem dúvida, foi a que teve MAIOR repercussão”, afirma André Czarnobai, vulgo CARDOSO, apelido que deu nome ao periódico. “Até hoje recebo pedidos de assinatura do zine, que acabou há mais de três anos. O *COL* ajudou a dar uma bela visibilidade pra muita coisa que vinha sendo feita (primeiro em Porto Alegre, depois no PAÍS) e que não chegava aos meios de comunicação convencionais”, prossegue ele. Verdade. Fundado pelo ruivo em 1998, o *COL* chegou a ter 5 mil assinantes – isso, na época pré-blog, era um ESTOURO de acessos. Liderou uma onda de e-zines editados por autores talentosos e postou Porto Alegre definitivamente como um dos epicentros da NOVA literatura brasileira, ao lado de São Paulo.

OPS. Esse negócio de estourar idéias em caps lock é um vírus (obs.: na presente edição, preferiu-se usar versaletes em lugar das caixas-altas). Deve ser algo religioso: “Deus fala em caps lock”, escreve Cardoso no conto “Lôcha”. A obsessão temperou o estilo do dono do blog *Tripa nelas tudo* (<http://www.insanus.org/cardoso>), a suceder o bem-sucedido mas finado *One hundred percent chongas*, que veio na seqüência do *COL*.

Falar neste, e já que o assunto Cardoso permite circunvoluções, voltemos: o e-zine foi tão feliz pelo divertido e inusitado *blend* de crônica, caso gaúcho, ficção e jornalismo gonzo (evolução hipersubjetiva do chamado *new journalism*, gênero criado pelo repórter norte-americano Hunter S. Thompson) apresentado na maioria dos textos – para falar com generalismo – que rapidamente pulou das homepages às páginas em papel pólen. Do *COL* saíram autores reconhecidos por público e crítica, como Clarah Averbuck (*Máquina de pinball*), Daniel Galera (*Até o dia em que o cão morreu*), Daniel Pellizzari (*Dedo negro com unha*) e Marcelo Benvenuti (*Vidas cegas*). Faltava ser publicado seu editor, o exemplar mais galhofeiro e grafômano da trupe (pela quantidade de posts em seu blog nota-se que às vezes Cardoso não deve tirar as nádegas da frente de seu HD o dia inteiro).

Eis aqui uma coletânea dos melhores e mais BIZARROS momentos da vida internética de Czarnobai, 41 exemplares de uma prosa não-identificada (ainda bem). E tocando no assunto caixa-alta: seu *capsloquismo* consiste, segundo o próprio, em: 1) dar ÊNFASE às palavras, aproximando o que se escreve do que se FALARIA; 2) destacar NEOLOGISMOS e termos pouco usuais. Deve ter a ver com o sotaque gaúcho, que acentua subitamente algumas expressões; deve ter a ver com os tiques lingüísticos próprios aos webescritores; deve ter a ver com repentinas mudanças no humor de um ser já muito humorado. Mas não é só disso que vive a lúbia digital deste descendente de poloneses. A facilidade em escrever na primeira pessoa sob as mais variadas carapuças é outro traço marcante.

Parêntese: não é qualquer um que, sob a primeira pessoa, escreve como muitos. O que distingue a linguagem de um

Cardoso do tsunami de subjetivistas que invadiu as livrarias nos últimos anos é justamente uma percepção sobrenatural do leitor. Mesmo nos textos em que seu EU está mais próximo do autor – como no último, “Experiência”, quase-crônica sobre seus dias na 2ª Festa Literária de Paraty –, a sensação que se tem é que sua pena não deseja apenas fazer cócegas no próprio umbigo. Interatividade é a chave para compreender esse escritor criado por *https* e alimentado por *comments*. Cardoso sustenta um impulso quase suicida de se jogar para cima do leitor. Divertimento alheio – e aí subentendam-se joquérias do calão mais baixo (os mais variados trocadilhos bestas) ao mais alto (seus koans, por exemplo) – faz a diversão deste emérito contador de causos. Seu texto tem apetite tanto por neologismos de própria lavra como da gíria mais malaca, subjargões da internet e palavras pomposas, ritmos ruidosos e períodos ornamentais, anglicismos e gauderismos, parágrafos rebuscados e frases lapidares (do tipo “A partir daí, sigo em frente, esquecendo do metro anterior a cada metro seguinte.”). Assim, o tal CAPSLOQUISMO acaba até por esconder, em sua garrafalidade, sua variedade de repertório lingüístico. O que dá num estilo ao mesmo tempo único e disperso.

A temática não é das mais apreciáveis por quem escreve romances como quem cultua begônias ou senóides (vide o professor Milton Hatoum ensinando a blogueiros na Flip com quantos flaubertismos se forja uma ficção, em “Experiência”). Sexo sujo, surrealismo portátil, escatologia adolescente, psicodelia infame, apetite por auto-escárnio e uma invulgar tendência à cultura inútil e preocupações com assuntos fuleiros (receitas de sanduíches, cães no cio, patos se bicando, cigarros perdidos, pufes marrons, o sentido da vida) – disso é feita a literatura de Cardoso, com todo o

nonsense e falta de seriedade que pode haver e deve ter. Isso posto, vemos o que se oculta por trás das caixas-altas.

Jamaicanismos de um polaco

André Felipe Pontes Czarnobai nasceu em Porto Alegre em 1979, onde vive. Tem 1,90 m de altura e 1,10 m de perna (“perco por POUCO pra Ana Hickmann”), 44 de pé, menos de um grau de miopia e pesa aproximadamente 75 kg. Já acreditou em casamento, mas no momento vive uma crise da fé no matrimônio: “Eventos ocorridos nos últimos três anos indicam que funciono muito melhor sozinho”, reclama. Seu temperamento muda de acordo com a situação, o lugar onde está e as pessoas que estão com ele, mas, em geral, é “EASY-GOING e não provoço distúrbios”. No tempo em que havia uma esquerda, Cardoso tinha tendência a se identificar com aqueles ideais, “mas como hoje as coisas estão EMBOLADAS, prefiro acreditar em fatos concretos. Ainda assim votei no Lula. Coisa de JOVEM”. Só votou porque foi obrigado. “Não fosse, me excluiria contente do PÍFIO debate político deste país. Forçar as pessoas a tomar uma decisão é o jeito mais errado de conduzir esse processo”, afirma, peremptório, sempre. Ostentando, atualmente, março de 2005, cerca de 666 amigos no site de relacionamento *Orkut*, Cardoso crê oscilar “entre períodos de POPULISMO e temporadas bancando o ERMITÃO. De tempos em tempos preciso de silêncio, sossego e preguiça pra botar as idéias em ordem”, seja lá o que isso for. O que mais gosta no mundo é, como se poderia esperar de um verborrágico grafômano e mentiroso contumaz, “contar história, ouvir história e fazer história (não necessariamente nessa ordem)”. Desencanado com fashionices, dificilmente gasta mais de R\$ 100 em uma única peça de roupa.

O escritor jura que bebe cada vez menos e não fuma há muito. Posiciona-se a favor da descriminalização das drogas, porém. “Mantê-las proibidas não vai diminuir o consumo, por mais que se aumente a repressão”, diz. “*Guerra contra as Drogas* é a opção mais burra feita pelo mundo no último século. Fere as liberdades individuais, cria um poço sem fundo de gastos astronômicos e sustenta de forma inesgotável um submundo do crime cada vez mais organizado e articulado. No Brasil, entretanto, esse é um assunto que vai além das vontades dos intelectualóides e libertários. Realmente precisamos liberar o consumo de cocaína em um país onde milhares morrem todos os dias em acidentes de trânsito? Precisamos facilitar ainda mais o acesso às substâncias alteradoras da consciência? O erro fatal é o tratamento que se dá à droga, como se fosse um problema de segurança. É um problema de SAÚDE e EDUCAÇÃO”, discursa. O tema, como se nota em seus textos, lhe é caro. Cardoso acha que a todo mundo deveria ser permitido experimentar todo tipo de droga. Quanto à maconha, sua posição é radical. “É bizarro aceitar que, da mesma forma que se proíbe o consumo de uma planta que pode ser fumada sem passar por nenhum tratamento químico, se permita o consumo de outra, à qual se adicionam quantidades formidáveis de agentes artificiais. A pior parte é obrigar o usuário a contribuir com o TRÁFICO para ter acesso a uma coisa que ele próprio poderia cultivar no quintal, sem causar danos a ninguém além dele próprio. É tudo uma questão política: qualquer um pode descobrir que a proibição mundial da maconha só vem atender a um capricho bobo dos YANKEES e está diretamente relacionada à sua ECONOMIA”, finaliza.

Mudando de pato pra ganso, o contumaz narrador, praticante de nataçao e yoga, adora viajar ao Rio – “estive na cidade

três vezes INACREDITÁVEIS: já fui dividindo 30 pastéis com meu irmão num ônibus, comendo spacecake com uma banda num motorhome e mascando amedoim apertado em vôos populares”, diverte-se. Para pagar o aluguel, jornalismo: “seja na ingloria pele de redator ONLINE ou na delícia suprema de repórter freelance de REVISTA”, traça. Ele ainda levanta uns cobres com o projeto de música eletrônica ORGANIZERS, discotecando em festas, produzindo jingles, trilhas e spots para TV e publicidade. E também faz dublê como modelo de comerciais, “geralmente nos papéis de ‘gringo’, ‘nerd’ ou ‘exótico””, ri. Recentemente vem prestando serviços de tradução e ilustração. Para massagear os tímpanos no meio de tanta atividade, ouve “JAMAICANISMOS obscuros (dub, dancehall, raggamuffin) e REGGAETON, que é o ragga cantado em espanhol, nascido em Porto Rico e forte em várias nações latinoamericanas”, explica. Em cinema, para se divertir, “o filme tem que ser ou de NEGÃO ou de COMÉDIA”. Gostaria de morrer do jeito que nasceu: “sem saber, dormindo, de supetão, num piscar de olhos”. Entre seus predicados, como o leitor há de ter notado, está o de falar demais: “conto várias e várias vezes a MESMA história”. Mas, mais deplorável que isso, só sua “SÍNDROME DE TIM MAIA. Marco muito compromisso e não apareço”. Qual é a maior extravagância que já fez? “Depende muito do teu conceito de extravagância. Pra muita gente, TUDO que faço pode ser extravagante. Pra MIM é tudo normal”, admite.

Cardoso gosta mais de escrever do que de ler, mas revela-se leitor de Hunter S. Thompson, Rabelais, P. J. O'Rourke, Antonio Maria, Leon Eliachar e os Verissimo. Se tivesse que citar somente um livro, seria *Pilatos*, de Carlos Heitor Cony, “uma das coisas mais engraçadas que já li”. Definiria seu estilo como “Indefinível: gostaria de ouvir as definições que outros têm e aposto que

“surrealismo” será campeã no número de aparições, mas acho que não tem NADA a ver”, suspeita. Da literatura contemporânea, Cardoso admira o carioca JP Cuenca de *Corpo presente* e o baiano João Filho de *Encarnizado*. Entre os projetos transformar uma narrativa longa chamada *Supercomunismopracaralho* em HQ, ao lado do cartunista Allan Sieber, e encerrar as narrativas *Lemniscata* (“no qual uma JORNADA muito bizarra é empreendida por duas personagens”), *Fúria gentil* (“sobre a apatia”) e *Águas Internacionais* (“sobre um cara que toma um porre e acorda a bordo de um navio”). Entre dez críticas positivas de seus textos, escritas por dez luminares, ou cem mil exemplares de seus livros vendidos, prefere as duas coisas. “Acho possível. Mas, se tivesse que escolher só UMA, os cem mil. Contanto que EU não precisasse me vender e que o texto contido em cada um destes volumes fosse a mais sincera expressão daquilo que eu queria dizer naquele momento”, encerra. PONTO.

Risco

Nos dicionários, a palavra *risco* guarda vários significados: *risco* é qualquer traço em cor (isso liga o termo à arte do desenho) ou qualquer sulco pouco profundo na superfície dos objetos (podendo ser, na gíria da malandragem, facada ou navalhada). É também o delimitamento ou o traçado de algo, o projeto ou o plano de uma construção arquitetônica, a linha do horizonte visual ou geográfico. Significa, ainda, perigo ou possibilidade de perigo, como na expressão “correr o risco”.

Ruído

Como a anterior, esta palavra (que nasceu do vocábulo latino que significa rugido) também apresenta inúmeros sentidos: nos dicionários, ruído é “o barulho provocado pela queda de um corpo”, também significando o mesmo que estrondo, alvoroço, escarcéu e, na gíria, boato. Para a Teoria da Informação, ruído é todo evento (sonoro, visual, tátil) que atrapalha ou impossibilita a comunicação.

Risco : Ruído

Dois substantivos de grafia parecida (cinco letras cada) para designar duas coleções distintas, porém com certas características em comum. A primeira coleção, *Risco*, abrigará a ficção e a crítica feita pelos novos autores e ensaístas, ou seja, a produção dos que estão correndo riscos, ao riscar com o seu estilete o verniz da literatura mais bem-comportada. A segunda coleção, *Ruído*, reunirá os autores que, já mortos (canonizados ou não), deixaram obra igualmente ruidosa, perturbadora e provocativa.



OUTROS TÍTULOS:

01 | *GOZO FABULOSO* : PAULO LEMINSKI

02 | *O NATIMORTO* : LOURENÇO MUTARELLI

03 | *A IDÉIA DE MATAR BELINA* : LUIZ LOPES COELHO

04 | *PHUTATORIUS* : JAIME RODRIGUES

05 | *POR QUE A CRIANÇA COZINHA NA POLENTA* : AGLAIA VETERANYI

06 | *ESTUDOS DE INTERIORES PARA UMA ARQUITETURA DA SOLIDÃO* : CECÍLIA PRADA

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS:

07 | *DEDO NEGRO COM UNHA* : DANIEL PELLIZZARI

Esta obra foi produzida, em 2005,
pela editora DBA. As tipologias
empregadas foram Blur Light e
Veljovic. O papel utilizado para o
miolo é Pólen Soft 80g da Suzano.
Impresso em São Paulo pela
Geográfica.